



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



MICAELA PAFUME COELHO

FERDINAND DE SAUSSURE: ENTRE A LÍNGUA E AS LÍNGUAS

Uberlândia, Minas Gerais

2019

MICAELA PAFUME COELHO

FERDINAND DE SAUSSURE: ENTRE A LÍNGUA E AS LÍNGUAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Silveira

Uberlândia, Minas Gerais

2019

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C672 Coelho, Micaela Pafume, 1990-
2019 Ferdinand de Saussure: entre a língua e as línguas [recurso eletrônico] / Micaela Pafume Coelho. - 2019.

Orientadora: Eliane Mara Silveira.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2512>
Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Silveira, Eliane Mara, 1965-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese de Doutorado				
Data:	17 de dezembro de 2019	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	11623ELI008				
Nome do Discente:	Micaela Pafume Coelho				
Título do Trabalho:	Ferdinand de Saussure: entre a língua e as línguas				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Ferdinand de Saussure e a Linguística Geral: da elaboração de seus conceitos aos seus efeitos				

Reuniu-se no Anfiteatro/Sala 213, Campus Santa Monica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Marcen de Oliveira Souza - ILEEL/UFU; Stefânia Montes Henriques - ILEEL/UFU; Maria Fausta Cahyba Pereira de Castro - UNICAMP; Luiza Ely Milano - UFRGS; Eliane Mara Silveira - PPGEL/UFU, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Eliane Mara Silveira, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Mara Silveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 10/01/2020, às 11:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Stefania Montes Henriques, Usuário Externo**, em 10/01/2020, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcen de Oliveira Souza, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/02/2020, às 22:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro, Usuário Externo**, em 19/02/2020, às 14:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiza Ely Milano, Usuário Externo**, em 19/02/2020, às 17:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1804619** e o código CRC **C5C6165A**.

Buscando o sentido

O sentido, acho, é a entidade mais misteriosa do universo.

Relação, não coisa, entre a consciência, a vivência e as coisas e os eventos.

O sentido dos gestos. O sentido dos produtos. O sentido do ato de existir.

Me recuso a viver num mundo sem sentido.

Estes anseios são incursões conceptuais em busca de sentido.

Pois isso é próprio da natureza do sentido: ele não existe nas coisas, tem que ser buscado, numa busca que é sua própria fundação.

Só buscar o sentido faz, realmente, sentido.

Tirando isso, não tem sentido.

Paulo Leminski

AGRADECIMENTOS

A escrita desta tese ocorreu em meio a um momento de grande desilusão com a pesquisa linguística. Parecia-me completamente improdutivo pensar sobre o tema aqui apresentado, em um momento histórico-nacional e pessoal em que as questões sociais e políticas se faziam – e se fazem – tão mais urgentes. Entretanto, no meu percurso de escrita, encontrei o incentivo e o apoio de pessoas que admiro. Assim, agradeço à minha orientadora Prof^a. Dr^a. Eliane Silveira, por me orientar, por entender o meu tempo e, tão forte e sutilmente, me estimular a continuar. Agradeço, também, ao Prof. Dr. Pierre-Yves Testenoire, pela orientação e acolhimento junto à *Université Denis Diderot* (PARIS 7) e ao *Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistique*. Sou grata à Prof^a. Dr^a. Maria Fausta C. Pereira de Castro, à Prof^a. Dr^a. Núbia Rabelo Bakker Faria e ao Prof. Dr. Marcen de Oliveira Souza, pela leitura atenta dos meus textos nas etapas de qualificação; à Dr^a. Stefania Montes Henriques, pela amizade, pelos conselhos e pela discussão de diversas ideias. Agradeço ao Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (GP_FdS/CNPq), por me proporcionar uma formação pautada em princípios éticos de pesquisa e por me permitir trocas tão relevantes; ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pela estrutura, pelos ensinamentos e pelo ambiente que me possibilitou um crescimento acadêmico e profissional; e à *Bibliothèque de Genève*, pelo acesso aos manuscritos de Ferdinand de Saussure. Deixo minha gratidão também ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), por me conceder o afastamento integral das atividades, de acordo com a portaria nº 336, de 10 de fevereiro de 2017, bem como à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelas bolsas de doutorado e de estágio sanduíche, respectivamente de acordo com os processos de nºs. 88882.429094/2019-01 e 88881.190156/2018-01. Agradeço aos membros da minha banca de defesa, por estarem presentes e contribuírem para a etapa final de meu doutoramento. Por fim, sou grata à minha família (humanos e cachorros), pela paciência, pelo apoio, pelo carinho e pelo amor.

RESUMO

O conceito de língua delimitado por Ferdinand de Saussure e levado a público por meio do *Curso de Linguística Geral* (CLG), em 1916, pode ser considerado como um divisor de águas na história dos estudos linguísticos. A partir dele, foi possível conceder autonomia à Linguística, outorgando a ela seu lugar entre as ciências modernas. Entretanto, com a recepção do CLG em vários lugares do mundo, ao longo do século XX, estabeleceram-se algumas críticas direcionadas a esse conceito saussuriano, muitas das quais se constituem a partir da consideração da língua como um objeto estritamente formal que se afasta da relação com os fenômenos empíricos e sociais. Contudo, a nosso ver, no conteúdo do próprio CLG é possível notar que a delimitação da língua enquanto objeto de estudo da Linguística não se dá sem relação com os fatos instituídos socialmente. Isso pode ser percebido quando Saussure evoca, deliberadamente ou não, as línguas particulares em sua trajetória de delimitação do sistema de signos, estabelecendo uma relação íntima entre teoria e empiria. Considerando isso, este trabalho é orientado pela hipótese de que, no seio da teorização saussuriana, a língua, enquanto objeto de estudo da Linguística, não é passível de uma formalização completa. Para buscarmos caminhos de reflexão acerca dessa hipótese, nos dedicamos, primeiramente, à análise de três documentos em que Saussure se volta ao estudo das línguas particulares: o conjunto de manuscritos *Versification Française*, um caderno intitulado *Cahier Parry*, e a pasta número 18 do arquivo *Notes sur l'étymologie des noms de lieux de la Suisse romande et sur les patois romands et chablaisiens*. Com a análise desses materiais, objetivamos compreender o modo de tratamento dispensado por Saussure às línguas, para que possamos contrapô-lo à forma como o linguista lida com a língua. Para que essa contraposição possa ser feita, investigamos outros documentos de Saussure que se enquadram no âmbito da Linguística Geral: o conjunto de manuscritos *Primeira Conferência*, suas *Notes pour le Cours III* e o próprio CLG.

Palavras-chave: Conceito de língua. Noção de línguas. Objeto formal. Objeto empírico. Curso de Linguística Geral.

ABSTRACT

The concept of language thought by Ferdinand de Saussure and made public through the Course in General Linguistics (CLG) in 1916 can be considered a watershed in the history of linguistic studies. From this concept, it was possible to grant autonomy to Linguistics, giving it its place among the modern sciences. However, with the reception of the CLG in various parts of the world throughout the twentieth century, some criticisms of this concept were established, many of which are based on the consideration of language strictly as a formal object that moves away from its relationship with empirical and social phenomena. Nevertheless, in our view, in the content of the CLG itself it is possible to note that the delimitation of language as Linguistics' object of study is not unrelated to socially instituted facts. This can be seen when Saussure deliberately or unintentionally evokes particular languages in their language-delimiting trajectory as a system of signs, establishing an intimate relationship between theory and empiricism. Considering this, this work is guided by the hypothesis that, within Saussurean theorizing, language, as an object of study of Linguistics, cannot be completely formalized. In order to think about this hypothesis, we first analyze three documents in which Saussure develop the study of particular languages: the manuscript set *Versification Française*, a notebook entitled *Cahier Parry*, and the folder number 18 in the *Notes sur l'étymologie des noms de lieux de la Suisse romande et sur les patois romands et chablaisiens*. By analyzing these materials, we aim to understand Saussure's treatment of languages so that we can contrast it with the way the linguist deals with language, understood as a general system. To make this contrast possible, we investigate other Saussure documents that fall within the scope of General Linguistics: the manuscript set *Première conférence*, the *Notes pour le Cours III*, and the CLG itself.

Keywords: Concept of language. Notion of languages. Formal object. Empirical object. Course in General Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Primeiro excerto do item 3.2.1	130
Figura 2 Segundo excerto do item 3.2.1	130
Figura 3 Primeiro excerto do item 3.2.2	131
Figura 4 Segundo excerto do item 3.2.2	131
Figura 5 Terceiro excerto do item 3.2.2	132
Figura 6 Excerto único do item 3.2.3	132
Figura 7 Primeiro excerto do item 3.2.4	133
Figura 8 Segundo excerto do item 3.2.4	133
Figura 9 Primeiro excerto do item 3.2.5	134
Figura 10 Segundo excerto do item 3.2.5	134
Figura 11 Terceiro excerto do item 3.2.5	134
Figura 12 Primeiro excerto do item 4.1	135
Figura 13 Segundo excerto do item 4.1	136
Figura 14 Terceiro excerto do item 4.1	136-137
Figura 15 Quarto excerto do item 4.1	137
Figura 16 Primeiro excerto do item 4.1.1	138
Figura 17 Segundo excerto do item 4.1.1	138
Figura 18 Terceiro excerto do item 4.1.1	139
Figura 19 Quarto excerto do item 4.1.1	139
Figura 20 Quinto excerto do item 4.1.1	140
Figura 21 Primeiro excerto do item 4.2.1	140
Figura 22 Segundo excerto do item 4.2.1	141
Figura 23 Terceiro excerto do item 4.2.1	141

LISTA DE ABREVIACÕES E ACRONÍMIAS

Obras de referência	
CLG	Curso de Linguística Geral
Mémoire	<i>Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes</i>
Conjuntos de manuscritos	
CP	<i>Cahier Parny</i>
NENL	<i>Notes sur l'étymologie des noms de lieux de la Suisse romande et sur les patois romands et chablaisiens</i>
PC	Primeira Conferência
VF	Versificação Francesa
Outros	
BGE	Biblioteca de Genebra
Ms. Fr.	<i>Manuscrits français isolés et autographes</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – Breve apanhado sobre os conceitos primordiais de nosso trabalho	16
1.1 A caracterização de empírico e sua relação com o social.....	18
1.2 Conceito e noção: principais caracterizações e diferenças.....	25
CAPÍTULO 2 – A crítica ao conceito saussuriano de língua	32
2.1 A crítica de Meillet.....	34
2.2 A crítica de Benveniste.....	40
2.3 A crítica no Brasil.....	45
2.3.1 Joaquim Mattoso Câmara	46
CAPÍTULO 3 – As línguas particulares e sua abordagem por Ferdinand de Saussure .	49
3.1 Saussure das línguas e da língua	51
3.2 A língua francesa e os patoás da região franco-suíça.....	58
3.2.1 As línguas: elementos externos e fenômenos sociais	61
3.3 O que é que se retém do tratamento das línguas?.....	75
CAPÍTULO 4 – A procura pela natureza da língua	76
4.1 Primeira Conferência: a língua e a linguagem.....	77
4.1.1 A língua e o social	82
4.2 O Curso de Linguística Geral	88
4.2.1 A delimitação de língua no(s) Curso(s) de Linguística Geral	89
4.3 Os elementos externos da língua: sua importância para o sistema.....	98
4.4 Os elementos externos e fenômenos sociais: uma incidência	107
CAPÍTULO 5 – As línguas na língua: uma (im)possibilidade	109
5.1 A incidência das línguas na língua: um entrelaçamento.....	110
5.2 Matéria e objeto da Linguística	112
5.3 Língua e línguas: mais uma dicotomia?	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS	130

INTRODUÇÃO

A língua, tal como delimitada por Ferdinand de Saussure e levada a público por meio do *Curso de Linguística Geral* (CLG), é um conceito que fascina e provoca inquietações em muitos daqueles que se dedicam aos estudos linguísticos. A complexidade do sistema que a constitui não é vista como um empecilho para o anseio de compreender seus fundamentos, suas relações e os elementos que o compõem.

Ao longo de nosso percurso de pesquisa sobre os documentos de Ferdinand de Saussure, percebemos que o conceito de língua é fruto de uma trajetória que lhe foi muito cara e que mudou os rumos dos estudos da linguagem. A língua consiste em um conceito coerente, que se sustenta no seio das reflexões saussurianas e que permitiu que novas teorias e correntes linguísticas fossem propostas, a partir de sua consolidação ou de sua refutação. Não obstante, a notoriedade que permeia esse conceito e a teorização de Saussure de forma geral faz com que a língua seja, muitas vezes, estigmatizada como um conceito rigorosamente formal. Embora seja sabido que a conceituação de língua emana da análise das línguas particulares, considera-se frequentemente que, em Saussure, toda a relação com os dados empíricos e fenômenos sociais é – ou deve ser – desconsiderada, para que a língua se estabeleça enquanto sistema.

Tendo isso em mente, o objetivo das reflexões que apresentamos nesta tese é propor uma compreensão da língua, enquanto objeto de estudo da Linguística determinado por Saussure, que não se restrinja unicamente a um elemento de caráter estritamente formal. Da forma como a entendemos, a língua é um objeto que transita entre o teórico e o empírico, sendo impossível estabelecer limites claros e bem delimitados entre essas duas perspectivas. É a partir desse entendimento que levantamos nossa hipótese de pesquisa: para nós, a língua não permite uma formalização completa; ela não se constitui como um objeto unicamente formal, pois apresenta sempre, e ao mesmo tempo, um caráter empírico.

Esse caráter empírico pode ser notado no entrelaçamento que o conceito de língua apresenta com os elementos determinados por Saussure como pertencentes à Linguística externa. São elementos, como os costumes, os acontecimentos históricos e a cultura, os quais o linguista almeja isolar do sistema da língua, mas, a todo instante, recorre a eles como forma de delimitar e definir o objeto de estudo da Linguística.

Nesse sentido, acreditamos que existam pistas que podem direcionar as reflexões acerca de nossa hipótese, mesmo considerando o conceito de língua unicamente a partir do

CLG, muito embora a análise de outros documentos de Saussure também possa auxiliar a sustentá-la. Desse modo, para que nosso objetivo principal seja alcançado, delimitaremos os objetivos específicos que conduzirão a trajetória de cada capítulo de nosso trabalho, de forma a construir, aos poucos, um alicerce teórico argumentativo que indique caminhos para que possamos pensar a nossa hipótese.

O primeiro objetivo específico que propomos e que orientará nosso capítulo de abertura é embasado pela busca por uma definição dos conceitos e noções que consideramos mais relevantes para o desenvolvimento de nosso trabalho; são eles: os conceitos de objeto formal, de objeto empírico, de social, de língua e a noção de línguas. A partir da consideração desses cinco elementos, procuraremos mostrar o que entendemos como empírico e qual a sua relação com o social. Além disso, também buscaremos estabelecer os motivos de considerarmos a língua como um conceito e as línguas como uma noção, na teorização de Saussure.

Em nosso segundo capítulo, almejamos apresentar algumas das principais críticas de autores consagrados da Linguística ao conceito saussuriano de língua. Especificamente, trabalharemos com as reflexões de Meillet (1958 [1921]), Benveniste (1966; 1974) e Mattoso Câmara (2004 [1970]) – autores que tiveram alguma forma de interlocução com a teoria de Saussure, valendo-se dela, mas também demonstrando seus limites e novos caminhos de pensamentos. Com isso, objetivamos mostrar que um dos fatores que motiva as críticas de alguns desses autores é a interpretação da língua enquanto um conceito estritamente formal, isolado dos dados empíricos e dos fenômenos sociais.

Apesar de essas críticas se pautarem em argumentos que as fundamentem, cremos que elas são provenientes de uma leitura do CLG que desconsidera o entrelaçamento que o sistema linguístico estabelece com as línguas particulares e com os fenômenos sociais. Por isso, nos capítulos seguintes, nosso intuito será mostrar que o próprio CLG permite recuperar a relação, clamada pelos críticos, da língua com os dados, bem como uma compreensão de língua que não se restrinja a um objeto estritamente formal. Contudo, para que possamos identificar esses aspectos no CLG, consideramos necessário conhecer, primeiramente, o modo como Saussure se dedica à análise das línguas particulares – um objeto que permite ser caracterizado como de caráter empírico.

Desse modo, no capítulo terceiro, trabalharemos com alguns documentos de Saussure em que a língua francesa e os dialetos da região franco-suíça se estabelecem como seus alvos de análise, com o objetivo de mostrar de que forma o linguista lidava com os idiomas, em seus documentos que não são especificamente voltados a uma teorização sobre Linguística

Geral. De forma específica, trabalharemos com os seguintes materiais: i) o conjunto de manuscritos intitulado *Versification Française*; ii) um caderno intitulado *Cahier Parny*; iii) e a pasta número 18 das *Notes sur l'étymologie des noms de lieux de la Suisse romande et sur les patois romands et chablaisiens*.

Isso nos permitirá, posteriormente, comparar o modo como Saussure trata as línguas particulares à forma como ele trabalha com a língua enquanto um sistema de signos. Com essa comparação, esperamos encontrar as semelhanças que unem e as diferenças que separam os dois tipos de análise, e que podem auxiliar a refletir sobre a possibilidade de que as línguas se entrelaçam, necessariamente, ao conceito de língua pensado por Saussure.

Em um quarto momento, nos dedicaremos a dois documentos saussurianos que atestam suas reflexões sobre o conceito de língua; a saber: os manuscritos dedicados à sua *Primeira Conferência na Universidade de Genebra* e o CLG. Nesse momento, nosso objetivo consistirá em mostrar que há coincidências entre o modo como o linguista lida com as línguas particulares e o modo como ele estabelece sua reflexão sobre a língua. Além disso, também almejamos colocar em evidência que essas coincidências permitem que observemos o entrelaçamento entre o conceito de língua e a noção de línguas.

Por fim, no quinto capítulo, procuraremos definir de forma mais clara as noções de incidência e de entrelaçamento que propomos, mostrando que elas nos levam a perceber que o objeto de estudos da Linguística não parece ser completamente formal, pois transita entre o empírico e o teórico. A partir disso, reiteramos a nossa hipótese, questionando se essa transição poderia ser um indício de que tal objeto não seja passível de uma formalização completa.

CAPÍTULO 1 – Breve apanhado sobre os conceitos primordiais de nosso trabalho

« À la fin de son *Autobiographie*, Darwin dépeint le comportement scientifique comme une combinaison bien dosée de scepticisme et d'imagination confiante : chaque thèse, même la plus admise, est considérée comme hypothèse, et chaque hypothèse, même la plus étrange, est considérée comme une thèse possible, susceptible d'être vérifiée et développée. Ferdinand de Saussure a incarné ce comportement en linguistique. »

(Tullio de Mauro)

Frequentemente, Saussure é lembrado e retomado como um importante autor dos estudos da linguagem, muito embora pareça haver sempre uma sombra, no que concerne à sua teorização sobre a língua. Para nós, essa sombra existe, pois, em grande parte das vezes, as reflexões de Saussure são apresentadas por meio da leitura de segundos (comentadores diretos dos textos do linguista) ou de terceiros (interpretações acerca dos comentários estabelecidos a partir dos seus textos). Quando há leitura da teorização do autor por vias diretas, ela se limita, geralmente, às partes do CLG em que está destacada a chamada contribuição original de Saussure¹. A genialidade de Saussure e a peculiaridade de sua ótica a respeito de coisas já ditas e estabelecidas são aspectos que tornam original toda a sua obra, sendo, assim, impossível separar suas páginas entre aquelas que apresentam sua contribuição original e aquelas que são dedicadas unicamente a retomar assuntos já acabados.

Apesar disso, é consolidado, entre os estudiosos da linguagem, que a originalidade de Saussure se apoia em sua definição da língua, de seus elementos constituintes e de seu modo de funcionamento – ou seja, naquilo que compõe e que deriva do axioma saussuriano “a língua é um sistema de signos”. Nesse sentido, rememoramos que os comentários e releituras da teorização de Saussure no âmbito da Linguística Geral surgiram no início do século XX, após a morte do linguista e após a consequente publicação do CLG; a partir deles, foram estabelecidas algumas críticas, dentre as quais uma das mais recorrentes diz respeito à concepção de língua que se pode retirar do CLG. Nós nos dedicaremos a apresentar e discutir algumas dessas críticas no capítulo seguinte, de forma detalhada; entretanto, neste momento é preciso destacar que grande parte delas é construída de forma a considerar a língua, em Saussure, como um objeto estritamente formal, que toma como secundário – ou mesmo desconsidera – o lugar dos elementos empíricos e dos fenômenos sociais em sua constituição.

¹ Geralmente, as partes do CLG consideradas como responsáveis por apresentar a contribuição original de Saussure são a Introdução, a Primeira Parte e a Segunda Parte.

Ora, a busca de Saussure era motivada, principalmente, pela definição de um objeto de estudo para a Linguística que pudesse se sustentar de forma, ao mesmo tempo, integral e concreta; essa motivação pode ser retomada no início do CLG (SAUSSURE 2006 [1916], p. 15). Para tanto, nesse percurso, foi necessário que o linguista se desvencilhasse de alguns elementos que possuem uma relação direta com a língua, mas que, à primeira vista, não precisam necessariamente ser evocados quando se fala do funcionamento de seu sistema². Consideramos que esses elementos são de caráter empírico e social, e apresentam uma relação direta com as línguas particulares, as quais se colocam à disposição, no mundo, para a análise do linguista.

Tendo isso em mente, antes de partirmos para a exposição e análise das críticas a respeito da teorização de Saussure, bem como dos documentos autorais do linguista, é preciso que delimitemos o que entendemos como objetos empírico e formal, e qual a concepção de social que fundamenta nossas análises. Essa necessidade se coloca, devido à vasta discussão que há, sobre esses elementos, em diversos âmbitos das ciências humanas e sociais. Desse modo, buscaremos mostrar que parece haver uma aproximação entre objeto empírico e os fenômenos sociais, e um distanciamento entre esses fenômenos e a delimitação de um objeto formal.

Esse percurso nos servirá como base, não para sustentarmos o enquadramento da língua em uma ou outra caracterização de objeto, mas para levantarmos alguns questionamentos sobre esse conceito delimitado por Saussure: i) esse conceito pode ser considerado estritamente como um objeto formal? ii) A dependência que há entre a delimitação da língua e os elementos externos e sociais constitui como um aspecto que permite a caracterização da língua também como um objeto empírico? iii) Dada a especificidade do objeto da Linguística, seria possível afirmar que ele **não seja passível** de uma formalização completa?

Além disso, uma vez que a distinção entre o conceito de língua e a noção de línguas particulares é crucial para o nosso trabalho, nos dedicaremos, ainda, a delimitar essa diferenciação entre conceito e noção, de forma relacionada, respectivamente, à língua, enquanto objeto de estudo da Linguística, e às línguas, enquanto objetos empíricos.

² A trajetória de delimitação do conceito saussuriano de língua será abordada, de forma mais específica, no capítulo quarto de nosso trabalho.

1.1 A caracterização de empírico e a sua relação com o social

Com frequência, se impõe a necessidade de que os termos que compõem o aparato teórico de uma ciência sejam definidos. O próprio Saussure foi motivado pela “inépcia da terminologia corrente”³, em sua busca pela delimitação do objeto de estudos da Linguística. Contudo, não cremos que essa necessidade possa ser sanada por completo, pois, a cada momento, novas delimitações são necessárias para que os conceitos que fazem com que a Linguística se estabeleça como ciência sejam precisados, tanto quanto possível. Uma das inúmeras provas disso é o fato de que Jean-Claude Milner inicia seu livro, intitulado *Introduction à une Science du langage*, com uma série de definições necessárias para a discussão que apresenta em seu trabalho.

Entre essas definições, encontramos dois termos que são cruciais para a investigação que propomos: empírico e conceito. Neste primeiro momento, porém, ater-nos-emos à delimitação de empírico, procurando ressaltar as relações existentes entre as características daquilo que é empírico com os elementos de caráter social, bem como destacando seu lugar no seio de uma ciência. Nesse sentido, salientamos que, para Milner, o empírico atravessa a própria definição de ciência. Segundo o autor, desde os trabalhos de Alexandre Koyré, a ciência é caracterizada pela combinação de dois traços; são eles:

(I) A matematização do empírico (a física matemática deveria ser chamada de física matematizável); (II) a constituição de uma relação com a técnica, tal que a técnica se definisse como a aplicação prática da ciência (daí o tema da ciência aplicada) e que a ciência se definisse como a teoria da técnica (daí o tema da ciência fundamental). (MILNER, 1989, p. 23).⁴

Tanto a matematização do empírico como a relação da ciência com a técnica são consideradas, por Milner, como traços extrínsecos da ciência, isto é, exteriores a ela, mas necessários para que ela exista. Dito de outro modo, temos que a transformação dos dados empíricos por meio da matematização consiste num processo que deve ocorrer fora da ciência em si, mas que é, ao mesmo tempo, uma das condições para que ela se estabeleça. Assim, considerando a importância desse processo para a ciência, julgamos relevante nos debruçar, primeiramente, sobre o conceito de matematização definido por Milner, para que possamos chegar, conseqüentemente, à definição do que é o empírico.

³ Cf. Benveniste, (1964).

⁴ Tradução nossa : « (I) La mathématisation de l'empirique (la physique mathématique devant bien plutôt être dite physique mathématisée) ; (II) la constitution d'une relation avec la technique, telle que la technique se définisse comme l'application pratique de la science (d'où le thème de la science appliquée) et que la science se définisse comme la théorie de la technique (d'où le thème de la science fondamentale). ».

Segundo o autor, a ideia de matematização não está vinculada à ideia de quantificação ou de medida, como se poderia pensar ao associar a Matemática às suas quatro operações (adição, subtração, divisão ou multiplicação) ou mesmo aos números e aos numerais dos quais essa ciência se utiliza. Ao contrário, a ideia de matematização evoca

[...] o caráter literal da Matemática: que utilizamos símbolos que podemos e devemos levar ao pé da letra, sem considerar o que eles eventualmente designam; que utilizamos esses símbolos unicamente em virtude de suas próprias regras: falamos então de funcionamento cego. (MILNER, 1989, p. 24).⁵

A matematização consiste, assim, em um funcionamento regular que pode ser replicado, com quaisquer dados, sem alteração de eficácia nos resultados; isto é, o processo de matematização é aquele que parte dos dados empíricos para, deles, retirar uma fórmula (tal como as fórmulas da química, da física ou da própria matemática), um modelo de operação que funciona do mesmo modo com quaisquer elementos. É o que Milner chama de “reprodutibilidade de demonstrações”⁶ (MILNER, 1989, p. 24). Matematização, desse modo, é um conceito cujo sentido pode se aproximar de generalização e de formalização.

No que concerne à relação entre a matematização e a ciência linguística, especificamente, Milner propõe algumas questões: “[...] de que forma suas proposições [da Linguística] são matematizáveis? De que forma elas são literais? De que forma seu funcionamento é cego? Em que medida suas proposições matematizadas são explícitas?”⁷ (MILNER, 1989, p. 24). Norteados por essas questões, destacamos que, para Auroux, é por meio do racionalismo que podemos encontrar as propriedades da linguagem como uma atividade análoga ao cálculo e às atividades científicas. Segundo o autor:

Para o racionalismo, as propriedades essenciais da linguagem devem ser explicadas por uma faculdade individual, que é encontrada em ação em uma atividade como o cálculo e, pelo menos em parte, na atividade científica característica da ciência moderna. (AUROUX, 1998, p. 71).⁸

Tanto no processo de matematização como na perspectiva racionalista, a razão e a lógica imperam, uma vez que o essencial, em ambos, se configura como aquilo que pode ser

⁵ Tradução nossa: « [...] le caractère littéral de la Mathématique : que l'on use se symboles qu'on peut et doit prendre à la lettre, sans avoir égard à ce qu'éventuellement ils désignent ; que l'on use de ces symboles uniquement en vertu de leurs règles propres : on parle volontiers alors de fonctionnement aveugle. ».

⁶ Tradução nossa: « reproductibilité des démonstrations ».

⁷ Tradução nossa: « [...] en quoi ses propositions sont-elles mathématisées ? en quoi sont-elles littérales ? en quoi leur fonctionnement est-il aveugle ? dans quelle mesure ses propositions mathématisées sont-elles explicites ? ».

⁸ Tradução nossa: « Pour le rationalisme, les propriétés essentielles du langage doivent s'expliquer par une faculté individuelle, que l'on retrouve à l'œuvre dans une activité comme le calcul et, au moins pour partie, dans l'activité scientifique caractéristique des sciences modernes. ».

caracterizado como exato e irrefutável (ou pouco provavelmente refutável). O sistema linguístico delimitado por Saussure é uma formulação fruto de um processo de matematização, porque o sistema funciona sempre da mesma maneira, com quaisquer tipos de dados. Isto é, em todas as línguas existentes no globo há signos que se estabelecem por meio das relações de negatividade, diferença e oposição; todos esses signos são formados por meio da união de um conceito a uma imagem acústica. Contudo, é preciso considerar que, para se chegar à formalização da língua e ao raciocínio lógico que gere os idiomas⁹, torna-se necessária a análise de fatores exteriores a esse sistema. Assim, questionamos: quais são esses fatores? Estariam, eles, completamente desvinculados do sistema linguístico enquanto objeto formal?

A nosso ver, esses fatores exteriores ou externos ao sistema linguístico podem ser caracterizados como os objetos empíricos, de acordo com a concepção delimitada por Milner: “por empírico, nós entendemos o conjunto do que é representável no espaço e no tempo” (MILNER, 1989, p. 25)¹⁰. Os objetos empíricos são aqueles que estão disponíveis à observação ou ao experimento em determinado espaço e em determinado período de tempo. Eles existem independentemente de haver uma conceituação ou qualquer processo logicizante sobre si mesmos.

Contudo, o fato de não dependerem desse tipo de processos para que existam não impede que possam ser conceituados e matematizados. Ao contrário, é a partir deles, e de sua observação e análise que se torna possível alcançar os objetos formais. É necessário salientar que, embora a concepção de um objeto formal parta da análise e da matematização dos dados, uma vez formalizado, esse tipo de objeto deve se sustentar sem a evocação dos objetos empíricos – isto é, dos elementos exteriores a ele.

Há nesse sentido, dois tipos de objetos que são relevantes para o estabelecimento de uma ciência: os objetos empíricos e os objetos teóricos, formais ou do conhecimento. De acordo com Auroux,

É, sem dúvida, uma das características principais da filosofia ocidental pós-cartesiana discutir, frequentemente, **as propriedades do real conhecido em função das relações do sujeito e do objeto de conhecimento**. Podemos, assim, considerar dar uma definição ontológica do objeto empírico, que poderia ser qualquer coisa como [3].

[3] O objeto empírico deve ser:

- (i) Externo ao sujeito cognoscente;
- (ii) Independente do dispositivo cognitivo.

⁹ Em nosso trabalho, tomaremos a palavra “idiomas” como sinônimo de “línguas particulares”.

¹⁰¹⁰ Tradução nossa: « par empirique, nous entendons l'ensemble de ce qui est représentable dans l'espace et dans le temps. ».

Resumimos, habitualmente, esses traços sob a forma [3']:

[3'] **O objeto empírico possui, frente ao sujeito cognoscente, o estatuto de dado.** (AUROUX, 1998, p. 144, grifos nossos).¹¹

A essas características apresentadas no trecho acima, Auroux adiciona outras duas, que são também alinhadas à concepção de empírico delimitada por Milner; a saber: i) o objeto empírico é, necessariamente, uma entidade espaço-temporal; ii) o objeto empírico deve ser acessível aos protocolos definidos e renováveis por quem quer que seja (AUROUX, 1998, p. 144-145). Resumidamente, tudo que se caracteriza como **dado** pode ser considerado um objeto empírico, de acordo com Auroux. Entretanto, é preciso, segundo o autor, saber definir e distinguir os traços que separam os objetos empíricos dos objetos formais, uma vez que “[...] a noção de **dado** é suscetível de muitas interpretações”¹² (AUROUX, 1998, p. 145, grifo do autor).

Especificamente para a Linguística e para a Psicologia, a concepção da noção de dado se coloca como um desafio, pois, embora seja possível considerar essas duas disciplinas como empíricas, “uma significação ou um desejo dificilmente podem ser concebidos como objetos empíricos”¹³ (AUROUX, 1998, p. 145). Assim, segundo o autor, deve-se discutir a afirmação de que um dado precisa existir independentemente do dispositivo cognitivo, contrastando-os com os objetos formais ou teóricos. A partir disso, o autor coloca a seguinte questão: “o algarismo *e* não existe fora do dispositivo cognitivo? Sabemos que a questão de saber quais tipos de **objetos existem fora da intervenção do experimentador** se coloca igualmente em física quântica”¹⁴ (AUROUX, 1998, p. 145).

Além disso, segundo a concepção saussuriana, a língua também possui uma **natureza social**. Para o autor, “ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 22).

¹¹ Tradução nossa: « C’est sans doute l’une des caractéristiques principales de la philosophie occidentale postcartésienne que de discuter souvent des propriétés du réel connu en fonction des rapports du sujet et de l’objet de la connaissance. On peut ainsi songer à donner une définition ontologique de l’objet empirique, qui pourrait être quelque chose comme [3].

[3] L’objet empirique doit être :

(i) Externe au sujet connaissant ;

(ii) Indépendant du dispositif cognitif.

On résume habituellement ces traits sous la forme [3'] :

[3'] L’objet empirique possède, vis-à-vis du sujet connaissant, le statut de donné. ».

¹² Tradução nossa: « [...] la notion de **donné** est susceptible de plusieurs interprétations. ».

¹³ Tradução nossa: « une signification ou un désir peuvent difficilement être conçus comme des objets empiriques. ».

¹⁴ Tradução nossa: « [...] le nombre *e* n’existe-t-il pas en dehors du dispositif cognitif ? On sait également que la question se pose en physique quantique de savoir quels types d’objets existent en dehors de l’intervention de l’expérimentateur. ».

Ora, se a língua existe, exteriormente à vontade do indivíduo, então, talvez seja possível dizer que ela não depende de uma teorização sobre ela para que exista; é sua permanência na sociedade que faz com que ela não cesse de existir, e não o estabelecimento de uma teoria a seu respeito. Desse modo, percebemos que as perspectivas epistemológicas de Milner (1989) e Auroux (1998), que caracterizam e diferenciam os objetos formais e empíricos, faz-nos notar, desde já, que a própria teorização de Saussure possibilita que a língua seja entendida como um objeto de um e/ou de outro tipo.

Além disso, a classificação da língua enquanto um contrato estabelecido coletivamente a coloca como algo que é fruto da sociedade e que está, desse modo, atrelado também a outros aspectos sociais da comunidade em que é falada. Há, nos parece, uma relação entre os fenômenos sociais e a possibilidade de se considerar a língua como um objeto de caráter empírico. Nesse sentido, resta-nos delimitar o que entendemos como social, uma vez que esse conceito é tão relevante para a nossa compreensão do objeto empírico. Para tanto, apresentaremos o ponto de vista de Durkheim a respeito da compreensão do social, o qual será bastante útil para nossa discussão.

Segundo o autor, há o uso irrestrito da palavra “social”, como forma de denominar todos os fenômenos que acontecem em determinada sociedade. Esse uso, contudo, coloca o seguinte problema:

[...] desse modo não há, por assim dizer, acontecimentos humanos que não possam ser chamados de sociais. Cada indivíduo bebe, dorme, come, pensa, raciocina, e a sociedade tem todo o interesse em que essas funções sejam regularmente exercidas. (DURKHEIM, 2011 [1893], p. 11)

Assim, é necessário pensar no fato social de forma relacionada aos fenômenos que se distinguem por características específicas. Nesse sentido, o autor destaca alguns exemplos que podem ser classificados como sendo de caráter social, muito embora, na vida cotidiana, pareçam fruto unicamente da subjetividade:

Quando exerço minhas tarefas de irmão, esposo ou cidadão, quando realizo compromissos que assumi, cumprio deveres que estão definidos fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes. Ainda que eles estejam de acordo com meus sentimentos e eu os sinta interiormente na realidade, esta não deixa de ser objetiva; pois não fui eu que os concebi, mas os recebi por meio da educação. (DURKHEIM, 2011 [1893], p. 11).

Nessa mesma linha de raciocínio, a língua falada por uma comunidade também apresenta caráter social, uma vez que ela é sempre herdada de seus antepassados. A não ser que haja um movimento de dominação de uma sociedade por outra, o qual ocasione mudanças

significativas de costumes, aprende-se sempre a mesma língua, no seio de uma mesma sociedade, a qual é passada hereditariamente de uma geração a outra. Isso significa dizer que a(s) língua(s), tal como a religião, a cultura e outros aspectos, existe independentemente dos indivíduos tomados isoladamente, ou seja:

existem fora deles [dos indivíduos]. **O sistema de signos de que me sirvo para expressar meu pensamento**, o sistema monetário que emprego para pagar minhas dívidas, os instrumentos de crédito que utilizo em minhas relações comerciais, as práticas adotadas em minha profissão etc. funcionam independentemente do uso que faço deles. (DURKHEIM, 2011 [1893], p. 11-12, grifo nosso).

Nesse trecho, parece-nos que Durkheim delimita a língua diretamente como um dos fenômenos sociais cuja existência é anterior ao indivíduo (por ser sempre coletiva e herdada) e, portanto, se mantém fora dele. Ademais, se considerarmos a definição de empírico exposta anteriormente, delineada por Milner e Auroux, temos que a delimitação de Durkheim corrobora para que compreendamos a língua, ao mesmo tempo, como um objeto empírico e de caráter social. Mais do que isso, é possível observar algumas coincidências na relação entre as delimitações desses dois termos; essas coincidências reforçam a nossa proposição de que, no que concerne à língua, ser empírico implica, também, em ser social.

Isso porque, como já afirmamos, uma das condições para que um objeto seja classificado como de caráter empírico é ser “externo ao cognoscente” (AUROUX, 1998, p. 144). Para Durkheim, de forma semelhante, a característica primordial dos fatos sociais é seu caráter externo, uma vez que extrapolam os limites do indivíduo, constituindo-se no coletivo. Por esse motivo, os fatos sociais também apresentam um caráter impositivo; isto é, uma vez que os indivíduos compõem determinada sociedade, serão impostos a eles os fenômenos e aspectos sociais por ela determinados. Não há meios de o indivíduo se desvencilhar desses elementos, eles se impõem de forma coercitiva, segundo o autor.

A língua, a nosso ver, apresenta também essas características. Considerada como uma instituição social, ela é um fenômeno que se impõe aos falantes de uma comunidade específica. Dito de outro modo, não há como um indivíduo nascer em meio a falantes da língua portuguesa e se desenvolver falando japonês, por exemplo, sem ter contato algum com uma sociedade que também fale essa língua. É por esse viés que afirmamos que a língua é imposta, fato que também contribui para que a consideremos como um objeto de natureza empírica, que apresenta uma relação fundamental com os fenômenos sociais.

Tal como temos mostrado, a teorização saussuriana nos permite compreender a língua, ao mesmo tempo, como um objeto formal, de natureza teórica, que depende de uma

matematização para que seu funcionamento seja compreendido, e como um objeto empírico, cujo caráter social faz com que possa ser, também, compreendido como um dado. Todavia, o CLG, livro pelo qual Saussure se tornou mundialmente conhecido, foi elaborado com o objetivo principal de dar destaque ao processo de elaboração do linguista que destaca a língua enquanto um sistema de signos, ou seja, como um objeto teórico. Segundo Puech e Radzynski,

A novidade saussuriana consiste menos na definição da língua como instituição do que na sua determinação como “sistema formal”, jogo de valores arbitrários, sistema semiológico: todas as caracterizações que concernem, em um mesmo movimento, o mecanismo da língua e o laço social primordial. A língua é, portanto, duas vezes “social” (que se resumem em uma): ela é social porque o princípio que a rege (o arbitrário) a faz escapar de qualquer domínio racional, individual ou coletivo; ela é social, igualmente, porque ela é uma herança, uma tradição, breve, uma temporalidade fundadora de uma ordem de fatos específicos, os fatos semiológicos, e fundadora do próprio arbitrário. (PUECH, RADZYNSKI, 1988, p. 81, grifo nosso).¹⁵

Embora o(s) caráter(es) social(is) da língua tenha(m) importância fundamental para sua compreensão enquanto um conceito saussuriano, é importante rememorar que, para que Saussure chegasse à delimitação da língua enquanto um sistema de signos, foi necessário que ele, metodologicamente, buscasse separar de sua teorização os aspectos sociais que atravessam e que compõem a língua. Só assim foi possível compreender e teorizar o seu funcionamento como um objeto formal que possibilita os mesmos tipos de resultados para não importam quais dados. Apesar de não discordarmos do fato de que a língua possa ser entendida como um objeto formal no CLG, em nosso trabalho, partimos da hipótese de que, na edição, a conceituação da língua não se desvencilha por inteiro dos dados, indicando uma impossibilidade de formalização completa desse objeto.

Considerando isso, também por razões metodológicas, em nosso trabalho, seguiremos a distinção estabelecida por Saussure¹⁶ em seu terceiro curso entre os termos “**línguas**”, no plural, e “**língua**”, no singular, para nos referirmos, respectivamente, **às línguas particulares ou idiomas**, que são os dados que se colocam à disposição no mundo e que estão diretamente

¹⁵ Tradução nossa: « La nouveauté saussurienne consiste moins dans la définition de la langue comme institution que dans sa détermination comme « système formel », jeu de valeurs arbitraires, système sémiologique : autant de caractérisations qui concernent, d'un même mouvement, le mécanisme de la langue et le lien social primordial. La langue est donc « sociale » deux fois (qui n'en font qu'une) : elle est sociale parce que le principe qui la régit (l'arbitraire) la fait échapper à toute maîtrise rationnelle, individuelle ou collective ; elle est sociale également parce qu'elle est un héritage, une tradition, bref, une temporalité fondatrice d'un ordre des faits spécifiques, les faits sémiologiques, et fondatrice de l'arbitraire lui-même. ».

¹⁶ Cf. SAUSSURE, Notes pour le cours III (1910-1911).

relacionados aos fenômenos sociais, e à **língua concebida como o sistema de signos**, o objeto matematizado pensado por Saussure.

Essa distinção é necessária para que possamos trilhar nossa trajetória de investigação de forma clara, procurando mostrar em que lugares da teorização de Saussure é possível notar a língua, em que outros lugares enxergamos as línguas, e em que partes elas se confundem. Dito de outro modo, é preciso distinguir as duas perspectivas a priori, para que, após, possamos compreender e demonstrar qual a natureza do laço que há entre elas.

Ademais, é importante que destaquemos que a teorização de Saussure apresentada no CLG aparenta ser focada, principalmente, na constituição da língua enquanto um **conceito**. As línguas, por outro lado, não são exatamente conceituadas e, ao nosso ver, se apresentam como uma **noção**. Sabendo disso, consideramos relevante deixar claro qual é a diferença que se estabelece, para nós, entre um conceito e uma noção. Desse modo, no tópico a seguir, nos pautaremos, mais uma vez no trabalho de Milner (1989), e também nos trabalhos de Duplessis (2007) e do próprio Saussure (2006 [1916]), a fim de esclarecer a distinção entre conceito e noção que norteia nosso trabalho.

1.2 Conceito e noção: principais caracterizações e diferenças

No tópico anterior, nos dedicamos a traçar uma definição de empírico que possa sustentar a hipótese e a trajetória de nosso trabalho, relacionando-a aos fatos e fenômenos sociais. Neste momento de nosso trabalho, torna-se, portanto, necessário que nos dediquemos, em princípio, à definição de conceito, a qual também compõe o trabalho de Milner a respeito da ciência da linguagem. Contudo, para que cheguemos à definição de conceito proposta pelo autor, é preciso que perpassemos, primeiramente, a discussão, por ele proposta, a respeito da delimitação de uma **proposição**.

Segundo Milner, uma proposição pode ser entendida como “uma afirmação completa e autonomizável que é apreendida na oposição entre verdadeiro e falso” (MILNER, 1989, p. 27)¹⁷. Ou seja: é a possibilidade de se considerar uma afirmação como verdadeira ou como falsa que a caracteriza como uma proposição. Sem essa bipolaridade, há, para Milner, apenas uma hipótese. Além disso,

¹⁷ Tradução nossa : « une assertion complète et autonomisable qui est saisie dans l'opposition du vrai et du faux. ».

[...] a escolha entre verdadeiro e falso se faz em termos de refutação empírica; na medida em que ela permite o direito de escolha entre o verdadeiro e o falso de uma hipótese ou de uma combinação de hipóteses, mas na medida em que a escolha ainda não tenha sido operada, a configuração empírica se constitui como um **problema**. (MILNER, 1989, p. 27, grifo do autor).¹⁸

Nesses termos, um problema nada mais é do que uma hipótese cuja configuração empírica se encontra em trânsito e que, por conseguinte, não tenha tido sua veracidade ou falsidade devidamente comprovada. Vale lembrar que, de acordo com Milner, esses elementos – problema, hipótese etc. – constituem o processo de formação de uma proposição. Tal como podemos notar, essa complexidade de formação de uma proposição faz com que ela possa ser analisada em “subsistemas de refutabilidade”, isto é, sistemas mínimos caracterizados como “átomos refutáveis” (MILNER, 1989, p. 28). É por meio desses átomos que compõem os subsistemas e que formam uma proposição que chegamos à definição de conceito apresentada pelo autor. Segundo ele, “entenderemos por **conceito** da ciência um tal átomo de refutabilidade” (MILNER, 1989, p. 28, grifo do autor).

Essa definição parte da dependência que existe entre a constituição de uma ciência e a língua, uma vez que é por meio desta que a ciência se exprime. Dessa forma, Milner destaca que:

Em particular, espera-se que as unidades de refutabilidade tomem a forma de unidades de língua, assim, as proposições da ciência são proposições de língua (frases); os problemas tomarão a forma de frases interrogativas; **os átomos de refutabilidade serão átomos de língua: isto é, partes do discurso e, de fato, essencialmente, substantivos**. (MILNER, 1989, p. 28, grifo nosso).¹⁹

Nesse sentido, um conceito, que é um átomo de refutabilidade, será sempre uma palavra, uma expressão ou uma frase, no seio de uma teoria. Contudo, não é qualquer excerto de língua que pode apresentar o estatuto de conceito; isto é, essa relação entre a língua e a conceituação teórica não é, necessariamente, biunívoca (MILNER, 1989, p. 28). Segundo o autor, “há conceitos que se dissimulam sob a aparência de adjetivos anódinos; há frases

¹⁸ Tradução nossa : « [...] le choix entre le vrai et le faux se fait en termes de réfutation empirique ; en tant qu'elle permet en droit de choisir entre le vrai et le faux d'une hypothèse ou d'une combinaison d'hypothèses, mais en tant que le choix n'a pas encore été opéré, la configuration empirique constitue un problème. ».

¹⁹ Tradução nossa : « En particulier, on s'attend que les unités de réfutabilité prennent la forme d'unités de langue, ainsi, les propositions de la science seront des propositions de langue (des phrases) ; les problèmes prendront la forme de phrases interrogatives ; les atomes de réfutabilité seront des atomes de langue : c'est-à-dire des parties du discours, et, de fait, essentiellement des substantifs. ».

teóricas que não significam proposição alguma; há problemas que tomam a forma de uma afirmação etc.” (MILNER, 1989, p. 28)²⁰.

Assim, para que possam ser identificados de forma mais precisa, Milner propõe uma série de passos que permitem provar se uma determinada parte de discurso se constitui verdadeiramente como um conceito. Para o autor:

De modo mais geral, para entender bem um conceito em uma ciência, convém reduzi-lo sistematicamente à proposição refutável que o constitui; além disso, para avaliar corretamente esse conceito, essa proposição deve ser examinada como podendo ser falsa; dito de outro modo, ela deve ser examinada como hipótese; por fim, ela deve ser examinada em relação às configurações empíricas que a refutam ou não; dito de outro modo, ela deve ser correlacionada de maneira distinta aos problemas. Podemos expressar isso dizendo que todo conceito deve ser reduzido à sentença interrogativa que o constitui. (MILNER, 1989, p. 28).²¹

Assim, ao buscarmos compreender como essa delimitação de um conceito funciona na teorização de Saussure, percebemos que a língua cumpre com esses requisitos propostos pelo autor. Em primeiro lugar, o substantivo língua se estabelece como um conceito por sair do lugar unicamente de um substantivo comum, adquirindo um estatuto que o diferencia das outras palavras que o rodeiam. Desde que a teorização de Saussure passou a circular e a ser compreendida pela comunidade dos estudos linguísticos, o termo “língua” não pôde mais ser entendido unicamente a partir de um significado proveniente do senso comum.

Além disso, ao retomarmos o conteúdo do CLG, mais especificamente o capítulo terceiro da Introdução, intitulado *Objeto da Linguística*, resgatamos, também, o conjunto de questões que nortearam Saussure em sua delimitação pelo conceito de língua, bem como as dificuldades que se interpuseram nessa trajetória.

A primeira questão colocada por Saussure, destarte, consiste na seguinte: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística? A questão é particularmente difícil: veremos mais tarde por quê. Limitemo-nos, aqui, a esclarecer a dificuldade.” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 15). A partir disso, Saussure busca apontar caminhos para

²⁰ Tradução nossa: « [...] il y a des concepts qui se dissimulent sous l'apparence d'adjectifs anodins ; il y a des phrases théoriques qui ne signifient aucune proposition ; il y a des problèmes qui prennent la forme d'une affirmation, etc. ».

²¹ Tradução nossa : « Plus généralement, pour bien entendre un concept dans une science, il convient de le ramener systématiquement à la proposition réfutable qui le constitue ; de plus, pour évaluer correctement ce concept, il faut que cette proposition soit examinée comme pouvant être fausse ; autrement dit, il faut qu'elle soit examinée comme hypothèse ; enfin, il faut qu'elle soit examinée en relation avec les configurations empiriques qui la réfutent ou non ; autrement dit, il faut qu'elle soit corrélée de manière distinctive à des problèmes. On peut exprimer cela en disant que tout concept doit être ramené à la phrase interrogative qui le constitue. ».

reflexões sobre a questão colocada, ao mesmo tempo em que aponta a complexidade de se estabelecer um objeto para uma ciência que não o possui delimitado de antemão.

Desse questionamento, podemos retirar a primeira proposição que compõe o conceito de língua: o objeto de estudo da Linguística é integral e concreto. A partir dela, Saussure busca refutá-la ou confirmá-la, considerando possíveis alguns elementos que possam ser considerados como objetos de estudo da Linguística, mas sempre tendo em mente sua hipótese principal: a de que a língua, tal como ele a delimita, é o objeto de estudo da Linguística. Nesse caminho, as principais considerações em busca da delimitação do conceito de língua são colocadas em formas de negação, que se estabelecem ou não como respostas a questionamentos subsequentes à questão inicial:

- i) “Não se pode reduzir então a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 15-16);
- ii) “Mas admitamos que o som seja uma coisa simples: é ele quem faz a linguagem? Não, não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo.” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 16);
- iii) “Seria a questão mais simples se se considerasse o fenômeno linguístico em suas origens; se, por exemplo, começássemos por estudar a linguagem das crianças? Não, pois é uma ideia bastante falsa crer que em matéria de linguagem o problema das origens difira do das condições permanentes; não se sairá mais do círculo vicioso, então.” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 16).

Toda essa trajetória, composta por questionamentos e negações, é percorrida por Saussure a fim de delimitar o conceito de língua. Em nosso entendimento, a busca por essa delimitação se estabelece como uma tentativa de comprovar que a língua se trata, de fato, de um objeto de estudo integral e concreto. Nesse percurso, são refutados elementos que, por vezes, são tomados no lugar da língua, mas que não cumprem com os requisitos destacados por Milner, para que sejam considerados como um conceito passível de ser considerado um objeto de estudo. Entre esses elementos estão o som, a história da língua, e até mesmo elementos mais próximos do conceito de língua, como a linguagem e a fala.

Esses dois últimos elementos, dada a relação íntima que estabelecem com a língua, são alvos de uma análise minuciosa, por parte de Saussure, em sua busca por reduzir tal conceito à proposição refutável que o constitui. Dessa forma, o linguista destaca:

Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: **é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.** De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 16-17, grifo original).

Assim, após determinar a língua como norma de todas as manifestações da linguagem, o linguista estabelece um percurso teórico-argumentativo buscando elencar elementos que comprovem que a língua se constitui como um objeto diferente da linguagem e da fala e, ao mesmo tempo, suficiente para se estabelecer como o objeto de estudo da ciência em questão. Isso porque, enquanto a linguagem é multiforme e heteróclita, e a fala diz respeito à execução individual, a língua consiste no único elemento que se caracteriza como um produto social e convencional, podendo ser estudado como “um todo por si só” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 17).

Todo esse percurso de distinção e de delimitação da língua leva a outra proposição à qual o conceito de língua pode ser reduzido: “a língua é um sistema de signos” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 24). Tal como destaca Milner, “de maneira geral, uma proposição permite sempre que outras sejam construídas”²² (MILNER, 1989, p. 28). Entretanto, as duas proposições destacadas por nós, bem como outras que possam ser levantadas ao voltarmos nosso olhar à teorização de Saussure, dizem respeito apenas ao conceito de **língua**, amplamente entendido como um sistema, um modo de funcionamento.

As **línguas particulares**, enquanto objetos empíricos que se encontram disponíveis à análise e observação, não fazem parte da busca por uma delimitação teórica, na mesma medida em que a língua o faz – muito embora elas incidam na delimitação do conceito de língua, tal como mostraremos mais à frente. Elas são retomadas deliberadamente, na trajetória de Saussure, muitas vezes apenas a título de exemplificação, como ocorre na delimitação do princípio da arbitrariedade:

Palavras francesas como *fouet* (“chicote”) ou *glas* (“dobre de sinos”) podem impressionar certos ouvidos por sua sonoridade sugestiva; mas para ver que não têm tal caráter desde a origem, basta remontar às suas formas latinas (*fouet* derivado de *fāgus*, “faia”, *glas* = *classicum*); (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 83).

Contudo, mesmo que Saussure as utilize como exemplos para sua teorização acerca da língua e de seus princípios, ainda assim o termo “línguas” não é trazido para sua teorização como um conceito delineado, e nem como um conceito para o qual o linguista busque uma delimitação. Mesmo assim, é possível entendê-lo (o termo “línguas”) como um objeto empírico – nos termos já definidos anteriormente – que apresenta determinada consistência no seio da teorização do linguista, muito embora não possa ser delimitado, nela, como um conceito. É por esse motivo, ou seja, pela impossibilidade de determiná-lo como um conceito,

²² Tradução nossa : « De façon générale, une proposition permet toujours d'en construire d'autres. ».

mas pela sua recorrência e pela consistência que apresenta que, para nós, **as línguas se estabelecem como uma noção**, nas elaborações de Saussure.

Considerando isso, destacamos que nosso pensamento se alinha ao de Duplessis, no que diz respeito à definição de noção, quando considerada epistemologicamente. Segundo o autor:

Do ponto de vista epistemológico, noção e conceito, unidades elementares abstratas, podem ser colocadas em duas extremidades de uma linha, em tanto que se opõem, em particular pela precisão que atribuímos aos domínios que ambos recobrem. **A noção abrange uma ideia bastante vaga, com contornos geralmente imprecisos e, portanto, comumente aceitos.** A noção de árvore, por exemplo, é suficientemente partilhada para que todo mundo possa entrar em acordo e se compreender. Uma criança pode construir bem cedo essa noção. (DUPLESSIS, 2007, sem página, grifo nosso).²³

Uma noção, portanto, pode ser entendida como um termo cuja acepção se aproxima intimamente do senso comum, muito embora consista em um termo utilizado em uma teorização e que pode apresentar, nela, um estatuto relevante. É exatamente esse o caso das línguas particulares, nas elaborações de Saussure. Apesar de o linguista não apresentar uma trajetória teórico-argumentativa em busca da definição de línguas enquanto conceito, podemos depreender essa noção, em vários momentos, perpassando a conceituação de língua. Algumas vezes é possível até mesmo confundir o conceito de língua com a noção de línguas.

São exatamente esses momentos, em que a linha teórica que separa ambos se mostra excessivamente tênue, que apontam a direção de nossa análise. Esses momentos também motivam a nossa hipótese inicial de que o conceito de língua proposto por Saussure não se desvencilha por inteiro dos dados empíricos, indicando uma impossibilidade de formalização completa desse objeto.

Contudo, antes de passarmos à análise dos documentos saussurianos em busca de reflexões acerca de nossa hipótese, é preciso entendermos de que forma o conceito de língua delimitado por Saussure foi compreendido, após a publicação do CLG. Com isso, buscaremos analisar de que forma essa compreensão contribuiu para estigmatizar a língua como um objeto unicamente formal, que não abre espaço para o diálogo com os fenômenos empíricos, históricos e sociais. Dessa forma, no capítulo seguinte exporemos as principais críticas ao conceito saussuriano de língua estabelecidas por estudiosos da linguagem que se alinham à

²³ Tradução nossa : « Du point de vue épistémologique, notion et concept, unités élémentaires abstraites, pourraient être placés aux deux extrémités d'une ligne tant ils s'opposent, notamment par la précision que l'on accorde aux domaines qu'ils recouvrent l'un et l'autre. La notion recouvre une idée plutôt vague, aux contours généralement imprécis et donc communément admise. La notion d'arbre, par exemple, est suffisamment partagée pour que tout le monde s'accorde et se comprenne. Un enfant peut construire très tôt cette notion. ».

teorização de Saussure, seja pela indicação de limitações de suas propostas, seja pela proposição de uma continuidade de sua teorização sobre a língua.

CAPÍTULO 2 - A crítica ao conceito saussuriano de língua

“[...] ninguém pode pretender exhibir a verdade da teoria saussuriana e, menos ainda, o projeto autêntico desse pensador enigmático. É exatamente aí que repousa sua irritante originalidade.”

(Claudine Normand)

A publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), em 1916, foi fundamental para a trajetória dos estudos linguísticos e para o estabelecimento da Linguística Moderna. Por meio dessa publicação, tornou-se possível conhecer, discutir e mesmo questionar a delimitação de língua enquanto objeto de estudo da Linguística, bem como o seu modo de funcionamento, ambos pensados por Saussure. Nesse sentido, as leituras do CLG, feitas pelos estudiosos da linguagem contemporâneos e posteriores ao linguista, permitiram o surgimento de críticas e de novas teorizações que partiram de suas conceituações, tanto para continuá-las como para refutá-las.

Com base nisso, identificamos que algumas das principais críticas que se estabeleceram à teorização saussuriana, sobretudo por meio da leitura do CLG, têm como alvo o conceito de língua delimitado pelo genebrino. A organização do CLG, por mais brilhante que seja, apresenta lacunas, muitas das quais fazem parte da *mea culpa* feita pelos próprios editores, que procuraram destacar, sobretudo, a chamada contribuição original de Saussure. No *Prefácio à Primeira Edição* do CLG, Bally e Sechehaye afirmam:

Sentimos toda a responsabilidade que assumimos perante a crítica, perante o próprio autor, que não teria talvez autorizado a publicação destas páginas. Aceitamos integralmente semelhante responsabilidade e queremos ser os únicos a carregá-la. Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes? Ficar-lhe-íamos gratos se dirigisse contra nós os golpes com que seria injusto oprimir uma memória que nos é querida. (BALLY; SECHEHAYE, 1916 [2006], p. 4)

Contudo, ao mesmo tempo em que assumem a responsabilidade por todas as críticas que pudessem surgir a partir da publicação do CLG, os editores admitem também que não limitaram o conteúdo do livro à novidade saussuriana:

Inversamente, censurar-nos-ão talvez por não termos reproduzido desenvolvimentos relativos a pontos já adquiridos antes de F. de Saussure. Nem tudo pode ser novo numa exposição assim vasta; entretanto, se princípios já conhecidos são necessários para a compreensão do conjunto,

querer-se-á censurar-nos por não havê-los suprimido? (BALLY; SECHEHAYE, 1916 [2006], p. 4).

Apesar disso, a não supressão desses elementos parece ter sido insuficiente para evitar o surgimento de interpretações sobre a teorização de Saussure que a classificassem como um arcabouço de cunho estritamente formal. A impossibilidade de conhecimento das fontes de elaboração do CLG, somada aos fatores já expostos, pode ter propiciado uma compreensão da língua como um objeto unicamente formal, que a afasta de sua relação com as línguas particulares e com os aspectos históricos e fenômenos sociais delas inseparáveis²⁴. Isso porque, de acordo com Sofia e Swiggers:

O texto do CLG foi, durante mais de meio século, a única via de acesso – salvo para aqueles que receberam o ensinamento oral de Saussure – às concepções do mestre genebrino, em matéria de Linguística Geral. Esse texto de 1916, que repousa sobre uma inteligente conjugação – uma “*collation*” editorial [...] – das anotações dos estudantes, conheceu reedições (1922, 1931; com numerosas reimpressões, desde de 1949) e algumas traduções, antes de entrar em uma espécie de “metempsicose” [...]. (SOFIA, SWIGGERS, 2016, p. 29).²⁵

Tendo isso em mente, destacamos que grandes autores dos estudos da linguagem – como Chomsky (1965); e Labov, (1976 [1972]) – que tiveram, posteriormente a Saussure, suas reflexões mundialmente reconhecidas, fundamentam suas propostas teóricas em críticas da teorização do linguista que se estabeleceram unicamente a partir do CLG – ou com base em alguns poucos documentos fontes. Porém, em nosso ponto de vista, **esse acesso restrito aos documentos saussurianos não é suficiente para justificar uma tomada de posição que exclui – ou considera como secundária – o lugar dos idiomas na delimitação do objeto de estudo da Linguística.**

Tal como procuraremos mostrar mais à frente, acreditamos que é possível recuperar, por meio do próprio CLG, a importância dos fatores de caráter social e empírico para a compreensão do modo de funcionamento da língua. Contudo, não podemos ignorar que, muitas vezes, o posicionamento desses autores contribui para estigmatizar uma compreensão do conceito saussuriano de língua que desconsidera o lugar desses fatores, os quais consistem em elementos importantes para sua constituição e para sua sustentação.

²⁴ Embora saibamos que essa não seja a única questão que envolve a edição do CLG, focaremos nesse ponto em específico, a fim de desenvolvermos a busca pela investigação de nossa hipótese de que o conceito saussuriano de língua parece não ser passível de uma formalização completa.

²⁵ Tradução nossa : « Le texte du CLG a été, pendant plus d’un demi-siècle, la seule voie d’accès – sauf pour ceux qui avaient reçu l’enseignement oral de Saussure – aux conceptions du maître genevois en matière de linguistique générale. Ce texte de 1916, reposant sur une intelligente mise en commun – une « collation » éditoriale [...] – des notes d’étudiants, a connu des rééditions (1922, 1931 ; avec nombreuses réimpressions à partir de 1949) et quelques traductions, avant d’entrer dans une sorte de « métempsychose » [...]. ».

Considerando isso, neste segundo capítulo de nosso trabalho, procuraremos levantar algumas das críticas dedicadas à teorização saussuriana, principalmente no que concerne ao conceito de língua e a alguns elementos que dele partem. Para tanto, primeiramente, exporemos o modo como a crítica a esse conceito e ao modo de funcionamento da língua é estabelecido, pautando-nos nos trabalhos de Meillet (1958 [1921; 1918]) e Benveniste (1966; 1974). Após, passaremos a uma breve abordagem da forma como essa crítica se estabeleceu no Brasil, considerando os principais momentos de introdução e de recepção do CLG no país, a partir das reflexões de Mattoso Câmara (2004 [1970]).

Essa escolha se justifica devido ao fato de que são autores que tiveram uma interlocução direta com Saussure; Meillet foi seu aluno, e Benveniste, por ter seguido as classes de Meillet, pode ser considerado como um aluno indireto do genebrino. Ambos o sucederam em sua cadeira de Gramática Comparada, na *École Pratique des Hautes Études* e, portanto, estão inscritos na linha de Saussure, isto é, no estudo da Gramática Comparada articulado a uma perspectiva geral sobre a língua. A crítica de ambos se estabelece, assim, como uma espécie de gestão de uma herança; dito de outro modo, são autores que tecem suas críticas com o intuito de exceder a teorização saussuriana, de modo a encontrarem seus lugares nessa mesma linha de reflexões, mas que, ao mesmo tempo, enxergam seus limites.

No que tange à crítica no Brasil, destacamos que Mattoso Câmara se mostra relevante, uma vez que seu conhecimento a respeito das reflexões de Saussure é mediado por Roman Jakobson, demarcando uma passagem entre a Linguística europeia e a americana. Ademais, o trabalho de Mattoso tem uma importância ímpar para os linguistas do país, sendo bastante retomado em pesquisas e no contexto de pós-graduações.

Ademais, não objetivamos estabelecer um levantamento exaustivo das críticas que são dedicadas ao conceito saussuriano de língua. Contrariamente, nossa intenção é expor o posicionamento desses autores específicos, os quais ocupam um lugar importante no cenário dos estudos da linguagem, e cujas teorias apresentam uma relação direta com a teorização de Saussure.

2.1 A crítica de Meillet

Antoine Meillet foi um dos linguistas franceses mais importantes da passagem do século XIX para o século XX; se especializou na gramática comparada das línguas indo-europeias e preocupava-se, também, com a constituição de uma Linguística Geral (cf.

NORMAND, 2000, p. 167). Aluno e amigo de Saussure, o próprio Meillet declarou ser também um discípulo do linguista genebrino. Entretanto, de acordo com Joseph, a relação entre os dois era “principalmente epistolar” (JOSEPH, 2012, p. 333), ou seja, eles trocavam cartas entre si, dentre as quais algumas se revelavam de cunho teórico.

Após a morte de Saussure, e a elaboração e publicação do CLG, Meillet foi um dos primeiros a se colocar enquanto leitor e crítico da edição. Afirmamos isso, pois, de acordo com Sofia e Swiggers (2016), “na França, a recepção [do CLG] se cristaliza em torno dos antigos discípulos parisienses de Saussure: Antoine Meillet, Maurice Grammont e, depois deles, Joseph Vendryes, discípulo de Meillet.” (SOFIA; SWIGGERS, 2016, p. 31)²⁶. Além disso, Meillet conhecia as preocupações de Saussure a respeito dos rumos dos estudos da linguagem e da necessidade de uma reformulação teórico-metodológica da disciplina.

Embora reconheça os méritos da epistemologia saussuriana apresentada no CLG e, por conseguinte, da delimitação do conceito de língua que a edição levou a público, Meillet tem suas ressalvas quanto ao lugar dos fenômenos sociais na teorização de Saussure. Sofia e Swiggers ressaltam:

Antoine Meillet é o autor de três breves resenhas da primeira edição do CLG; a primeira se encontra no Boletim da Sociedade Linguística de Paris 20 (1916), 32-36, o segundo, na Revista crítica de filologia e história 84 (27 de janeiro de 1917), e o terceiro, na *Scientia* 22 nº 44 (1917), 151-152. (SOFIA; SWIGGERS, 2016, p. 31).²⁷

Além dessas resenhas, o conteúdo do CLG é retomado pelo autor em alguns de seus outros trabalhos. No *avertissement* de seu livro intitulado *Linguística Histórica e linguística Geral*, que consiste em uma apresentação dos artigos que compõem essa coleção, Meillet retoma as fases pelas quais a linguística passou até chegar ao início do século XX. Destaca que a Idade Média tentou fundar a gramática sobre a lógica, mantendo-se assim até o século XVIII; posteriormente, afirma que, no século XIX, a observação dos fatos psíquicos e sociais “conduziu a apresentar a gramática de cada língua como um conjunto de fatos”, os quais, contudo, não haviam sido coordenados até então (MEILLET, 1958 [1921], p. VIII).

Em seguida, ressalta a importância da obra de autoria outorgada a Saussure para a ordenação dos elementos conquistados pelos estudos linguísticos do século XIX:

²⁶ Tradução nossa : « En France, la réception se cristallise autour des anciens disciples parisiens de Saussure : Antoine Meillet, Maurice Grammont et, dans leur suite, Joseph Vendryes, disciple de Meillet. ».

²⁷ Tradução nossa : « Antoine Meillet est l’auteur de trois comptes rendus de la première édition du CLG ; le premier dans le Bulletin de la Société de Linguistique de Paris 20 (1916), 32-36, le second dans Revue critique de philologie et d’histoire 84 (27 janvier 1917), 49-51, le troisième dans *Scientia* 22 nº 44 (1917), 151-152). ».

As notas dos cursos de F. de Saussure, editadas sob o título de Curso de Linguística Geral, indicam como poderíamos começar a colocar ordem [nos fatos de língua]. Mas falta fazer um grande trabalho para ordenar os fatos linguísticos, no ponto de vista da língua propriamente dita.

O próprio objetivo desta coleção é mostrar como, **ao obedecer a certas regras gerais que determinam as condições universais de qualquer língua, a mudança linguística está ligada aos fatos de civilização e ao estado das sociedades que empregam as línguas consideradas.** (MEILLET, 1958 [1921], p. VIII, grifo nosso).²⁸

Embora Meillet conceda a importância devida ao CLG, o autor também se posiciona de forma a ressaltar que a edição apenas indica o início do caminho a ser percorrido, na ordenação dos fatos linguísticos. Segundo ele, para que seja possível compreender as mudanças da língua, é necessário recolocar os caracteres sociais, mesmo ao considerar as regras gerais e as condições universais da língua – as quais são o principal alvo de delimitação do CLG. Essa colocação de Meillet parece significar que, para o autor, a caracterização da língua apresentada na edição a afasta dos elementos que constituem sua natureza social; apesar disso, a essa caracterização se estabelece como uma fórmula que pode ser comprovada empiricamente, por meio da relação da língua com os elementos ditos externos. Isto é: qualquer que seja a língua particular que se descubra ou se analise, ela sempre será um sistema de signos, nos moldes definidos por Saussure.

Em outros pontos desse mesmo texto, a crítica de Meillet se baseia em uma compreensão do CLG que vê como uma contradição a classificação da língua enquanto um objeto social que é convencionado por uma determinada sociedade, e sua delimitação enquanto um sistema de signos, que se trata de uma fórmula geral que independe dos fatores específicos de uma língua para que funcione. É nesse ponto que reconhecemos a crítica de Meillet a respeito do conceito saussuriano de língua. Ao que parece, para o autor, essa contradição abre precedentes para que a língua seja interpretada ora de uma forma, ora de outra, o que acaba interferindo na delimitação dos seus princípios (MEILLET, 1958 [1921]).

No que tange ao princípio das mudanças linguísticas, por exemplo, Meillet parece considerar que a compreensão que impera é a da língua enquanto um sistema de signos, e não como um objeto social. Entendemos isso, pois o autor afirma que, em Saussure, a questão das mudanças linguísticas aparece separada das condições exteriores – e, ao nosso ver, sociais –

²⁸ Tradução nossa : « Les notes de cours de F. de Saussure, éditées sous le titre de *Cours de Linguistique Générale*, ont indiqué comment on y pourrait mettre un commencement d'ordre. Mais il reste à faire un grand travail pour ordonner les faits linguistiques au point de vue de la langue même.

L'objet propre de ce recueil est de montrer comment tout en obéissant à certaines règles générales que déterminent les conditions universelles de toute langue, le changement linguistique est lié à des faits de civilisation et à l'état des sociétés qui emploient les langues considérées. ».

que estão atreladas a ela. Esse posicionamento de Meillet é reafirmado em uma das resenhas do CLG, publicadas pelo autor no Boletim da Sociedade Linguística de Paris, no mesmo ano da publicação da edição organizada por Bally e Sechehaye.

Abordando, novamente, a questão das mudanças linguísticas, o autor afirma:

Ao separar a mudança linguística das condições exteriores das quais ela depende, F. de Saussure a priva da realidade; ele a reduz a uma abstração, que é necessariamente inexplicável. Isso é perceptível quando surge uma pequena explicação das causas das mudanças fonéticas: F. de Saussure se limita a uma percepção das opiniões expressas, que ele critica rapidamente; porém, não tenta qualquer classificação, não traz uma nova visão, nenhum engajamento novo dos pontos de vista emitidos. E parece, ao ler essas páginas [o CLG], que o problema é quase quimérico. (MEILLET, 1916 apud SOFIA; SWIGGERS, 2016, p. 32, grifo nosso).²⁹

No trecho acima, a crítica de Meillet é feita de maneira mais dura. Ao afirmar que Saussure reduz as questões da mudança linguística a uma abstração, o autor se posiciona de forma a considerar a delimitação saussuriana de língua e, conseqüentemente, o seu funcionamento como coisas estritamente teóricas, muito embora possam ser empiricamente fundamentadas. Mais do que isso, Meillet afirma que a teorização de Saussure faz que com a mudança linguística seja vista como algo separado da realidade, ou seja, ela impõe uma distância entre aquilo que o linguista genebrino delimita como “língua” e os fenômenos sociais e observáveis que a ela estão vinculados.

A questão dos caracteres sociais para Meillet parece ser bastante cara, tanto que, mesmo se considerando discípulo de Saussure e ainda que conhecesse as ideias do linguista de perto, o autor ainda se dedica a tratar as mudanças linguísticas a partir de um ponto de vista social, necessariamente vinculado à observação empírica dos fatos de língua. Esse, contudo, era um posicionamento bastante comum entre os estudiosos de sua época. Segundo Normand, “a maior parte dos linguistas, a partir do final do século XIX, insiste no caráter social da língua, e alguns, como Meillet, veem-no como o ponto de partida daquilo que deve ser doravante a Linguística, uma ‘ciência social’” (NORMAND, 2000, p. 64)³⁰.

²⁹ Tradução nossa: « En séparant le changement linguistique des conditions extérieures d'où il dépende, F. de Saussure le prive de réalité ; il le réduit à une abstraction, qui est nécessairement inexplicable. Et ceci se voit bien quand vient [...] un petit exposé des causes des changements phonétiques : F. de Saussure se borne alors à un aperçu des vues émises qu'il critique rapidement ; mais il n'essaie aucun classement, il n'apporte aucune vue nouvelle, aucun agencement nouveau des vues émises. Et il semble, à lire ces pages, que le problème soit presque chimérique. ».

³⁰ Tradução nossa: « La plupart des linguistes, depuis la fin du XIX^e siècle insistent sur le caractère social de la langue et certains, comme Meillet, voient là le point de départ de ce que doit être désormais la linguistique, une « science sociale ». ».

De fato, o percurso teórico de Meillet indica que, mesmo ao pensar a Linguística Geral, o autor se mantém alinhado às línguas e à pluralidade de línguas existentes no globo. Em grande parte do trabalho do autor, essa proximidade é vista de forma bastante clara. Por exemplo, ao indicar a fórmula que pode ser aplicada às mudanças ocorridas nas línguas eslavas, Meillet afirma:

Quando uma língua se diferencia em falas distintas, aquelas das inovações realizadas em cada falar, que não levam em conta as condições próprias a esse falar, elas são ou idênticas ou ao menos orientadas na mesma direção. Desse princípio procede a regularidade do desenvolvimento linguístico, que constatamos de fato. (MEILLET, 1958 [1918], p. 65).³¹

Para o autor, as mudanças linguísticas são percebidas pela fala e se concretizam em inovações que se desenvolvem sempre em direções iguais ou semelhantes. É notável que, ao elaborar o princípio que orienta as mudanças nas línguas abordadas nesse seu trabalho, Meillet se utiliza claramente dos fenômenos sociais, tais como o falar, que está estritamente vinculado ao falante e, conseqüentemente, a uma sociedade determinada. É importante destacar também que o autor se mantém explicitamente no nível das línguas particulares para teorizar sobre as mudanças, de modo que não abandona os aspectos empíricos ao estabelecer sua reflexão.³²

Além disso, Meillet retoma, em um de seus trabalhos, a relevância da questão da origem de uma mudança linguística. Para ele, é importante conhecer a trajetória completa de uma alteração gramatical para que seja possível estabelecer uma generalização a respeito das mudanças, enquanto regra. Segundo o autor,

A questão de saber em que medida as ações coletivas se manifestam espontaneamente nos diversos indivíduos que falam uma língua dada não está resolvida. **Nunca conseguimos observar uma mudança gramatical em vias de realização desde o momento em que ela aparece, até o momento em que a nova forma se torna regra.** E se, por acaso, conseguirmos fazer uma observação completa, **será sempre apenas um**

³¹ Tradução nossa: « Quand une langue se différencie en parles distinctes, celles des innovations réalisées dans chaque parler qui ne tiennent pas à des conditions propres à ce parler sont ou identiques ou du moins orientées en une même direction. De ce principe procède la régularité du développement linguistique, qu'on constate en fait. ».

³² Essas diferenças de abordagens da mudança linguística entre Meillet e Saussure podem estar relacionadas às diferentes concepções de Linguística Geral que se estabeleceram no início do século XX. De acordo com Colombat, Fournier e Puech (2017 [2010]), a Linguística Geral passou a ser considerada a partir de dois principais pontos de vista: i) um primeiro caracterizado por ser cumulativo, somático, que estabelece a Linguística a partir de um trabalho enciclopédico sobre as línguas do mundo (ponto de vista de Meillet); ii) um segundo mais teórico, fundamentado por princípios necessários aos estudos dessas línguas e deduzidos a partir desses estudos (ponto de vista de Saussure).

caso particular do qual não saberemos retirar conclusões gerais.
(MEILLET, 1958 [1918], p. 73, grifos nossos).³³

Para o autor, a impossibilidade de se observar a mudança por completo ocorre pela dificuldade de se identificar a origem das mudanças linguísticas. **Acerca da questão das origens, Saussure se posiciona diferentemente;** em seu ponto de vista, buscar identificar a origem dos fatos, no âmbito da linguagem, cria uma sucessão ininterrupta, que não leva a alguma conclusão. Segundo o autor:

A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado. Parece fácil, à primeira vista, distinguir entre esses sistemas e sua história, entre aquilo que ele é e o que foi; na realidade, a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las. Seria a questão mais simples se se considerasse o fenômeno linguístico em suas origens; se, por exemplo, começássemos por estudar a linguagem das crianças? Não, pois é uma ideia bastante falsa crer que em matéria de linguagem o problema das origens difira do das condições permanentes; não se sairá mais do círculo vicioso, então. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 16).

Enquanto Meillet destaca a importância de se conhecer toda a trajetória de uma mudança, inclusa sua origem, para que seja possível formular uma regra geral que as reja, Saussure se coloca na direção contrária, negando que a busca pelas origens possa indicar uma solução para a compreensão das mudanças, no âmbito da linguagem. A priori, pode-se pensar que essa divergência de pensamento entre os dois autores se dê porque Meillet, embora não apresente uma solução para que se possa driblar o problema do não conhecimento das origens, mantém uma relação estreita com a observação das línguas e ressalta a importância de efetuar-las.

Ao que parece, são esses contrapontos no modo de compreender e de teorizar sobre a mudança linguística que fundamentam a crítica de Meillet à teorização de Saussure. Como a questão da mudança está estritamente vinculada à concepção de língua que permeia as reflexões de cada autor, ao criticar a forma como Saussure trata as modificações de uma língua, Meillet critica, por consequência, também o seu conceito de língua. Sabendo disso, levantamos alguns questionamentos: i) os aspectos sociais são, de fato, desconsiderados na teorização de Saussure sobre a língua? ii) Esses aspectos não são explanados pelo linguista nem mesmo de forma secundária? A partir dessas duas perguntas, é possível propor uma

³³ Tradução nossa: « La question de savoir en quelle mesure les actions collectives se manifestent spontanément chez les divers individus qui parlent une langue donnée n'est pas résolue. On n'a jamais réussi à observer un changement grammatical en voie de réalisation depuis le moment où il apparaît jusqu'au moment où la nouvelle forme est de règle. Et si, par fortune, on réussissait à faire une observation complète, ce ne serait jamais qu'un cas particulier dont on ne saurait tirer de conclusions générales. ».

terceira questão: poderia a relação entre a língua e as línguas particulares ajudar a compreender o lugar ou a ausência dos aspectos sociais nas elaborações do linguista?

Meillet não é o único autor do âmbito dos estudos da linguagem a estabelecer análises da teorização de Saussure que colocam o seu conceito de língua como algo estritamente formal e que exclui os fenômenos sociais. Há outros autores, igualmente relevantes para o âmbito dos estudos da linguagem, que tecem críticas semelhantes, fundamentadas por aspectos análogos ou que, ao menos, admitem que é possível que se compreenda o conceito de língua dessa forma, a partir da leitura do CLG. Tendo isso em vista, no tópico a seguir faremos uma breve apresentação do modo como a língua e a questão das mudanças linguísticas são tratadas por Benveniste.

2.2 A crítica de Benveniste

Émile Benveniste foi aluno de Meillet e, principalmente por meio de seu mestre, conheceu os ensinamentos de Saussure, sobretudo aqueles concernentes à Gramática Comparada. Em uma entrevista a Pierre Daix, publicada no livro *Problèmes de Linguistique Générale*, Benveniste afirma:

Ele [Meillet] ensinava estritamente a gramática comparada. Devemos, aqui, remontar um pouco além, porque era através dele que o ensinamento de Ferdinand de Saussure, em Paris, era, em partes, transmitido aos discípulos de Meillet. Isso tem uma importância muito grande para quem é, de certo modo, parte da bibliografia intelectual francesa, embora o Saussure que lecionara por dez anos na *École des Hautes Etudes* não fosse o Saussure cujo nome agora ressoa em todos os lugares. (BENVENISTE, 1974 [1968], p. 11-12).³⁴

Benveniste, nesse sentido, é um grande conhecedor e crítico da teorização saussuriana, tanto no que diz respeito à Gramática Comparada, como no que tange à Linguística Geral. Percebemos, ao nos dedicar à leitura de alguns de seus trabalhos³⁵, que há, por sua parte, um inegável reconhecimento à trajetória teórica percorrida por Saussure; entretanto, o linguista

³⁴ Tradução nossa : « Il [Meillet] enseignait strictement la grammaire comparée. Il faut ici remonter un peu plus haut, parce que, à travers lui, c'est l'enseignement de Ferdinand de Saussure à Paris qui a été en partie transmis aux disciples de Meillet. Ceci a une très grande importance pour quiconque fait en quelque sorte la biographie intellectuelle de la linguistique française, quoique le Saussure qui a enseigné pendant dix ans à l'École des Hautes Études n'ait pas été le Saussure dont le nom retentit aujourd'hui partout. ».

³⁵ Os trabalhos analisados foram aqueles publicados nas coleções “Problemas de Linguística Geral” (1966) e “Problemas de Linguística Geral II” (1974).

francês³⁶ apresenta críticas às reflexões saussurianas, propondo uma continuação do legado deixado pelo genebrino, porém, de forma a conceber sua própria teoria. Logo, há uma peculiaridade na apreciação feita por Benveniste a respeito do CLG, a qual é evidenciada pelo modo de escrita do autor e pela forma como ele se utiliza dos impasses deixados por Saussure para indicar novos caminhos a serem tomados.

Isso pode ser notado, por exemplo, no trecho a seguir do trabalho intitulado *Coup d'œil sur le développement de la linguistique*, em que Benveniste, indiretamente, reconhece as críticas dirigidas ao método de trabalho delimitado por Saussure para a Linguística, no entanto, procura desmitificar essa compreensão demasiadamente estreita do conceito de língua, que muitas vezes é estabelecida a partir das reflexões saussurianas.

Temos a impressão de que, para os linguistas de hoje, os fatos de linguagem são transformados em abstrações, tornando-se materiais inumanos de construções algébricas ou servindo de argumentos às áridas discussões de método; que a Linguística se alinha às realidades da linguagem e se isola das outras ciências humanas. Ora, é tudo o oposto. Constatamos, ao mesmo tempo, que esses métodos novos da Linguística são exemplos e mesmo modelos para outras disciplinas, que os problemas da linguagem, agora, são de interesse para diversas e sempre numerosas especialidades, e que uma corrente de pesquisas leva as ciências humanas a trabalhar na mesma linha dos linguistas. (BENVENISTE, 1966 [1953], p. 18, grifos nossos).³⁷

O próprio Benveniste se vale desse mesmo tipo de abstração em sua teorização, utilizando-se do sistema linguístico delimitado por Saussure. Contudo, ele não deixa de destacar que existem críticas a respeito disso, as quais destaca na primeira frase do trecho mencionado; ao que parece, trata-se de uma crítica à teorização de Saussure, mesmo que não haja menção de seu nome ou de sua obra. Afirmamos isso, pois, como mostramos anteriormente, com Meillet, uma das maiores reprovações³⁸ vinculadas ao corte epistemológico saussuriano é concernente à suposta exclusão dos fatos empíricos-sociais da delimitação do objeto da Linguística e à consequente formalização e abstração da língua, enquanto um sistema de signos.

³⁶ Embora Benveniste tenha nascido em Alep, na Síria, sua nacionalidade é francesa.

³⁷ Tradução nossa: « On a l'impression que, pour les linguistes d'aujourd'hui, les faits du langage sont transmués en abstractions, deviennent les matériaux inhumains de constructions algébriques ou servent d'arguments à d'arides discussions de méthode; que la linguistique s'éloigne des réalités du langage et s'isole d'autres sciences humaines. Or c'est tout l'opposé. On constate en même temps que ces méthodes nouvelles de la linguistique prennent valeur d'exemple et même de modèle pour d'autres disciplines, que les problèmes du langage intéressent maintenant des spécialités très diverses et toujours plus nombreuses, et qu'un courant de recherches entraîne les sciences de l'homme à travailler dans le même esprit qui anime les linguistes. ».

³⁸ Parece haver um paradoxo: enquanto, para alguns autores, o estabelecimento da língua enquanto um objeto de estudos matematizado e separado dos fenômenos sociais consiste na grande inovação de Saussure, para outros, esse mesmo aspecto é o principal ponto criticável da teorização do linguista.

Em vista disso, destacamos, a seguir, uma análise de Benveniste, que busca discutir um fator que colabora para a compreensão de que Saussure excluiu os fatores externos à língua de sua delimitação. Trata-se da questão da história, cujo lugar é, muitas vezes, mal-entendido no seio da teorização de Saussure. A respeito disso, Benveniste explica:

A novidade do ponto de vista saussuriano, um dos que agiram mais profundamente, foi a tomada de consciência de que a própria linguagem não comporta nenhuma dimensão histórica, que ela é sincronia e estrutura, e que ela funciona apenas em virtude de sua natureza simbólica. Não é tanto a consideração histórica que é condenada, desta forma, mas uma maneira de “atomizar” a língua e de mecanizar a história. (BENVENISTE, 1966 [1954], p. 5).³⁹

Essa retomada, feita por Benveniste, do lugar da história nas reflexões saussurianas não ocorre sem motivo. Por meio dela, o linguista busca explicar que não é a história em si que é condenável no arcabouço teórico de Saussure, mas uma concepção de língua que a determine isoladamente, isto é, de forma atomizada.

Ademais, como mostramos no tópico anterior, Meillet tece críticas ao pensamento de Saussure, por considerar que este separa as modificações ocorridas em uma língua das condições exteriores ao sistema linguístico. Benveniste, que foi aluno de Meillet e discípulo de Saussure, retoma esse ponto de discussão de modo a dar o devido lugar do tempo (um elemento exterior, na concepção saussuriana de mudança linguística), sem, contudo, desmerecer o valor do sistema e da natureza dos elementos da língua:

O tempo não é o fator da evolução, ele é apenas o quadro. A razão da mudança que atinge tal elemento da língua está, de uma parte, na natureza dos elementos que a compõem em um momento dado, e, de outra, nas relações de estrutura entre esses elementos. A constatação bruta da mudança e a fórmula de correspondência que a resume dão lugar a uma análise comparada de dois estados sucessivos e das disposições diferentes que os caracterizam. A diacronia é, então, reestabelecida em sua legitimidade, enquanto sucessão de sincronias. Isso ressalta a importância primordial da noção de sistema e da solidariedade restaurada entre todos os elementos de uma língua. (BENVENISTE, 1966 [1954], p. 5, grifo nosso).⁴⁰

³⁹ Tradução nossa : « La nouveauté du point de vue saussurien, un de ceux qui ont le plus profondément agi, a été de prendre conscience que le langage en lui-même ne comporte aucune dimension historique, qu’il est synchronie et structure, et qu’il ne fonctionne qu’en vertu de sa nature symbolique. Ce n’est pas tant la considération historique qui est condamnée par là qu’une manière d’« atomiser » la langue et de mécaniser l’histoire. ».

⁴⁰ Tradução nossa : « Le temps n’est pas le facteur de l’évolution, il n’est que le cadre. La raison du changement qui atteint tel élément de la langue est d’une part dans la nature des éléments qui la composent à un moment donné, de l’autre dans les relations de structure entre ces éléments. La constatation brute du changement et la formule de correspondance qui la résume font place à une analyse comparée de deux états successifs et des agencements différents qui les caractérisent. La diachronie est alors rétablie dans sa légitimité, en tant que succession de synchronies. Cela fait déjà ressortir l’importance primordiale de la notion de système et de la solidarité restaurée entre tous les éléments d’une langue. ».

Ao tratar da relação entre tempo e evolução, Benveniste faz referências às reflexões de Saussure a respeito da mutabilidade do signo, ou seja, das mudanças linguísticas. Se retomarmos o conteúdo do CLG, veremos que, de acordo com Saussure, para que uma mudança ocorra, são necessários dois fatores: o tempo e a massa falante:

Se se tomasse a língua no tempo, sem a **massa falante** – suponha-se o indivíduo isolado que vivesse durante vários séculos – não se registraria talvez nenhuma alteração; o tempo não agiria sobre ela. Inversamente, se se considerasse a massa falante sem o tempo, não se veria **o efeito das forças sociais agindo sobre a língua**. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 93, grifo nosso).

A crítica de Benveniste consiste em, de fato, reestabelecer a relevância do tempo no esquema dos fatores necessários à mudança do signo linguístico em Saussure. Desse modo, retira desse elemento o estatuto de “fator de evolução” e o coloca como o “quadro” que permite que as mudanças ocorram. Nesse sentido, para o autor, os fatores responsáveis pelas modificações consistem i) na natureza dos elementos que compõem um estado de língua, e ii) no modo de funcionamento do sistema linguístico, isto é, as relações de valor e oposição. Entretanto, não podemos esquecer, ainda, os fatores que são elencados pelo próprio Saussure como responsáveis pela evolução da língua: a massa falante e as forças sociais.

Benveniste não desconsidera a importância desses dois fatores para a concepção de língua de Saussure, ao relacioná-la à linguagem. Segundo ele,

[...] Saussure percebeu que estudar uma língua conduzia inevitavelmente a estudar a linguagem. Cremos que podemos alcançar diretamente o fato de língua como uma realidade objetiva. Na verdade, nós o conhecemos [o fato de língua] apenas a partir de um certo ponto de vista, que deve ser definido de início. **Deixemos de acreditar que o que apreendemos na língua é um objeto simples, que existe por si mesmo, e que é suscetível de uma captura total.** A primeira tarefa é mostrar ao linguista “o que ele faz”, a que operações preliminares ele se dedica inconscientemente quando ele aborda os dados linguísticos. (BENVENISTE, 1966 [1963], p. 38, grifos nossos).⁴¹

Benveniste vê na trajetória de Saussure a percepção de uma relação necessária entre sua concepção de língua e aquilo que constitui também a linguagem – ou seja, os fatores que são exteriores ao sistema. Tal como é exposto no CLG, Benveniste considera que a língua não

⁴¹ Tradução nossa : « [...] Saussure a vu qu'étudier une langue conduit inévitablement à étudier le langage. Nous croyons pouvoir atteindre directement le fait de langue comme une réalité objective. En vérité nous ne le saisissons que selon un certain point de vue, qu'il faut d'abord définir. Cessons de croire qu'on appréhende dans la langue un objet simple, existant par soi-même, et susceptible d'une saisie totale. La première tâche est de montrer au linguiste « ce qu'il fait », à quelles opérations préalables el se livre inconsciemment quand il aborde les données linguistiques. ».

é passível de uma captura completa, uma vez que ela só pode ser definida a partir de determinado ponto de vista. Ao se posicionar dessa forma, Benveniste estabelece, conseqüentemente, uma crítica às compreensões, a respeito da teorização de Saussure, que a consideram como um objeto passível de ser totalmente apreendido.

Na teoria do próprio Benveniste, essa relação entre língua, linguagem e sociedade é reafirmada. Para o autor, a língua e a sociedade têm estruturas análogas, que funcionam de forma semelhante e que dependem, necessariamente, do contato com elementos de uma comunidade para se estabelecerem. O autor afirma: “A língua nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana, ela se elabora por meio do mesmo processo que a sociedade, pelo esforço de produzir os meios de subsistência, de transformar a natureza e de multiplicar os instrumentos”⁴² (BENVENISTE, 1974 [1968], p. 95).⁴³

Para o autor, então, a língua não parece se constituir como um elemento estritamente formal, separado das condições e dos elementos externos que lhe atravessam e lhe constituem. Com base nisso, é possível notar que a crítica de Benveniste ao conceito saussuriano de língua se dá de modo a admitir que as interpretações que o consideram como um objeto que não possui relação com os dados empíricos têm fundamento. Entretanto, o linguista francês procura destacar os elementos da teorização de Saussure que evidenciam a relação do sistema com os dados linguísticos e com a linguagem, de modo que, para além disso, estabelece seu próprio ponto de vista, buscando conceituar uma relação entre a língua, a sociedade e o ato individual.

Assim, destacamos o lugar da crítica de Benveniste no seio de nosso trabalho, tendo em vista que se trata de uma análise bastante peculiar a respeito da teorização de Saussure, dada a intimidade teórica existente entre os dois linguistas. As pontuações de Benveniste que buscam tirar a teorização de Saussure de um lugar exclusivamente teórico se dão em resposta às críticas que colocavam o arcabouço saussuriano nesse mesmo lugar.

Como já mostramos, entre essas críticas é possível encontrar, de certa forma, os trabalhos de Meillet⁴⁴; contudo, há também outros autores renomados que se posicionam de modo semelhante. Considerando isso, julgamos pertinente voltarmos nosso olhar ao modo

⁴² Tradução nossa : « La langue naît et se développe au sein de la communauté humaine, elle s'élabore par le même procès que la société, par l'effort de produire les moyens de subsistance, de transformer la nature et de multiplier les instruments ».

⁴³ Diferentemente de Saussure, Benveniste se encarrega do estudo da relação entre língua e sociedade. Em sua obra *Le Vocabulaire des Institutions Indo-Européennes*, ele apresenta um estudo sobre como o léxico de uma língua pode revelar as estruturas e concepções de uma sociedade.

⁴⁴ Embora tanto a crítica de Meillet como a de Benveniste se baseiem na relação entre língua e sociedade, a de Benveniste se diferencia pela incidência do marxismo em suas considerações. Para ele, a língua pode revelar as infraestruturas e as superestruturas de uma sociedade, no sentido estabelecido por Marx.

como o conceito de língua foi compreendido e divulgado no Brasil. Para tanto, pautar-nos-emos nos trabalhos de um autor que possui uma interlocução com as reflexões de Saussure e cujos trabalhos tiveram bastante influência em momentos importantes da introdução e, especialmente, da circulação da teorização de Saussure no país: Joaquim Mattoso Câmara.

2.3 A crítica no Brasil

A recepção da teorização saussuriana no Brasil se deu, principalmente, em dois momentos: i) de forma indireta, antes da tradução do CLG para português, por meio da leitura dos estudiosos da linguagem brasileiros que tinham acesso à edição original ou a outras traduções; ii) de forma direta, com a tradução e o lançamento da versão brasileira do CLG, em 1970, ou seja, mais de meio século após a primeira publicação da edição. Além de estar cronologicamente distante da primeira publicação do CLG, é importante destacar que o lançamento da tradução desse livro, no Brasil, ocorreu em meio à ditadura militar, que se iniciou em 1964 e teve fim em 1985.

Essas circunstâncias determinadas por um governo autoritário, que era pautado na repressão e na censura, interferiram no modo com as obras de grandes autores – teóricos, literários, artistas – eram disseminadas no país. O pequeno número de publicações que existem a respeito da teorização saussuriana nessa época evidencia que essa conjuntura política do país impediu que se estabelecesse uma discussão frutífera e que buscasse retirar, a fundo, consequências teóricas das reflexões de Saussure naquele momento (cf. COELHO, 2016, p. 2). Apesar disso, nem essas condições nem o atraso da tradução do CLG para o português impediram a introdução, mesmo que indireta, da teorização saussuriana no Brasil.

Felizmente, Joaquim Mattoso Câmara foi um dos estudiosos da linguagem brasileiros que se dedicou à leitura e à análise do CLG, se consagrando como um dos responsáveis pela entrada das reflexões de Saussure no país. De Lemos et al destacam a importância desse autor para a trajetória da Linguística no Brasil; segundo as autoras: “Mattoso Câmara Jr. é reconhecido como ‘o pai da Linguística no Brasil’, porque ele introduziu a abordagem estrutural/sincrônica no país e porque ele fez a primeira descrição fonêmica do português brasileiro” (DE LEMOS et al., 2003, p. 170).

Essa “abordagem estrutural/sincrônica” que o autor se dedicou a introduzir no país tem seus fundamentos nas elaborações de Saussure, por intermédio de Jakobson, tal como pode ser observado, principalmente, no livro *Estrutura da Língua Portuguesa*. Além disso, é

importante ressaltar que, momentos antes, a publicação de sua obra *Princípios de Linguística Geral*, em 1942, foi de extrema relevância para a compreensão das bases da Linguística Geral e para o estabelecimento de discussões nesse âmbito de estudos, que ganhou consistência a partir dos ensinamentos do linguista suíço.

Após a tradução brasileira do CLG, com a reintrodução das ideias de Saussure no Brasil e, sobretudo, após a redemocratização do país, novas discussões acerca da teorização saussuriana foram surgindo, o que acabou por incentivar ainda mais o ensino e a pesquisa dos fundamentos estabelecidos pelo linguista nas universidades brasileiras. Esse movimento impulsionou também a produção de manuais de linguística, destinados à abordagem de teorias linguísticas no ensino superior.

Sabendo disso, é notável que as produções de Mattoso Câmara podem ter influenciado o modo como a teorização de Saussure passou a ser compreendida no Brasil, dada a sua influência no campo dos estudos da linguagem, tanto no que diz respeito à pesquisa, como no que concerne à formação dos profissionais nas universidades. Nesse sentido, nos tópicos a seguir procuraremos mostrar de que forma o conceito saussuriano de língua é tratado por esse autor, que se insere entre os dois principais momentos da introdução das ideias de Saussure no território brasileiro.

2.3.1 Joaquim Mattoso Câmara

Para tratar do modo como o conceito Saussuriano de língua é compreendido e difundido por Mattoso Câmara, nos pautaremos, principalmente, na sua obra intitulada *Estrutura da Língua Portuguesa*. Publicada em 1970, ou seja, no mesmo ano do lançamento da tradução brasileira do CLG, a obra pode trazer alguns aspectos importantes do trabalho de introdução à Linguística Geral no Brasil, feito por Mattoso Câmara desde o início de suas pesquisas; principalmente aspectos relacionados à teorização de Saussure.

O objetivo do autor, nesse trabalho, consiste em **descrever** a língua portuguesa, partindo de uma perspectiva sincrônica, ou seja, analisando-a com base em um espaço de tempo determinado. Mais detalhadamente, consiste em “descrever a língua portuguesa, no Brasil, tal como é usada pelas classes ditas ‘cultas’ num registro formal, isto é, adequado às situações sociais mais importantes” (MATTOSO CÂMARA, 2004 [1970], p. 17). Assim, desde as primeiras páginas do livro, o autor se apoia nos fundamentos de Saussure, como forma de justificar suas tomadas de posição.

De acordo com Mattoso Câmara, o interesse pelo estudo linguístico descritivo se iniciou no início do século XX, tanto por meio do linguista alemão Anton Marty, como por meio de Saussure; especificamente a respeito deste último, Mattoso Câmara afirma:

De maneira mais cabal, sistemática e profunda, o linguista franco-suíço Ferdinand de Saussure, nos seus cursos na Universidade de Genebra, de 1908 e 1911, compendiados postumamente em 1916 por dois de seus maiores discípulos [...], dividiu a LINGÜÍSTICA em “diacrônica” (através do tempo, ou seja, histórica) e “sincrônica”, denominação que já aqui se comentou. Por «Linguística sincrônica» ele entende a gramática descritiva, cientificamente conduzida, isto é, de maneira sistemática, objetiva e coerente. (MATTOSO CÂMARA, 2004 [1970], 12)

Na leitura do autor, a linguística sincrônica, delimitada por Saussure e que tem a língua como objeto de estudo, se confunde com a gramática descritiva. Vemos, desde já, que Mattoso Câmara, ao associar a sincronia à gramática, parece compreender a teorização de Saussure como algo diretamente relacionado a uma língua particular, isto é, a um objeto real do mundo. Essa relação é, ainda, corroborada por outras colocações do autor, que são apresentadas no livro que analisamos.

Ao explicitar o que entende por gramática descritiva ou sincrônica, Mattoso Câmara aproxima sua concepção de língua da noção de sistema – ou “estrutura” – delimitada pelo próprio Saussure, no CLG. Contudo, diferentemente das leituras que compreendem o sistema de maneira afastada dos aspectos sociais e das línguas que se colocam à observação aos linguistas, para o autor, a gramática ou o sistema de uma língua só pode ser encontrado, observado e descrito por meio de um idioma particular. Não se trata de um elemento unicamente formal, mas de uma possibilidade de teorização que parte do empírico. Isso pode ser depreendido a partir do seguinte trecho do trabalho do autor:

Ora, a gramática descritiva, ou sincrônica, tem, em última análise, por fim depreender e expor esse sistema, ou estrutura, como estabeleceu de início Saussure. Isso não quer dizer que a gramática descritiva seja um bloco monopolítico. Há sempre exceções e elas têm de ser levadas em conta. Em toda a gramática, ao lado da «regularidade», há as “irregularidades”. Mas, antes de tudo, como já aqui ressaltamos, elas são fatos de superfície. Em profundidade elas obedecem a padrões particulares, que se coordenam com o padrão, ou regra geral, dito “regularidade”. Depois é preciso não esquecer que, como já vimos, **a língua em sentido lato se subdivide em dialetos regionais, dialetos sociais e registros.** Em cada um deles há uma gramática descritiva específica. (MATTOSO CÂMARA, 2004 [1970], p. 17, grifos nossos).

No trecho acima, Mattoso Câmara destaca que, para se construir uma gramática descritiva, é necessário compreender o sistema de uma língua, entendido nos moldes

saussurianos. Assim, temos que a aproximação estabelecida pelo autor entre a sincronia e a gramática descritiva faz com que a relação entre o sistema saussuriano – que é a língua – e a pluralidade linguística seja colocada de forma mais clara.

Há outra consideração de Mattoso que reitera esse seu posicionamento, colocando de forma inequívoca a existência de um entrelaçamento entre o conceito saussuriano de língua e as línguas particulares – ou, mais especificamente, neste caso, a língua portuguesa. Trata-se do trecho seguinte, em que o autor parte de um princípio que rege o estabelecimento dos signos, a partir do sistema linguístico – “na língua, tudo é oposição” – para explicar o funcionamento dos substantivos coletivos, em oposição aos comuns, em português. O autor destaca:

[...] visto que na língua “tudo é oposição”, como sabemos desde Saussure [...], o coletivo pressupõe sempre em português, como em qualquer outra língua, a existência do conceito e do nome para os indivíduos componentes homogêneos.

Árvore ou *casa* não são coletivos, embora sejam conceptualmente passíveis de uma divisão em partes. Mas *rama* ou *folhagem* o são como coleção de *folhas*, *povo* o é porque pressupõe o indivíduo, *cidadão*, e assim por diante. (MATTOSO CÂMARA, 2004 [1970], p. 91, grifo nosso).

Mais do que unicamente estabelecer um paralelo teórico entre o conceito saussuriano de língua e a língua portuguesa, Mattoso Câmara apresenta exemplos de palavras do português brasileiro que se estabelecem – ou não – enquanto nomes coletivos por meio da oposição com os demais elementos da língua. Para nós, o modo como o autor trata o conceito saussuriano em questão, sempre o relacionando com a língua portuguesa, de forma a embasar sua gramática descritiva, reflete na sua compreensão do conceito de língua, visto que não a afasta dos dados empíricos; ao contrário, parece se confundir com eles, de forma que auxilia na descrição daquilo que é oferecido à observação.

O posicionamento do autor exposto na obra analisada vai ao encontro da nossa compreensão de língua e da tese, que propomos neste trabalho, de que há uma relação necessária – ou um entrelaçamento – entre o conceito saussuriano de língua e a noção de línguas particulares, a qual parece indicar uma impossibilidade de formalização completa do objeto da Linguística. Tendo isso em vista, e considerando também o posicionamento dos outros autores que expusemos até então, no capítulo seguinte nos dedicaremos a apresentar a forma como Saussure se dedica ao tratamento das línguas particulares nos seguintes momentos: em dois conjuntos de manuscritos relacionados aos seus cursos sobre versificação francesa e em uma pasta de documentos referentes às três comunicações feitas para a *Société d'Histoire et d'Archéologie de Genève*.

CAPÍTULO 3 – As línguas particulares e sua abordagem por Ferdinand de Saussure

« Ainsi le geste de Saussure est *démocratéen*. Il faut aller à travers la diversité des données empiriques vers une profondeur, et enraciner ainsi le contingent dans sa *nécessité* propre. »

(Herman Parret)

A busca pelos princípios e pelo objeto de estudo da Linguística é atestada em muitos manuscritos de Saussure, principalmente naqueles datados a partir da década de 1890. Essa busca também compôs o conteúdo dos cursos que ministrou em Genebra, no início do século XX, que deram origem ao CLG. Apesar da importância das reflexões do linguista a respeito dos fundamentos dessa ciência, é preciso que tenhamos em mente que a Linguística Geral não foi o único tema com o qual Saussure trabalhou nesse período de sua vida, e tampouco consistiu no único tópico a ser tratado por ele no decorrer seus cursos. Durante o período em que Saussure se dedicou às reflexões sobre a natureza da língua, ele também desenvolveu trabalhos acerca de línguas específicas, como o lituano, o francês e seus dialetos, bem como escreveu sobre os anagramas que hipotetizava existir nas poesias gregas, latinas e francesas, no período de 1906 a 1909.

Além disso, em seus cadernos também é possível encontrar um complexo trabalho sobre as lendas germânicas e sobre a relação existente entre o sistema de lenda e o sistema linguístico, ao qual Saussure se empenhou entre os anos de 1903 e 1910. Ademais, o linguista ministrou cursos de versificação francesa na Universidade de Genebra. Gandon (2017, p. 22) ressalta que as aulas desses cursos ocorreram durante os anos de 1900 e 1909, concomitantemente aos dois primeiros cursos de Linguística Geral. Nota-se, dessa forma, que a escrita dos cadernos de Saussure sobre os anagramas e sobre as lendas germânicas coincide, se não totalmente, ao menos em partes, com seus cursos de versificação francesa e de Linguística Geral.

Apesar disso, o estudo das línguas ditas vivas é, de certa forma, periférico nas pesquisas saussurianas. Durante a maior parte da carreira do linguista, suas reflexões estiveram focadas nas línguas clássicas (sânscrito, grego, latim, línguas germânicas) e culminaram na publicação do *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Ainda, destacamos que as línguas germânicas, com ênfase no gótico, consistiram no objeto dos principais ensinamentos de Saussure na *École Pratique des Hautes*

Études (EPHE), entre 1880 e 1891. Dito de outro modo, é preciso considerar que o centro das pesquisas do linguista, ao longo de grande parte de sua vida enquanto pesquisador, foram as línguas clássicas, objetos de análise da gramática comparada.

Esses dados nos fazem compreender que a pesquisa de Saussure sobre a língua e sua busca pela delimitação do objeto de estudo da linguística não caminhava sozinha e não surgiu ao acaso; ao que parece, tratava-se de uma composição que andava paralelamente (ou mesmo perpendicularmente) às suas reflexões que estavam mais alinhadas às línguas particulares ou a documentos específicos que atestavam a existência de elementos histórico-sociais dessas línguas. Considerando isso, torna-se inevitável que questionemos se há uma relação entre esses trabalhos de Saussure, bem como que levantemos hipóteses e especulemos que tipos de relações pode haver entre essas reflexões.

Naturalmente, esse questionamento já foi feito por outros pesquisadores da teorização saussuriana. Por isso, neste capítulo, nos dedicaremos, primeiramente, a apresentar a forma como alguns autores se posicionam frente à questão da existência de relação – ou não – entre esses diferentes trabalhos do linguista sobre a(s) língua(s). Para tanto, embasar-nos-emos nas reflexões de Rédard (1978), Silveira (2003; 2007), Testenoire (2019), Souza (2012; 2017) e Henriques (2018), buscando situar os posicionamentos existentes, na França e no Brasil, a respeito da diversidade de direções das pesquisas saussurianas sobre a língua e, ao mesmo tempo, procurando também estabelecer o nosso posicionamento frente a essa mesma questão.

Após, passaremos à análise de três conjuntos de manuscritos de Saussure que tratam de aspectos específicos da língua francesa e de seus dialetos: i) o conjunto de manuscritos intitulado *Versification Française*, que se encontra no *Dossier du Cours de Versification Française*, arquivado sob o código Ms. Fr. 3970/f na Biblioteca de Genebra (BGE); ii) um caderno intitulado *Cahier Parny*, que faz parte dos documentos agrupados sob o título *Archives de Saussure*, arquivado sob o código 379/9 na BGE; iii) e a pasta número 18 do arquivo Ms. Fr. 3956 da BGE, intitulado *Notes sur l'étymologie des noms de lieux de la Suisse romande et sur les patois romands et chablaisiens*, que corresponde às anotações do linguista a respeito de três comunicações feitas para a *Société d'Histoire et d'Archéologie de Genève*, em 1901, 1903 e 1904.

A análise desses materiais é importante para o nosso trabalho, na medida em que nos permite compreender de que forma o francês, enquanto língua particular, e alguns dialetos eram tratados por Saussure. Uma vez conhecidos os elementos e fenômenos considerados relevantes para o autor em sua abordagem dessas línguas, torna-se possível identificar mais

facilmente, no CLG⁴⁵, os momentos em que há a incidência das línguas particulares na delimitação do conceito de língua.

Dito de outro modo, acreditamos que o tratamento dado por Saussure aos idiomas pode consistir em uma chave para nos auxiliar a compreender o entrelaçamento que há entre a pluralidade linguística e o conceito de língua delimitado pelo autor. Além disso, conhecer a forma de tratamento dispensada pelo linguista ao francês permite-nos contrapor-la à forma como ele lida com a língua e seus princípios, principalmente no CLG, mas também em outros documentos que atestam sua busca pela natureza da língua. Essa contraposição pode nos ajudar a refletir sobre nossa hipótese de que o objeto de estudo da Linguística não é passível de uma formalização completa.

3.1 Saussure das línguas e da língua

Saussure era um linguista do século XIX; por isso, dedicava-se ao estudo e à comparação das línguas, de forma a buscar semelhanças e diferenças entre seus estados distintos. Desse modo, ele era, por sua formação, um comparatista, e, como já foi dito, a maior parte de seus trabalhos que foram a público ao longo de sua vida diz respeito à análise das línguas particulares. O conteúdo dos seus cursos de Linguística Geral ministrados no início do século XX, por outro lado, mostra uma busca pelos fundamentos dos estudos da linguagem e por um rigor científico-metodológico dessa disciplina; mais do que relações de parentesco entre idiomas, Saussure passou a buscar um objeto de estudo, construído formalmente, a partir das generalidades subjacentes observadas nos idiomas.

Embora haja uma relação entre a língua, enquanto objeto proposto por Saussure para a linguística, e as análises comparativas efetuadas entre as línguas, ainda assim há estudiosos da teorização de Saussure que investigam se esses dois tipos de produção do linguista devam ser vistos como avessos, ou se consistem em interesses de estudos complementares. Rédard (1978) é um dos autores que destaca a dualidade existente entre o “Saussure do *Mémoire* e o Saussure do *Cours*, o comparatista e o ‘generalista’”, embora não apresente um posicionamento que a considere como antagônica (RÉDARD, 1978, p. 28). Segundo o autor, essa dualidade é, ao mesmo tempo, banal e real, e consiste em um assunto que é sempre comentado. Além disso, ele destaca que:

⁴⁵ O CLG será alvo de nossa análise no capítulo seguinte.

Se os comparatistas leem o *Cours*, não tenho certeza que eles fazem o mesmo com o *Mémoire*, mas tenho certeza, por outro lado, que os “generalistas” leem apenas o *Cours*, e várias vezes. Eles retêm, em geral, apenas a Introdução, a primeira parte (Princípios gerais) e a segunda (Linguística sincrônica), ou seja, cerca de 145, das 337 páginas da edição de 1916. Parece muito fácil explicar essa afirmação dizendo que o resto do *Cours* é menos novo, quase conforme ao ensino tradicional. (RÉDARD, 1978, p. 29).⁴⁶

A dúvida sobre a prática da leitura do *Mémoire* pelos comparatistas é colocada devido ao fato de que, mesmo para os estudiosos com formação em Gramática Comparada, trata-se de um livro de difícil leitura (RÉDARD, 1978, p. 29). A respeito da crítica dispensada aos pesquisadores e estudiosos que Rédard chama de “generalistas”, é importante destacar que buscamos mostrar algo diferente do que afirma o autor: para nós, mesmo a leitura do CLG fundamentada apenas em algumas de suas partes permite enxergar que o conceito de língua se apresenta de maneira entrelaçada à noção de línguas particulares, de forma a expor um objeto que, aparentemente, não é passível de uma formalização completa.

Rédard, ainda, faz uma retrospectiva da elaboração do *Mémoire*, de sua publicação e de sua recepção, buscando destacar que alguns dos princípios expostos no CLG já estavam presentes nessa obra, pela qual o linguista foi amplamente reconhecido durante o final do século XIX. Para o autor, a análise do conteúdo do *Mémoire* permite notar que “a continuidade parece tão evidente quanto a precocidade”⁴⁷; ademais, o autor adiciona que “não há ruptura nos grandes criadores”⁴⁸, o que, para ele, também caracteriza a teorização de Saussure (RÉDARD, 1978).

Em trabalhos anteriores⁴⁹, nos posicionamos de forma diferente de Rédard (1978) também a esse respeito, procurando mostrar que a noção saussuriana de sistema estabelece **uma relação de continuidade e de ruptura** com a noção de sistema que permeava o trabalho de estudiosos da linguagem anteriores e contemporâneos a Saussure. Para tanto, também nos dedicamos a provar que há elementos da noção de sistema, tal como é apresentada no CLG, que já apareciam no *Mémoire* e em outros trabalhos do linguista. Utilizamos, como fundamentos desses trabalhos, as reflexões de Silveira (2007), que considera que há uma

⁴⁶ Tradução nossa : « Si les comparatistes lisent le Cours, je ne suis pas certain qu'ils en fassent autant du Mémoire, et je suis sûr en revanche que les « généralistes » ne lisent que le seul Cours, et encore. Ils n'en retiennent en général guère que l'Introduction, la première partie (Principes généraux) et la deuxième (Linguistique synchronique), soit quelques 145 pages des 337 que compte l'édition de 1916. Il paraît trop facile d'expliquer cette exclusive en disant que le reste du Cours est moins neuf, conforme presque à l'enseignement traditionnel. ».

⁴⁷ Tradução nossa: « La continuité paraît aussi évidente que la précocité. ».

⁴⁸ Tradução nossa: « Il n'y a pas de rupture chez les grands créateurs ».

⁴⁹ Cf. Coelho (2015; 2018; 2019).

relação estritamente necessária entre os diferentes documentos de Saussure, e também entre as diferentes perspectivas a partir das quais a(s) língua(s) é (são) abordada(s).

Segundo a autora:

é preciso considerar que as elaborações de Saussure, que lhe renderam o título de fundador da linguística, não são sem relação com sua formação que está totalmente ancorada na gramática comparativa do século XIX [...]. (SILVEIRA, 2007, p. 47).

Assim, Silveira propõe uma análise do movimento das elaborações de Saussure, em que seus diferentes documentos e teorizações possam ser considerados de forma não hierarquizada; a autora afirma que é possível “dizer sobre um movimento marcado pelos anagramas, o indo-europeu e a teoria do valor sem ordená-los ou hierarquizá-los” (SILVEIRA, 2007, p. 82). Para isso, parte do ponto de vista da psicanálise, estabelecendo uma analogia entre o laço que liga os conceitos de Real, o Simbólico e o Imaginário – o qual foi pensado por Lacan e denominado “nó borromeano” – e a relação necessária que há entre as pesquisas de Saussure a respeito da língua, dos anagramas e da Gramática Comparada. Nesse sentido, Silveira afirma:

O caráter borromeano desses registros [Real, Simbólico e Imaginário] implica que eles sejam nodulados de uma forma específica, tal que, ao soltar um, nenhum dos outros continua enlaçado [...]. Essa homogeneização dos registros na forma do nó evita uma hierarquização, embora não desfaça a distinção entre eles, mesmo a partir da nodulação. (SILVEIRA, 2007, p. 84).

Analogamente, em seu trabalho, a autora demonstra que, embora as reflexões de Saussure sobre óticas distintas da língua possam parecer discordantes à primeira vista, há entre elas um vínculo imprescindível. Desse modo, a teorização do linguista sobre os anagramas, por exemplo, só foi possível de ser pensada da forma como o foi devido às suas teorizações sobre a língua e ao seu trabalho na Gramática Comparada. O mesmo vale para cada âmbito de reflexão do linguista: a teorização apresentada no CLG parte, de alguma forma, dos estudos comparados e dos estudos anagramáticos, e seu trabalho enquanto comparatista também só foi considerado brilhante por estabelecer relações com elementos inovadores para a época, que mais tarde puderam ser observados também em sua teorização sobre a língua e sobre os anagramas.

Nesse sentido, o principal objetivo de Silveira, em suas reflexões, é mostrar que os manuscritos de Saussure, conhecidos após a publicação do CLG

[...] não revelam o verdadeiro Saussure. Mesmo nos manuscritos não se encontra um Saussure uno. Ele se divide entre o saber já estabelecido e aquele que ele não pode dizer, pois ainda não tem existência discursiva. Os momentos que escolhemos dessa conferência apontam para essa divisão. (SILVEIRA, 2003, p. 107).

Assim, a autora busca mostrar que os impasses que são encontrados no CLG, e que são, muitas vezes, atribuídos ao trabalho de edição de Bally e Sechehaye, também perpassam os manuscritos autorais de Saussure, impedindo que o linguista possa ser concebido como um autor plano e unidirecional.

De forma semelhante, Henriques (2018) busca mostrar a relação existente entre alguns elementos do CLG e o conteúdo dos manuscritos de Saussure sobre as lendas germânicas. Esses manuscritos apresentam um panorama de estudos ainda restrito no Brasil, entretanto, podem elucidar questões relevantes da trajetória de elaborações de Saussure. Segundo Henriques,

não somente é possível estabelecer relações entre as elaborações em linguística geral de Saussure e a pesquisa sobre as lendas, como também esse procedimento é necessário. E isso porque nossa hipótese de pesquisa é a de que os estudos lendários de Saussure podem contribuir para a elucidação de questões teóricas da linguística geral, dentre as quais ressaltamos a delimitação do conceito de *parole* e sua importância para a constituição da *langue* e, além disso, o papel da história nas elaborações saussurianas. (HENRIQUES, 2018, p. 5).

A autora propõe que alguns elementos teóricos apresentados no CLG, como a fala e a história, podem ser identificados na pesquisa de Saussure sobre as lendas germânicas, de forma a serem mais bem compreendidos, refutando que o linguista teria excluído esses elementos de sua teorização sobre a língua. Desse modo, Henriques defende a possibilidade da “mitografia elucidar o papel da *parole* e da história na teoria linguística de Saussure”, partindo do ponto de vista de que “essas pesquisas são complementares e se encontram sobre a égide da Semiologia” (HENRIQUES, 2018, p. 7).

A respeito da relação entre as reflexões de Saussure sobre a língua e seus anagramas, destacamos primeiramente o trabalho de Silva (2009). Em suas reflexões, a autora deixa claro que procura se distanciar da discussão em torno da “dicotomia entre o Saussure dos anagramas e aquele do *Curso*”. Na contramão disso, ela se insere no eixo do valor linguístico, no seio das elaborações saussurianas, para “[...] encontrar aproximações entre a teoria do valor e as articulações sobre os anagramas, objetivando especialmente verificar em que medida a concepção de ‘valor’ do *Curso* se aproxima daquela que está presente nos anagramas.” (SILVA, 2009, p. 145-146).

O percurso de Souza, por outro lado, se mostra bastante particular, no que tange ao modo como opta por se posicionar frente à questão da relação entre o CLG e os demais trabalhos de Saussure sobre a(s) língua(s). O autor, em um primeiro momento se dedicou às relações existentes entre o CLG e os anagramas de Saussure, destacando, nestes, alguns conceitos da edição, como a diacronia, a sincronia, a arbitrariedade e a linearidade (SOUZA, 2012; 2017). Contudo, posteriormente, propõe uma suspensão das reflexões de Saussure sobre Linguística Geral para mostrar a trajetória do autor em seu “prazer histórico” de efetuar suas análises anagramáticas (SOUZA, 2017). Segundo o autor:

a carta de Saussure a Meillet, de janeiro de 1894, permitiu-nos elaborar a hipótese de que os anagramas não apenas possuíam um percurso próprio e um objeto de natureza específica, como também esse percurso estaria associado às pesquisas de Saussure situadas no lado pitoresco das línguas. Desse modo, a produção saussuriana sobre os anagramas poderia também estar vinculada ao prazer histórico do genebrino, e não exatamente às produções voltadas para o seu dever de linguista, que o CLG tão bem evidencia. (SOUZA, 2017, p. 10).

Há, desse modo, um movimento de afastamento das duas abordagens do linguista – seu prazer histórico e seu dever – que nem coloca em relação e nem nega que exista um vínculo entre os pontos de vista distintos de análise do objeto língua. Pensando nesse posicionamento do autor, evocamos o trabalho de Testenoire (2019), que também se dedica à pesquisa dos anagramas, e questiona qual relação deve ser estabelecida entre eles e o CLG:

Se os anagramas e o CLG são heterogêneos, como todos parecem reconhecer, como pensar sua copresença? Como apreender a relação de duas pesquisas contemporâneas, mas que parecem se ignorar? Como articular o Saussure do CLG e o Saussure dos anagramas, o Saussure de Bally e Sechehaye e o Saussure de Starobinski? Devemos ler um com o outro? Um sem o outro? Um contra o outro? (TESTENOIRE, 2019, p. 399).

Como já mostramos, a nosso ver, existem outros documentos saussurianos que, assim como os anagramas, atestam reflexões que são heterogêneas ao CLG. A esses documentos, consideramos que cabem as mesmas questões levantadas por Testenoire no excerto acima. Dessa forma, uma vez que, em nosso trabalho, propomos contrapor alguns manuscritos de Saussure a respeito da língua francesa ao conteúdo do CLG e a outros documentos⁵⁰ que atestam suas reflexões sobre a língua, consideramos pertinente nos posicionar frente a essas questões.

⁵⁰ Esses documentos serão apresentados no capítulo seguinte.

Testenoire aponta três caminhos distintos para o posicionamento frente à abordagem da relação entre o CLG e os demais documentos considerados heterogêneos:

Na multiplicidade das reações suscitadas pela descoberta dos anagramas, é possível destacar três grandes respostas a essas questões, três polos entre os quais se replica a gama de posições adotadas: **a tese da ignorância mútua das duas pesquisas, a de sua oposição e a de sua complementaridade.** (TESTENOIRE, 2019, p. 399, grifo nosso).

A tese da ignorância mútua, segundo o autor, consiste em considerar os anagramas como um passatempo – um prazer de Saussure – e, a partir desse ponto de vista, seu estudo não traria alguma contribuição à Linguística Geral e vice-versa. Isto é, trata-se de desconsiderar a existência de qualquer relação entre esses dois âmbitos de estudos, tal como feito por Souza (2017). Segundo Testenoire (2019), esse posicionamento não é muito adotado entre os pesquisadores da fortuna saussuriana, visto que sustentá-lo impõe dificuldades. Nesse mesmo sentido, uma vez que, em nosso trabalho, lidaremos com manuscritos que podem ser considerados como preparatórios para cursos ou conferências ministradas por Saussure, julgamos impertinente considerar o seu conteúdo unicamente como relativo a um prazer histórico ou a um passatempo – como define Testenoire (2019).

Para esse autor, a principal tese abordada é a da contradição entre as duas posturas de Saussure, desde os anos 1960 e 1970. A respeito disso, ele aponta que:

De ser duplo, Saussure se torna Penélope, desfazendo à noite com seus anagramas o que ensina durante o dia na Universidade. O sucesso desta tese se explica também por sua comodidade: ela funciona nos dois sentidos. Ela permite tanto justificar o abandono da pesquisa sobre a poesia pela contradição encontrada com os princípios dos cursos como, inversamente, explicar a recusa em publicar suas teses de linguística geral pela dúvida conservada face ao enigma anagramático. (TESTENOIRE, 2019, p. 400).

Aos pesquisadores que tomam essa posição frente ao trabalho com documentos heterogêneos, impõe-se a necessidade de escolher a qual dos “dois Saussure” se aliar. Isso porque, de acordo com Testenoire, essa tese da contradição tem caráter anulativo, embora, em certos momentos ela se pretenda “também produtiva, em virtude de uma postura dialética” (TESTENOIRE, 2019, p. 400). O autor destaca a posição de J. L. Calvet, em seu livro *Pro e contra Saussure*, como exemplo de postura alinhada à tese da contradição entre os trabalhos heterogêneos do linguista genebrino.

Por sua vez, a tese da complementariedade, para Testenoire, apresenta adeptos pouco numerosos. A principal busca desses autores é por uma leitura dos anagramas que se dê pela

via da teoria saussuriana, ou, como destaca o autor, principalmente pelo CLG (TESTENOIRE, 2019, p. 401). Segundo ele:

Marginais, os esforços de certos linguistas para, **se não convergir, ao menos ler conjuntamente a linguística geral de Saussure e suas pesquisas poéticas** são tanto mais notáveis quanto se inscrevem em molduras teóricas heterogêneas [...]. (TESTENOIRE, 2019, p. 400-401, grifo nosso).

Ao contrário do que possa parecer, a tese da complementaridade não parte da hipótese de que a teorização de Saussure apresentada no CLG possa ser complementada por seus trabalhos que se enquadram em outras perspectivas dos estudos das línguas – ou vice-versa. Na verdade, a tese proposta se baseia no fato de que os diferentes materiais do linguista permitem relações entre si, extrapolando os limites que parecem impostos a priori entre as teorizações de Saussure sobre Linguística Geral e os seus trabalhos que se baseiam em diversos aspectos das línguas particulares, como as poesias, as lendas, a diacronia etc.

A nosso ver, especificamente no Brasil, é a essa perspectiva que estão alinhados os trabalhos de Silveira (2003; 2007), Silva (2009) e Henriques (2018)⁵¹. Nesse mesmo sentido, por meio de nossa própria proposta de trabalho procuraremos estabelecer uma leitura conjuntiva do CLG e dos documentos de Saussure a respeito da versificação francesa e dos dialetos. Entretanto, nossa ótica apresenta uma particularidade, no que concerne o ponto a partir do qual abordamos os materiais de Saussure.

Em parte dos trabalhos que propõem uma tese de complementaridade entre os diferentes documentos de Saussure, pergunta-se, com frequência, se já era possível observar traços dos conceitos e das noções saussurianas apresentados no CLG, nos outros documentos de Saussure. Nossa questão, por sua vez, vai na contramão disso: **acreditamos que ainda é possível observar os traços das línguas particulares na teorização de Saussure sobre a língua apresentada no CLG**. A partir dessa conjectura é que se estabelece nossa pesquisa, a qual busca mostrar que a incidência das línguas particulares na delimitação do objeto de estudo da Linguística parece indicar uma impossibilidade de formalização completa da língua.

Desse modo, não nos afastamos completamente das direções de pesquisa, principalmente no Brasil, que buscam propor um laço entre o CLG e outros documentos a ele heterogêneos. Não obstante, procuramos colocar em evidência que o conceito de língua, embora seja muitas vezes concebido como de natureza estritamente formal, apresenta um entrelaçamento com o empírico e com a noção de línguas particulares, e isso é possível de ser

⁵¹ Mesmo que as autoras não especifiquem, em seus trabalhos, que é esse tipo de relação que pretendem estabelecer, cremos que seja a ele que suas reflexões estão relacionadas, por apresentarem mais características comuns à definição apresentada por Testenoire acerca das relações de complementariedade.

notado no próprio CLG. Tal fato salienta que há uma relação necessária entre a teorização de Saussure e os fenômenos sociais que são, indubitavelmente, essenciais para a existência das línguas no mundo.

Assim, uma vez delimitado nosso posicionamento no que diz respeito à relação que queremos estabelecer entre os diferentes documentos de Saussure, passaremos, a seguir, à apresentação e análise de alguns manuscritos saussurianos.

3.2 A língua francesa e os patoás da região franco-suíça

Neste tópico de nosso trabalho, abordaremos alguns documentos em que Saussure se dedica à língua francesa e aos dialetos falados na região franco-suíça, a saber: i) o conjunto de manuscritos intitulado *Versification Française*⁵², que compõe o *Dossier du cours de versification française*, catalogado sob o código Ms. Fr. 3970/f; ii) um caderno de manuscritos do linguista nomeado de *Cahier Parny*⁵³, que compõe os *Archives de Saussure*, catalogados sob o código 379/9. Ambos são datados do período entre 1900 e 1909, quando Saussure ministrou seus cursos de versificação francesa na Universidade de Genebra. Utilizaremos também o iii) conjunto de manuscritos intitulado *Notes sur l'étymologie des noms de lieux de la Suisse romande et sur les patois romands et chablaisiens*⁵⁴, catalogado sob o código Ms. Fr. 3956 e provavelmente datado do período entre 1901 e 1904.

Todos esses documentos estão arquivados na *Bibliothèque de Genève* e sua escolha se justifica, pois, segundo a indicação da própria biblioteca, os manuscritos referentes ao curso de versificação francesa de Saussure consistem em fontes complementares das NENL⁵⁵. Nomeadamente, os manuscritos agrupados sob o nome VF são concernentes à busca de Saussure pelas mudanças e regularidades da versificação nas poesias de autores franceses, partindo principalmente do século XVI, embora não deixe de considerar também alguns aspectos da versificação em voga a partir do século XI. Entre os poetas cujos trabalhos são utilizados como fonte de análise do linguista, encontram-se François de Malherbe (1555-1628) e Pierre Corneille (1606-1684).

⁵² Doravante, VF.

⁵³ Doravante, CP.

⁵⁴ Doravante, NENL.

⁵⁵ Cf. Bibliothèque de Genève: Archives Ferdinand de Saussure (1867-1920).

O CP⁵⁶ consiste em um caderno de reflexões de Saussure, consagrado, essencialmente, ao trabalho de um poeta francês: Évariste Parry, nascido em Bourbon no ano de 1753, e falecido em Paris, no ano de 1814. Tal como o conjunto de manuscritos VF, o CP compõe o dossiê de materiais de Saussure que agrupam “[...] o essencial das notas já conhecidas, sobre as quais Saussure se apoiou para ministrar seu ‘Curso de versificação francesa – Estudo de suas leis do século XVI até os dias atuais’, entre os anos de 1900 e 1909, com a carga horária de uma hora por semana” (GANDON, 2017 [1900-1909], p. 21)⁵⁷.

O conjunto de manuscritos NENL é composto por 18 envelopes que agrupam, no total, 343 folhas. Dentre elas, encontram-se os resumos de comunicação proferida por Saussure na Sociedade de História e de Arqueologia de Genebra⁵⁸, em 29 de janeiro de 1903. De forma geral, o conteúdo das folhas que compõem esse conjunto de manuscritos corresponde à análise de dialetos falados em determinadas regiões franco-suíças. É o que acontece, por exemplo, com o dialeto *chablaisiens*, que dá nome ao conjunto de manuscritos; ele é proveniente da antiga província de Chablais, região que hoje se encontra dividida entre a França e a Suíça.

A respeito do conteúdo apresentado na pasta de número 18 – que consiste no material com o qual trabalharemos – o foco de Saussure se volta para a análise do dialeto valdense ou friburguês. Seu objetivo consiste em descrever esse dialeto, relacionando-o à parte romanda da Suíça, de forma a mostrar as diferenças entre ele e os outros patoás⁵⁹ que lhe são vizinhos.

Utilizaremos esses documentos com o objetivo de compreender como se dava o tratamento de Saussure, principalmente, à língua francesa – que é uma língua particular cuja estrutura e a história são suficientemente conhecidas por nós – bem como aos dialetos falados na região franco-suíça. Entendemos que a compreensão do modo como o linguista analisava uma língua – ou dialeto – particular e a assimilação dos fenômenos sociais que eram considerados em suas análises dessas línguas podem nos ajudar a identificar se há, de fato, a incidência de formas semelhantes de abordagem na sua delimitação da língua enquanto um

⁵⁶ Esse documento foi nomeado de *Cahier Parry* por Francis Gadon (2017), em seu livro *Choquant d'harmonie*, em que apresenta alguns manuscritos saussurianos a respeito da versificação francesa. Nós optamos por manter essa nomeação em nosso trabalho, para fins referenciais.

⁵⁷ Tradução nossa: « [...] l'essentiel des notes connus sur lesquelles Saussure s'est appuyé pour son « Cours de versification française – Étude de ses lois du XVIe siècle à nos jours », assuré par le maître de 1900 à 1909, à raison d'une heure par semaine ».

⁵⁸ O texto completo dessa comunicação está publicado no volume de número 51 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*.

⁵⁹ Embora possa haver distinção entre os conceitos de patoá e de dialeto, em nosso trabalho tomaremos um como sinônimo do outro, tal como faz Saussure nos documentos que fazem parte do nosso corpus de pesquisa.

sistema de signos – tal como é apresentada no CLG e nos outros documentos sobre linguística geral que serão analisados no capítulo seguinte.

Desse modo, a importância da análise desses manuscritos para o nosso trabalho é justificada na medida em que eles servem de base para comparar a forma de tratamento dispensada pelo linguista aos idiomas à sua forma de tratamento da língua. Com isso, torna-se possível verificar se as semelhanças possivelmente existentes entre esses dois tipos de documentos ajudam a sustentar nossa hipótese de pesquisa de que o conceito de língua proposto por Saussure parece ser um objeto que não é passível de uma formalização completa, devido ao seu entrelaçamento com a noção de línguas e, conseqüentemente, com os aspectos e fenômenos sociais.

Sabendo disso, procuraremos explorar, nesses três materiais, os principais fenômenos sociais que são apresentados – direta ou indiretamente – por Saussure como relevantes para a compreensão das línguas por ele analisadas. Nesse sentido, destacamos que há uma aproximação entre os fenômenos sociais (tal como delimitados em nosso capítulo de abertura), e os elementos pertencentes à Linguística externa, apresentados no CLG. Embora nos dediquemos a estabelecer essa aproximação de forma mais clara no capítulo seguinte, por ora é preciso salientar que os elementos considerados externos são aqueles que Saussure define como “estranhos ao organismo [da língua]”, os quais almeja que sejam eliminados do sistema linguístico (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 29). Em suma, são considerados externos todos os aspectos que compõem “as relações que podem existir entre a história duma língua e duma raça ou civilização” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 29).

Dessa forma, nossa análise dos manuscritos fontes desse momento de nosso trabalho será guiada pela busca desses elementos. Para tanto, seguiremos a paginação dada no momento da catalogação dos manuscritos, a qual é indicada no canto superior direito das folhas, apenas como forma de indicar a referência dos trechos com os quais trabalharemos – que não necessariamente seguirão a ordem de aparecimento nos conjuntos de manuscritos⁶⁰.

⁶⁰ Apesar de termos, inicialmente, recorrido à transcrição dos conjuntos de manuscritos proposta por Gandon (2017), optamos por utilizar nossos próprios critérios de transcrição, uma vez que gostaríamos de manter alguns aspectos formais que ou não são apresentados na transcrição, ou o são de maneira que não contribuem muito fortemente para nossas análises. Assim, indicaremos as rasuras com o uso de ~~tachado~~ e de ~~tachado-duplo~~; os incisos no corpo do texto serão indicados por meio da utilização do ^{superíndice} quando os incisos vierem acima, e do _{subíndice} quando os incisos vierem abaixo; os brancos serão indicados por meio de chaves vazias []; as palavras sublinhadas serão mantidas sublinhadas; as palavras em letras maiúsculas serão escritas em CAIXA ALTA; os trechos ilegíveis serão indicados pela letra x; as palavras em língua estrangeira serão indicadas por meio do *italico*.

3.2.1 As línguas: elementos externos e fenômenos sociais

O primeiro elemento que gostaríamos de salientar se encontra, justamente, na forma como a **história** aparece nesses escritos de Saussure. Não obstante, antes de passarmos à análise de nosso material, cabe ressaltar que, para o linguista, há uma distinção entre a história da língua e a história dos povos – ou a língua na história⁶¹ (SAUSSURE, 1ª C., 1891, f. 16-17). A nosso ver, essa distinção entre a história da língua e a história dos povos foi um movimento metodológico fundamental para que Saussure delimitasse o ponto de vista diacrônico de estudo da língua, em busca de outorgar à Linguística o estatuto de ciência autônoma.

Contudo, questionamos se é, de fato, possível estabelecer uma separação categórica entre a influência da história sobre os fatos de língua e a história da língua propriamente dita, e se é viável separar peremptoriamente a “língua na história” de seu papel enquanto possibilitadora do registro e da continuidade dos fatos que demarcam a história dos povos. De qualquer forma, em nossas análises procuraremos considerar a distinção estabelecida pelo linguista, para que possamos tanto mostrar que os limites entre as duas compreensões de história são borrados, como também com o intuito de investigar a nossa hipótese de pesquisa.

Embora a história talvez não seja considerada um objeto empírico propriamente dito, nos moldes estabelecidos em nosso capítulo inicial, ela é dependente de dados que são representáveis no tempo e no espaço, estabelecendo, com eles, uma relação íntima. Além disso, ela pertence aos elementos considerados por Saussure como externos ao sistema linguístico.

Por estar diretamente relacionada à questão do tempo e por permitir a classificação da Linguística como uma ciência social, e não natural, este elemento se mostra essencial para que compreendamos de que forma a história permeia as análises do linguista a respeito de línguas particulares, uma vez que ela (a questão do tempo) também incide em outros trabalhos de Saussure de cunho semelhante, manifestando-se com sentidos diversos. Parret, ao analisar os manuscritos saussurianos arquivados em Harvard sobre a fonética das línguas, destaca algumas formas de delimitar esses sentidos da noção de tempo:

Saussure não menciona, nesse fragmento, o tempo sobre o qual ele fala canonicamente no CLG, o **tempo da alteração linguística**, **Tempo-fator** ou **Tempo externo**. Esse último é, contudo, o mais comumente aceito e o mais fácil de conceituar. Esse tempo devastador exerce **efeitos** sobre a língua: a

⁶¹ Essa distinção pode ser encontrada no conjunto de manuscritos intitulado *Primeira Conferência*, com o qual trabalharemos, de forma mais detalhada, no capítulo seguinte.

diacronia, a mudança, a alteração que pode ser de natureza dupla. (PARRET. 2014, p. 74, grifos do autor).⁶²

Apesar de haver discordâncias⁶³ a respeito da compreensão do tempo em Saussure, é unânime a consideração de que ele apresenta sempre um laço com a diacronia e com as mudanças da língua. Sabendo disso, destacamos, abaixo, um momento do conjunto de manuscritos VF em que Saussure analisa a necessidade da existência das rimas ricas, de acordo com a época em que as poesias em língua francesa eram escritas:

~~Em nenhuma outra época~~^{desde o começo do XVI} ~~faltaram~~
~~eréticos que reivindicassem contra~~
~~a ineficiência da~~, ~~a rimas em seus contemporâneos;~~
~~e não a escola romântica, reagindo~~
~~com Victor Hugo, apenas retomou~~
~~uma tradição muito antiga, datada de Marot.~~
~~Quase todos os poemas de Clément Marot são [—]~~

Nenhuma outra época esteve ~~tão mais per-~~
~~=suadida~~ mais longe a ^{praticar} a rima pobre que
o século XVI em seu nascimento: é posteriormente,
e por um fenômeno absolutamente curioso,
que um afrouxamento foi produzido ~~quanto à~~
~~na ótica de sobre esse o ponto especial~~ ^{rime}, ^{bem no} momento em que as leis se tornaram
draconianas para o hiatus e para outros pecados
^{mais ou menos} ~~os mais~~ perdoáveis que o verso tradicional ^{ainda} tolerava.
(SAUSSURE, CP, 1900-1909, f. 5).⁶⁴

No primeiro parágrafo, que se encontra todo rasurado, Saussure retoma o nome de escritores importantes em cada época, como Victor Hugo e Clément Marot, o que aparenta ser relevante para recuperar a trajetória das rimas ao longo do tempo. Ao que parece, o século XVI foi marcado por uma insatisfação dos autores, no que concernia à eficiência das rimas. Embora consista em um trecho rasurado, o que pode indicar o abandono das ideias ali escritas para o fio argumentativo das anotações, não podemos descartar o fato de que o movimento

⁶² Tradução nossa : « Saussure ne mentionne pas dans ce fragment le temps dont il a parlé canoniquement dans le *Cours*, le **temps de l'altération linguistique**, **Temps-facteur** ou **Temps externe**. Ce dernier est pourtant le plus communément accepté et le plus facile à conceptualiser. Ce temps dévastateur exerce sur la langue des **effets** : la diachronie, le changement, l'altération qui peut être d'une double nature. »

⁶³ Há autores que consideram o tempo como fator causador das mudanças linguísticas, e outros que o consideram como lugar dessas mudanças, como Choi (2002) e Castro (2013).

⁶⁴ Tradução nossa : « ~~Aucune époque du reste~~^{depuis le commencement du XVIe} ~~n'a manqué de censeurs qui réclamaient~~
~~contre l'insuffisance de,~~ ~~la rimes chez leurs contemporains, et ce n'est l'école romântique, en réagissant avec~~
~~Victor Hugo, na fait que reprendre une très vieille tradition, datant de Marot. Presque tous les poèmes de Clément~~
~~Marot sont [—]~~

Aucune époque du reste n'a été ~~plus aussi per-~~^{praticar} ~~suadée~~ plus éloignée de la rime pauvre que le XVIe siècle à sa naissance : c'est postérieurement, et par un phénomène absolument curieux, que'un relâchement s'est produit ~~quant à la~~^{à la regard de la sur ce le point spécial-} ^{rime}, juste au moment où les lois devenaient draconiennes pour l'hiatus et d'autres péchés plus ou moins ~~des plus~~ pardonnables que tolérait ^{encore} le vers traditionnel. »

poético desses autores foi importante para a consagração das regras de versificações e para a mudança dos critérios de rima, tanto no século XVI como nos seguintes.

No parágrafo que se segue, Saussure trata da perduração da rima rica durante o século XVI e da flexibilidade de seu uso nos anos posteriores. Isso significa que a rima pobre tomou o lugar da rima rica, aparentemente a partir do século XVII. O fato curioso é que esse “afrouxamento” ocorreu num período em que as leis poéticas se tornaram draconianas, isto é, mais rígidas para outros aspectos considerados como “pecados” por Saussure, tal como o uso do hiato na contagem silábica.

Da forma como entendemos, conhecer a história das regras e leis poéticas, bem como os autores que foram responsáveis ou relevantes para suas mudanças, consiste em algo essencial para a crítica de Saussure a respeito da versificação francesa. Além disso, a análise da história dessas regras e leis indica que há uma diacronia da poesia e de seu sistema de versificação, a qual evoca, inevitavelmente, outros aspectos ou fenômenos sociais, como os autores representativos da época, ou mesmo o tipo de rima utilizado em cada período.

Esses elementos podem ser considerados como fenômenos sociais, no sentido definido por nós em nosso capítulo de abertura, pois são determinados socialmente e estabelecidos no seio de uma comunidade, independentemente da intervenção de um pesquisador, visto que é a massa social que estabelece e dá visibilidade àquilo que considera como relevante para sua representação dentro da comunidade. Ademais, acreditamos que esses mesmos elementos se caracterizem, também, como o que Saussure define, no CLG, como externo ao organismo da língua, por fazerem parte da história de uma civilização.

No trecho seguinte isso pode ser observado novamente e, também nele, encontramos outros elementos externos importantes para a análise da poesia francesa: a tradição e a estética.

A
rima ~~altern~~ não alternada é uma sequência da
assonância, que foi uma maneira enfadonha
de terminar os versos entre os séculos XI e XIV
e à qual nos ativemos por servilismo. Ao
contrário, a rima alternada procede de um
princípio totalmente independente das raízes his=
=tóricas da assonância, e esteticamente apro=
=vável. (SAUSSURE, VF, 1900-1909, f. 7)⁶⁵

⁶⁵ Tradução nossa: « La rime ~~altern~~ non alternée est une suite de l’assonance, qui fut une manière ennuyeuse de terminer des vers entre le XI^e et le XIV^e siècle et à laquelle on s’est tenu par servilité. Au contraire la rime alternée procède d’un principe totalement indépendant des racines his=
=toriques de l’assonance, et esthétiquement approu=
=vable. ».

Saussure se mantém na crítica à rima e se dedica, dessa vez, à análise de sua alternância. O linguista apresenta um ponto de vista negativo a respeito da rima não alternada; embora ela tenha persistido no fim dos versos durante três séculos. O motivo dessa persistência, segundo ele, foi mero servilismo, o que parece remeter às tradições engessadas. Saussure também acrescenta que, ao contrário da assonância, que em grande parte das vezes não é bem vista, a rima alternada⁶⁶ foge dessa visão tradicional (ou das raízes históricas), uma vez que é aprovada, de acordo com a estética poética esperada.

Nesse sentido, a tradição e a estética, que estão diretamente ligadas à história e aos costumes de uma sociedade, são determinantes para a compreensão e para a sistematização das regras de rimas, ao longo do tempo. Novamente, vemos como os fenômenos sociais se mostram relevantes para a análise da versificação francesa considerada na diacronia, uma vez que apresentam um efeito sobre os estados de língua e sobre elementos estabelecidos culturalmente.

Para nós, a história das línguas é um elemento que permite conhecer a relação entre o povo, sua cultura e a língua, visto que é por meio dela (da história) que é possível ter acesso às memórias de uma sociedade, a partir de seus registros. Ela também permite conhecer a língua de um povo em estados anteriores, o que possibilita a identificação das mudanças linguísticas sofridas ao longo do tempo. Essas mudanças também podem ser observadas quando se tomam como objetos de análise as produções culturais que se utilizam da língua, como é o caso da poesia.

Nesse sentido, a diacronia da poesia e de seu sistema de versificação parece estabelecer uma relação direta com a diacronia – ou história – da língua e também com a história dos povos. Para nós, trata-se de histórias que parecem ser interdependentes, uma vez que as tradições e as estéticas em voga em determinado momento são reflexos da sociedade da qual são fruto.

A importância da história e dos fenômenos sociais a ela relacionados – a tradição e os costumes das comunidades – pode ser mais diretamente observada quando esses elementos corroboram para que haja **mudanças linguísticas**, as quais consistem no segundo elemento

⁶⁶ As rimas alternadas – também chamadas de rimas cruzadas – são aquelas que apresentam a estrutura ABAB, em que o primeiro verso rima com o terceiro, e o segundo rima com o quarto. Por exemplo :

“O meu amor não **tem** (A)
importância **nenhuma**.(B)
Não tem o peso **nem** (A)
de uma rosa de **espuma!**” (B)
(Cecília Meireles).

que gostaríamos de ressaltar dos documentos saussurianos. Embora as mudanças sejam possibilitadas pelo sistema linguístico, esse sistema, tomado isoladamente, não é capaz de modificar a língua. Para que isso ocorra, é necessária também uma massa falante, considerada através do tempo (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 92). É por isso que, para nós, a mudança linguística parece ser um fenômeno que pode ser caracterizado tanto como um componente do sistema da língua, como também como um elemento externo, dada sua íntima relação com os fenômenos sociais.

A importância das mudanças linguísticas para a análise de Saussure pode ser notada no momento dos manuscritos VF a seguir:

Como todo mundo diz que o período clássico
começou no século XVII, com Malherbe e Corneille,
fazemos geralmente uma espécie de espantinho
de tudo o que existia anteriormente, e somos muito
levados a imaginar que os autores do século XVI
(em particular) são excessivamente difíceis de compreender. Eis
uma ideia falsa. Eu afirmo que qualquer pessoa que
compreenda Corneille pode também compreender
Ronsard e mesmo Marot em suas mais
antigas peças, que remontam a 1512.
Não há quase nenhuma outra diferença
Capital para a compreensão da língua que
lembrar que a negação *ne... pas* é,
nos outros autores do século XVI, simplesmente *ne*.
É, talvez, esse detalhe que cria a maior
dificuldade àqueles que lançam seus olhos a um texto [...] (SAUSSURE, VF,
1900-1909, f. 9).⁶⁷

A ausência de rasuras e de outras marcas de reescrita no trecho acima pode ser um indício da clareza de Saussure a respeito do assunto abordado. Segundo ele, os elementos que poderiam causar a impressão de certa dificuldade na compreensão das poesias referidas são as mudanças linguísticas, como a passagem do termo de negação “*ne*”, para a expressão de negação “*ne... pas*”. Como se sabe, no registro formal corrente da língua francesa, utiliza-se esta última forma para indicar frases negativas. Contudo, nem sempre foi assim, e o desconhecimento dessa forma da negação unicamente pelo uso do “*ne*” pode gerar confusão para os leitores mais atuais, uma vez que há, hoje em dia, uma tendência de utilizar somente o

⁶⁷ Tradução nossa: « Comme tout le monde sait que la période classique a commencé au XVII^e siècle, avec Malherbe et Corneille, on se fait généralement une sorte d'épouvantail de tout ce qui existe auparavant, et on est trop porté à se figurer que les auteurs du XVI^e siècle (en particulier) sont excessivement difficiles à comprendre. C'est là une idée fausse. J'affirme que quiconque comprendre Corneille peut aussi comprendre Ronsard et même Marot dans ses plus anciennes pièces, remontant jusqu'à 1512. Il n'y a presque pas d'autre différence capitale pour la compréhension de la langue que de se rappeler que la négation *ne... pas*, est chez les auteurs du XVI^e siècle simplement *ne*. C'est peut-être ce détail qui crée la plus grande difficulté à ceux qui jettent les yeux sur un texte []. ».

elemento “*pas*” na formação de negativas, principalmente na oralidade e no registro familiar⁶⁸.

Assim, consideramos a mudança linguística como um fenômeno que, embora seja inerente à estrutura da língua, também depende de aspectos externos para que ocorra. Isso porque os elementos que mudam devem ser reconhecidos pela massa falante, para que sejam, de fato, considerados como componentes de uma determinada língua. Nesse mesmo sentido, uma mudança linguística não pode ocorrer unicamente pela vontade individual, e nem pode deixar de ocorrer pela não aderência de um único indivíduo.

As modificações da língua não são representadas, na escrita, com a mesma velocidade que ocorrem na oralidade. Contudo, nas poesias francesas do século XVI, parece ter havido um movimento de conformidade da escrita com a pronúncia corrente das palavras. Esse fato também compõe a crítica de Saussure, como podemos ver a seguir:

Nos textos seguintes os arcaísmos inúteis da ortografia ~~não~~ foram
~~são observados nos textos do século 15~~
 propositalmente eliminados. Chamamos arcaísmos inúteis
 aqueles que não correspondem a nenhuma ~~diferença~~
 particularidade ~~real~~ da pronúncia do século XVI ~~antiga~~ aqueles em que
 o arc. da escrita por ~~relação~~ oposição
 não corresponde
 a x

à nossa. É por exemplo legítimo escrever []
 Se escrevemos ~~por exemplo~~ o que é muito legitimamente ~~fête~~ para ~~feste~~ ~~même~~ para ~~mesme~~
 em
 qu'il fût para qu'il fust Corneille, não há razão para não o
 fazer igualmente em Marot, porque a pronúncia
~~feste~~ ~~mesme~~ tinha parado de existir tanto antes de Marot
 quanto antes de Corneille; manter especialmente essa ortografia
 para M é uma prática ~~parece é de natureza~~ que serve apenas para induzir ao erro sobre o
 som verdadeiro de suas formas poéticas (a rima em particular).
 (SAUSSURE, CP, 1900-1909, f. 7 verso)⁶⁹

Nota-se que Saussure se preocupa em explicar a adequação da escrita de determinadas palavras, nas poesias francesas, à pronúncia corrente do século em que elas foram escritas. Essa preocupação parece ser justificada pela relevância do som e do ritmo para a harmonia

⁶⁸ Atualmente, na oralidade, a língua francesa permite construções como “*Je sais pas*”, no lugar de “*Je ne sais pas*”, para indicar desconhecimento a respeito de algo. Dessa forma, nota-se que o elemento linguístico de mais força, responsável por indicar a negação, consiste na partícula “*pas*”.

⁶⁹ Tradução nossa: « Dans les textes ci-après les archaïsmes inutiles de l'orthographe ne ~~on été~~ sont pas observés dans les textes du 15^e siècle à dessein éliminés. Nous appelons archaïsmes inutiles ceux qui ne correspondent à aucune différence particulière réelle de la prononciation du XVI^e siècle ancienne ceux où l'arch. de l'écrit ne correspond pas à x par rapport à la nôtre. Il est par exemple légitime d'écrire [] Si l'on écrit par exemple fête pour feste dans Corneille, il n'y a pas de raison pour ne pas le faire également dans Marot, car la prononciation feste mesme avait cessé d'exister aussi bien avant Marot qu'avant Corneille; maintenir spécialement cette orthographe pour M est une pratique ~~semb est de nature~~ qui ne sert qu'à induire en erreur sur le son véritable de ses formes poétiques (la rime en particulier). ».

dos versos. Isto é, uma vez que a poesia é feita para ser declamada – como o próprio Saussure afirma nesse conjunto de manuscritos – não se pode correr o risco de permitir que a ortografia induza à pronúncia incorreta, seja referente ao som ou à tonicidade da palavra, pois isso pode comprometer a estrutura das rimas e da versificação. Há, aí, uma relação necessária entre a língua, a escrita e a oralidade. Além disso, percebemos um laço estreito entre a história da língua, dos povos e da poesia francesa, e a questão da mudança linguística. Ora, para compreender que a palavra “*feste*” consiste na forma gráfica anterior da palavra “*fête*”, é preciso entender, historicamente, as modificações ocorridas na língua ao longo do tempo, e os motivos que levaram à reforma da ortografia.

Em contrapartida, tal como mostramos no capítulo anterior, a abordagem da mudança linguística, feita por Saussure, é bastante criticada por seus contemporâneos e sucessores, por compreenderem-na como um método que a separa das condições exteriores. O fundamento dessa crítica é refutável de forma bastante concreta, quando voltamos nosso olhar ao modo de tratamento dispensado por Saussure às línguas. Como já ressaltamos, é necessário, ao linguista, considerar uma série de fatores relacionados à comunidade falante do idioma analisado para chegar ao fator da mudança linguística⁷⁰.

No conjunto de manuscritos NENL não é diferente: o linguista considera a pronúncia do dialeto valdense, por meio da questão vocálica – aspecto que está intimamente relacionado ao falante – para tratar das alterações do patoá.

Eu vou mencionar agora uma **modificação** vocálica
que está ligada também a uma **mudança** das consoantes:

O grupo st deu regularmente Θ . Em relação
a ^{tsâtâ} *chanter* [cantar], a ^{sotâ} *sauter* [saltar], mutô *mouton* [carneiro], etc. temos:
tsôí *castellum* [castelo], paôuriá ^{masc.} *parc pour le bétail* [parque para o
gado],
bâôô *bâton* [bastão]. (SAUSSURE, NENL, 1901-1904, pasta 18, f. 8 verso,
grifo em negrito nosso).⁷¹

Saussure analisa a mudança linguística por meio das modificações vocálicas, e apresenta alguns exemplos de palavras que foram alteradas, por consequência. Embora a mudança linguística seja apresentada, muitas vezes, isoladamente, neste trecho é possível notar que elas só podem ser identificadas quando analisadas nas palavras e expressões de determinada língua. As línguas, enquanto objetos empíricos e sociais, parecem ser, portanto, o

⁷⁰ Essa necessidade é reiterada no próprio CLG, quando Saussure discorre sobre os elementos internos e externos da língua (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 29).

⁷¹ Tradução nossa : « Je vais mentionner à présent une modification vocalique qui est liée aussi à un changement dans les consonnes : Le groupe st a donné régulièrement Θ . En regard ^{de tsâtâ chanter,} de ^{sotâ} sauter, mutô mouton, etc. on a : tsôí castellum, paôuriá ^{masc.} parc pour le bétail, bâôô bâton. ».

lugar das mudanças, muito embora elas também dependam, para que ocorram, dos outros fenômenos sociais já apresentados (como a massa falante, a tradição), e também da história e da estrutura linguística.

À medida que esses elementos externos e fenômenos sociais associados às línguas vêm à tona, torna-se possível notar que sempre há, entre eles, alguma espécie de relação. Ousamos dizer que essas relações são possíveis devido ao fato de todos eles serem fruto da sociedade. Tendo isso em mente, buscaremos apresentar, a seguir, de que modo **a massa falante** – e consequentemente o **sujeito** – se estabelece enquanto um elemento externo ao sistema, mas imprescindível para o funcionamento das línguas.

Ao verificarmos as notas de Saussure a respeito da versificação francesa, observamos que os falantes cumprem uma função primordial para a análise de uma poesia. Em um momento do CP, Saussure afirma que:

Não há nenhum interesse p/ a teoria
do ritmo francês em estudar os bons
versos, nem os medíocres. O interesse é de
descobrir os versos decididamente ruins
e se perguntar por que esses ^{últimos} versos são
contrários ao nosso sentimento do ritmo.
Nisso o estudo não pode ajudar em nada, porque
a qualidade do verso fr. é precisamente
sua elasticidade para o ritmo, o que faz
com que haja cem maneiras tão boas
quanto as outras de organizar o ritmo ^{e que}. Mas quando
^{é quase}
impossível em fr. fazer
um ver=
=so ruin
(do ponto
de vista
rítmico)
desde que ~~que~~ tenhamos observado
as leis exte=
=riores

descobrimos um caso em que, apesar dessa latitude,
um poeta consegue contrariar ^{suficientemente} a língua
e a forma poética
para que isso se sinta pela orelha
temos então uma base ainda mais
notável para julgar o que
constitui em última análise o [] (SAUSSURE, CP, 1900-1909, f. 9 verso).⁷²

⁷² Tradução nossa: « Il n'y a aucun intérêt p/ la théorie du rythme français à étudier les bons vers, ni les médiocres. L'intérêt est de découvrir des vers décidément mauvais et à se demander pourquoi ces ^{derniers} vers sont contraires à notre sentiment de rythme. La 1^e étude ne peut rien donner, parce que la qualité de vers fr. est précisément son élasticité pour le rythme, ce qui fait qu'il y a cent manières aussi bonnes les unes que les autres d'arranger le rythme ^{et qu'il} Mais quand ^{est presque impossible en fr. de faire un mau=vais vers (au point de vue rythmique) dès qu= qu'on a observé les lois exte=rieures.} Mais quand on découvre un cas où malgré cette latitude un poète réussit à contrariar ^{suffisamment} la

O trecho se inicia com a afirmação de Saussure de que os versos que realmente interessam ao estudo da teoria do ritmo francês são os versos considerados “decididamente ruins”, ou seja, aqueles que são opostos ao “sentimento do ritmo”. Além disso, o linguista também afirma que, embora o sistema de versificação da língua francesa forneça demasiados recursos para a criação de versos que sejam ritmicamente aceitáveis, ainda assim é possível que os poetas consigam ir contra essa característica do sistema, de forma a fazer com que esse desconcerto seja sentido pela orelha.

Essa breve retomada que fazemos nos presta a colocar em evidência alguns aspectos da argumentação de Saussure que gostaríamos de ressaltar. O primeiro deles é a importância que o sujeito falante apresenta para o julgamento dos versos de uma poesia. Ora, se o que faz com que um verso seja considerado ruim é sua oposição ao sentimento do ritmo, e se a principal forma de se burlar a ritmicidade do sistema de versificação francesa consiste em fazer o descompasso ser sentido pela orelha, então o falante é o principal juiz da qualidade dos versos. Isso porque, de acordo com Parret, “a **orelha** é bastante presente na fonética semiológica, não aquela do fisiologista, mas a orelha do sujeito falante e ‘analista’ que captura as **saliências**”⁷³ (PARRET, 2014, p. 71, grifos do autor).

A constatação da relação entre a orelha e o sujeito falante em Saussure nos remete ainda ao segundo princípio epistemológico da teorização saussuriana, destacado por Normand: “tudo que está no sentimento dos sujeitos falantes é fenômeno real” (NORMAND, 2011, p. 20). Essa tese da autora se baseia no fato de que, para Saussure, o que é concreto na língua é aquilo que os falantes têm consciência, a respeito do estado de língua vigente. Segundo a autora,

ao lado do trabalho produtivo e bem institucionalizado da gramática comparada e da Linguística histórica [...] pode surgir uma Linguística que procura seus dados diretamente nos locutores, para os quais a “sucessão no tempo é inexistente”; eles não têm, portanto, nenhum conhecimento do passado de sua língua e das etimologias eruditas, mas sabem como fazer funcionar o mecanismo da troca erudita, oral e escrito. (NORMAND, 2011, p. 21).

Isto é: a maior parte dos falantes ignora a evolução e a história de sua própria língua, desconhecendo sua origem e as relações de parentesco que ela estabelece com outros idiomas. Contudo, ainda assim dominam com maestria o estado de língua vigente no período de tempo

langue et la forme poétique pour que cela se sente à l’oreille, on a alors une base d’autant plus remarquable pour juger de ce qui constitue en dernière analyse le [] ».

⁷³ Tradução nossa: « L’**oreille** est bien présente dans la phonétique sémiologique, non pas celle du physiologiste, mais l’oreille du sujet parlant et « analysant » qui saisit les **saillances** ».

em que estão inseridos e, por isso, consistem, segundo Saussure, na principal fonte de dados linguísticos. Na crítica estabelecida pelo linguista ao sistema de versificação francesa, esse fato é particularmente notável, pois, uma vez que as poesias são criadas para que sejam declamadas – ou seja, seu principal suporte é a língua falada – deve-se ter em mente o modo como os falantes daquela língua pronunciavam e reconhecem seus signos.

Além disso, embora o linguista defina indiretamente o sujeito falante, de forma individual, como a peça principal no sentimento do ritmo, devemos lembrar que o que o falante sabe de sua língua foi adquirido por meio do contato com a comunidade. Assim, acreditamos que em grande parte das vezes em que o linguista faz referência ao sujeito, é necessário considerá-lo como um componente e como um fruto da massa falante, e rememorar que é no seio dela que o contrato social – que é a língua – é estabelecido e firmado.

Dessa forma, a massa falante se constitui como um elemento externo e um fenômeno social intimamente relacionado à língua. É nela que residem as regularidades de uma língua, muito embora, individualmente, cada membro da massa falante tenha liberdade de escolha lexical, de ordenação de palavras etc. É a partir da massa que os estados de língua podem ser conhecidos, e é por meio dela que a língua continua sendo falada em uma sociedade. Essa massa, compreendida enquanto a própria comunidade que fala determinado idioma, é também responsável pela **produção cultural** que emana de uma sociedade.

No que concerne à análise efetuada por Saussure acerca do valdense – um dos patoás falados na região franco suíça – destacamos que há alguns produtos socioculturais específicos de sua comunidade falante que são entendidos, por nós, como fenômenos imprescindíveis para a descrição desse patoá. Trata-se de duas **canções**, provenientes do cantão de Vaud, que são utilizadas pelo linguista em suas reflexões, pelo fato de representarem o cotidiano do povo valdense e também devido à popularidade que uma delas alcançou dentro da comunidade, e até mesmo no exterior. A respeito delas, o linguista afirma:

É nesse patoá que são compostas duas canções muito conhecidas, ~~xxx~~ e que simbolizam dois aspectos ^{diferentes} da vida popular e do trabalho cotidiano no território de Vaud e naquele de Friburgo. Uma, a canção dos bons do Léman, é a Canção dos Végrolans (lavradores). A outra, a canção friburguesa, adquiriu uma certa fama mesmo no exterior por ter sido proibida nos regimentos suíços que serviam a França. É a Ranz das Vacas ou Canção dos Armaillis (pastores). Era proibido

De tocar a melodia, porque ela inspirava, ao que parece,
à tropa uma nostalgia invencível que provocou
deserções em massa. (SAUSSURE, NENL, 1901-1904, pasta 18, f. 2
verso).⁷⁴

Tal como as poesias, as canções também envolvem a comunidade e o falante – e, por consequência, a massa falante – bem como funcionam como um mecanismo popular de acesso à memória de seu povo. Isso porque as rimas, o ritmo e a sonoridade são aspectos, presentes nas canções, que auxiliam na manutenção do saber e da cultura de uma comunidade, dado que consistem em elementos que auxiliam no fator mnemônico.

Dessa forma, mesmo que não seja possível presenciar o período do surgimento do dialeto valdense, e mesmo que não haja registros escritos desse processo, ainda assim é possível recuperar alguns de seus elementos, por meio de poesias e canções, que possibilitam sua descrição e sua análise comparativamente aos elementos dos outros idiomas. É isso que faz Saussure: ele parte dessas canções, de seu ritmo e de suas rimas, para identificar, foneticamente, as vogais, os ditongos e as consoantes do valdense que nelas aparecem.

O linguista faz uso dos símbolos fonéticos utilizados na época para precisar o som dos fonemas do dialeto analisado, uma vez que, segundo ele, a notação então corrente do francês seria insuficiente para representar todos os sons do patoá. Assim, uma vez identificados, o linguista se presta à comparação desses sons com os sons das línguas latinas faladas na Suíça – o francês e o italiano:

A vogal final ~~da X~~ das palavras da primeira
e da 2ª declinação latina está ainda no estado
representado pelo italiano, com a diferença de que o o
final mudou para u. De resto, esse u, com a
consoante sobre na qual ele se baseia, aparece, com
poucas exceções (p. ex. vévu *viduus* em
relação a *veuf* [viúvo]), apenas nos masculinos onde o
francês guarda ainda um e mudo. Exemplos:

lu tsánu *le chène* [o carvalho]
la féna *la femme* [a mulher] (SAUSSURE, NENL, 1901-1904, pasta 18, f.
3)⁷⁵

⁷⁴ Tradução nossa: « C'est dans ce patois que sont composées deux chansons fort connues, ~~xxx~~ et qui symbolisent les deux aspects ^{différents} de la vie populaire et de travaux journaliers dans le pays de Vaud et dans celui de Fribourg. L'une, la chanson des bons du Léman, est la Chanson des Végnolans (vignerons). L'autre, la chanson fribourgeoise, a acquis une certaine célébrité même à l'étranger pour avoir été interdite dans les régiments suisse au ser=vice en France. C'est le Ranz des Vaches ou Chanson des Armaillis (pâtres). Il était défendu d'en jouer l'air, parce qu'il inspirait, paraît-il, à la troupe une nostalgie invincible qui amenait des désertions en masse. ».

⁷⁵ Tradução nossa: « La voyelle finale ~~de la X~~ des mots de la première et de la 2^e déclinaison latine est encore dans l'état représenté par l'italien, avec cette différence que l'o final s'est changé en u. Du reste cet u, avec la consonne sur laquelle il s'appuie, n'apparaît, à peu d'exceptions près (p. ex. vévu *viduus* en regard de *veuf*) que dans les masculins où le français garde encore un e muet. Exemples : lu tsánu *le chène* la féna *la femme* ».

A segunda declinação latina corresponde, majoritariamente, à flexão de substantivos terminados em *-us*, *-r* ou *-um*. No que diz respeito ao dialeto valdense, Saussure afirma que é possível observar a presença de palavras pertencentes a essa declinação, as quais são identificadas pela terminação em *-u*. Elas apresentam correspondência com as palavras do italiano finalizadas em *-o*, e com as palavras masculinas, do francês, que apresentam o *e* mudo. Essas correspondências com duas línguas de origem latina podem ser compreendidas como uma evidência da origem latina do valdense.

Contudo, mais do que isso, para nós, é importante observar o método utilizado por Saussure para o tratamento dessas línguas e dialetos. A comparação das palavras do valdense com o léxico e com o processo de declinação do latim, do italiano e do francês só foi possível graças à existência das canções populares desse patoá, bem como ao acesso a outros dados de caráter socioculturais. O sucesso de uma dessas canções – a Canção dos *Armaillis* – para além das fronteiras da região de Vaud, ao que parece, contribuiu para a sua popularização e permitiu que os povos de outras regiões da Suíça compreendessem sua significação. Desse modo, a partir da associação dos sons da canção aos seus respectivos sentidos e, por conseguinte, da delimitação das palavras do dialeto que compõem essa canção, foi possível estabelecer uma relação comparativa entre ele e línguas já bem conhecidas.

Consideramos relevante notar que a canção pode ser concebida, de início, como um fenômeno social fruto da cultura da comunidade falante do valdense; ela é, por conseguinte, um dado, percebido por meio da audição e que independe da análise de um pesquisador para que exista. Embora seja feita de língua – ou mais especificamente de um dialeto – o sentido da canção parece ir além daquele vinculado às palavras; como Saussure afirma, sua melodia inspirava uma nostalgia invencível que provocou deserções em massa da tropa friburguense. Dito de outro modo, a canção não é apenas um conjunto de sintagmas; ela é carregada de significados sócio-histórico-culturais que são efeitos da língua, mas que não se limitam a ela.

Da mesma forma, **a escrita e a fala de um povo** são elementos que podem ser compreendidos para além de sua relação com a língua. Elas são, também, produtos da sociedade e podem ser compreendidos, por conseguinte, como elementos externos e fenômenos sociais que estão intimamente relacionados às línguas particulares. Por isso, a seguir procuraremos demonstrar a importância desses dois elementos para as reflexões de Saussure sobre as línguas nos documentos que constituem nosso corpus de pesquisa neste capítulo.

A escrita e a fala dos povos são elementos que reincidentem nas análises de Saussure sobre a versificação francesa, tal como já mostramos, e também em sua busca por descrever o dialeto valdense. De forma mais específica, neste último documento, esses elementos são evocados no seguinte momento, por meio da relação da escrita com a ortografia, e da fala com a pronúncia:

Esses grupos ts e dʒ são pronunciados claramente como eles são escritos, e a ortografia das pessoas da região confirmam que se trata de uma sibilante puramente dental (eles escrevem ts e dʒ). Contudo, *chèvre* [cabra] se diz tšivra e eu escutei também dʒ em todo verbo i dʒāñu „je joins" [eu junto]. Encontro ~~também~~^{ainda} escrito *tsandja changé* [mudado] e *medja mangé* [comido]. (SAUSSURE, NENL, 1901-1904, pasta 18, f. 4 verso).⁷⁶

A nosso ver, a escrita se constitui como um fenômeno social nessas elaborações de Saussure, pois é a forma de uma comunidade representar a língua que fala. Desse modo, a escrita é relevante para a análise do linguista, pois estabelece uma relação com a fala do dialeto, fornecendo, ao pesquisador, um acesso secundário, de modo a permitir que ele conheça ou confirme o que já supunha a respeito dos seus fonemas. Segundo Turra (2018), “a escrita, no programa do terceiro curso [de Saussure], é, portanto, um desvio. Um intermediário entre as línguas e nós, aquilo que representa as línguas para nós.” (TURRA, 2018, p. 78).

Entender a escrita, em Saussure, como um intermediário entre a língua e a massa falante nos ajuda a compreender os dados linguísticos como elementos que podem revelar características sociais da comunidade que fala determinada língua. Ademais, destacamos que, no trecho do NENL anteriormente mencionado, é possível perceber que, além dos documentos escritos e das canções, Saussure parece ter tido acesso a alguns dados de fala do patoá valdense, uma vez que ele afirma que **ouviu** a pronúncia do som correspondente a dʒ em determinados verbos.

Nesse momento de suas elaborações, percebemos que a fala está intimamente relacionada ao indivíduo e que ela pode ser a porta de entrada para a compreensão do modo como os fonemas eram pronunciados pela massa falante de determinada região. Essa compreensão auxiliava tanto no estudo do sistema de versificação francesa, como na análise das mudanças linguísticas e na descrição dos dialetos da região franco-suíça. Além disso, uma

⁷⁶ Tradução nossa : « Ces groupes ts et dʒ se prononcent distinctement comme ils sont écrits, et l'orthographe des gens du pays confirme qu'il s'agit d'une sifflante purement dentale (ils écrivent ts et dʒ). Néanmoins *chèvre* se dit tšivra, et j'ai entendu aussi dʒ dans tout le verbe i dʒāñu „je joins". Je trouve aussi^{encore} écrit *tsandja changé* et *medja mangé*. ».

vez que o modo de falar se modifica conforme se altera a comunidade de fala (por exemplo, a comunidade falante do português na região sul do Brasil fala de forma diferente da comunidade do nordeste do país), podemos considerá-la como um fenômeno social relacionado e dependente da língua.

Ademais, no trecho anteriormente apresentado, nota-se que o linguista parece buscar diferentes tipos de fontes para a sua análise. Outrossim, ele próprio demonstra sua insatisfação com a quantidade de dados que possui a respeito do dialeto valdense, fato que pode ser observado no trecho a seguir:

Voltemos ao vocalismo. Os materiais que possuo não são suficientes para estabelecer uma fonética completa do dialeto, e eu devo me limitar a ressaltar os fatos mais importantes. (SAUSSURE, NENL, 1901-1904, pasta 18, f. 6).⁷⁷

Ao que parece, Saussure tinha, de fato, certo conhecimento sobre o dialeto valdense, uma vez que a região em que ele era falado se situa próxima de Genebra, sua cidade natal. Entretanto, dado o que é apresentado no excerto, esse conhecimento não parecia ser suficiente ao genebrino. Ademais, o conteúdo de suas anotações indica, como temos mostrado, que o linguista se dedicou a buscar outras fontes de acesso ao dialeto; fontes essas que estão diretamente relacionadas à cultura da comunidade habitante da região de Vaud.

Além dos documentos e dos fenômenos socioculturais considerados por Saussure em suas análises, ele ainda se dedicava à coleta de dados provenientes de falantes do valdense. Esse fato pode ser comprovado a partir do seguinte trecho:

No dialeto da **pessoa que eu interrogava** esse ē aberto mudou para ā^{pur}. Não é dela que eu tenho os exemplos do ē. Assim: (SAUSSURE, NENL, 1901-1904, pasta 18, f. 6 verso, grifo em negrito nosso).⁷⁸

É possível observar, nesse momento do NENL, que há pelo menos duas fontes diferentes de dados a respeito de um único fonema. Desse modo, não é possível conhecermos a quantidade exata de informantes com a qual Saussure trabalhava; entretanto, nota-se que a variedade e a quantidade de dados eram dois critérios com os quais o linguista se preocupava, ao estabelecer suas análises de uma língua – ou de um dialeto. Essa preocupação o levava a tomar necessariamente em conta elementos que estavam além das características estritamente

⁷⁷ Tradução nossa: « Revenons au vocalisme. Les matériaux dont je dispose ne sont pas suffisants pour établir une phonétique com--plète du dialecte, et je dois me borner à relever les faits les plus saillants. ».

⁷⁸ Tradução nossa: « Dans le dialecte de la personne que j'interrogeais cet ē ouvert s'est changé en ā^{pur}. Ce n'est pas d'elle que je tiens les exemples d l'ē. Ainsi : ».

linguísticas, fazendo-o entrar em contato com aspectos geográficos (como a localização da região em que o patoá era falado), culturais (como as canções, a ortografia e a peculiaridade de pronúncia dos falantes do valdense) e também históricos.

3.3 O que é que se retém do tratamento das línguas?

A tarefa de observar e analisar alguns dos documentos que atestam o modo de tratamento dispensado por Saussure às línguas particulares nos fez observar que há elementos externos e fenômenos socioculturais que são imprescindíveis para a compreensão do funcionamento dessas línguas e dialetos. A produção cultural da sociedade – como as canções e as poesias – a massa e o sujeito falante, a pluralidade de dados de acesso à língua, bem como sua história são elementos indispensáveis não só para compreender o estado atual das línguas analisadas, mas também para conhecê-las ao longo do tempo, de forma a entender suas leis de transformação, seu funcionamento e suas relações com outras línguas.

Embora não haja, nesses documentos, uma distinção clara entre as abordagens sincrônica e diacrônica dos idiomas, notamos que há uma via de mão dupla: a análise dos dados atuais da língua leva à necessidade de se conhecer sua história; em contrapartida, o conhecimento de sua história auxilia na compreensão de seu funcionamento atual. Analogamente, é notável que há, também, uma interdependência entre as generalidades às quais Saussure chega (como as regras de mudança linguística) e a necessidade de se debruçar sobre os fenômenos sociais específicos de cada língua.

Sabendo disso, levantamos duas questões, as quais têm o objetivo de orientar nossas análises dos outros materiais que compõem nosso corpus de trabalho: i) Na busca de Saussure pela delimitação do objeto de estudo da Linguística, atestada principalmente pelo CLG, esses fenômenos também são relevantes? ii) A presença desses fenômenos nessa busca de Saussure pode indicar uma impossibilidade de formalização completa do objeto de estudo da Linguística?

Orientados por essas questões, passaremos à abordagem dos documentos de Saussure que dizem respeito à sua teorização sobre Linguística Geral. Para tanto, procuraremos observar se os elementos de caráter externo que se destacaram nas análises feitas no presente capítulo se mostram relevantes para a trajetória de delimitação da língua e conceituação de seu funcionamento, principalmente no que diz respeito ao CLG.

CAPÍTULO 4 - A procura pela natureza da língua

« L'œuvre de Bally et Sechehaye n'est aujourd'hui vraiment continuée que par celui qui contribue à comprendre et à faire comprendre que, consciemment ou pas, une bonne partie de la linguistique du XXe siècle a œuvré afin que, par-delà la rédaction du Cours, l'enseignement de Saussure soit retrouvé dans sa forme la plus authentique, et qu'ainsi il voie de nouvelles perspectives s'ouvrir devant lui. ».

(Tullio de Mauro)

Conhecer o modo como Saussure lida com a língua francesa e com os patoás da região franco-suíça nos permitiu entender brevemente sua forma de tratamento para com as línguas particulares de forma geral. A partir disso, esperamos poder identificar os elementos e fenômenos, destacados no capítulo anterior, nas elaborações de Saussure referentes à delimitação da língua enquanto objeto da Linguística. Para tanto, utilizaremos dois documentos principais: i) o conjunto de manuscritos dedicados à Primeira Conferência (P.C.) proferida na Universidade de Genebra, datado aproximadamente de 1891; ii) o CLG, com o auxílio de algumas notas autorais de Saussure agrupadas no conjunto de manuscritos *Notes pour le Cours III*.

A escolha desses documentos se justifica tanto pela semelhança de objetivos teóricos – os quais convergem para a procura pela definição da natureza da língua – quanto pelas divergências contextuais de suas escritas. O conjunto de manuscritos P.C. consiste na primeira lição ministrada por Saussure em seu curso *Phonétique du grec et du latin*, que ocorreu na Universidade de Genebra em 1891, muito embora pareça ter sido escrito com o propósito de estabelecer reflexões a respeito da natureza da língua⁷⁹. O CLG, rememoramos, consiste numa edição póstuma baseada nos cursos que Saussure ministrou nessa mesma universidade cerca de vinte anos depois.

⁷⁹ Henriques afirma que “Em 1891, Ferdinand de Saussure profere três conferências na Universidade de Genebra. Apesar de serem denominadas pelo linguista como “conferências” de abertura, Chidichimo (2009, p. 257) explicita que são, na verdade, as três primeiras lições do primeiro curso ministrado por Saussure nessa Universidade, chamado *Phonétique du grec et du latin*. Essa informação nos é importante porque, apesar dessa temática estar estreitamente relacionada aos estudos comparatistas do século XIX, ela não parece ser abordada por meio dessa perspectiva. Ao contrário, essas três primeiras lições podem ser consideradas como um prelúdio de questões que seriam desenvolvidas posteriormente nos cursos de linguística geral (1907-1911), tais como continuidade e transformação da língua no tempo e no espaço (cf. SECHEHAYE, 2009 [1891]). Podemos entrever também considerações sobre a distinção entre sincronia e diacronia e sobre o fenômeno analógico que, para nós, possui uma estreita relação com a fala” (HENRIQUES, 2019, p. 40).

Perceber o modo como se dá a relação da língua com os fenômenos e aspectos sociais nesses documentos é importante para nós, pois, diferentemente do que o linguista buscava estabelecer nos manuscritos sobre a língua francesa e seus dialetos, os documentos que compõem o corpus deste capítulo de nosso trabalho atestam reflexões que se concentram, sobretudo, na busca por uma formulação teórica sobre a língua. Por isso, consideramos necessário averiguar se há, nesse momento, a incidência de fenômenos relacionados às línguas na trajetória dessa busca.

Sendo assim, iniciaremos pela análise do conjunto de manuscritos P.C., com o intuito de mostrar de que forma a língua pode ser entendida nesse documento, bem como de colocar em evidência a importância dos fenômenos relacionados às línguas particulares para as reflexões de Saussure sobre o objeto da Linguística.

4.1 Primeira conferência: a língua e a linguagem

Em muitos dos documentos que atestam a trajetória das reflexões de Saussure a respeito da linguagem, é possível notar que o linguista buscava sempre dar um passo novo em relação ao que já tinha sido pensado em matéria de língua até então. No conjunto de manuscritos que compõem suas anotações para a primeira conferência que ministrou na Universidade de Genebra, por volta de 1891, observamos que essa busca pelo próximo passo a ser dado perpassa, principalmente, a procura pela natureza da ciência Linguística e pela definição de seu objeto. Isso porque, para que possa ser concedido, a uma disciplina, o estatuto de ciência (nos moldes da ciência moderna), é necessário que haja a delimitação de um objeto de estudo cuja análise seja relevante.

No trecho a seguir, podemos depreender uma certa preocupação de Saussure a esse respeito:

~~Esse~~ Podemos apenas pedir a cada
ciência ^{aspirando a se fazer existir} que tenha um objeto digno ^{de uma} ~~de a-~~
=tenção séria, isto é, um objeto que tenha um papel ~~p~~ incontestável nas
coisas do universo ~~em que aquelas~~ ^{que não antes tudo} de
^{onde são compreendidas, antes de tudo, as coisas} da humanidade; e a posição que ocupará esta
ciência ^{da X} será proporcional à importância
do objeto e no ~~esse conjunto o grande~~ grande con=
=junto de ideias. (SAUSSURE, 1ª C., 1891, f. 4).⁸⁰

⁸⁰Tradução nossa : « ~~Ce~~ On peut seulement demander à chaque science ^{aspirant à se faire exister} d'avoir un objet digne
d'une ~~d'en l'~~ at- =tention sérieuse, c.à.d. un objet qui joue un rôle ~~p~~ incontestable dans les choses de l'univers ~~ou~~

Embora não se refira, nesse trecho, especificamente à Linguística, podemos presumir que as condições colocadas por Saussure para a delimitação do objeto de uma ciência sejam válidas, também, para a delimitação de seu objeto. Nesse sentido, qualquer que seja o elemento que se configure como o alvo de estudo da Linguística, ele deverá ter um papel incontestável nas coisas do universo e, sobretudo, nas coisas da humanidade. Essas condições são importantes de serem destacadas em nosso trabalho, uma vez que nos levam a compreender a concepção de língua que o linguista vai construindo em seus escritos e em suas apresentações proferidas na Universidade de Genebra.

Assim, considerando o trecho destacado, temos que, dentre todos os elementos que perpassam os estudos da linguagem, Saussure parece buscar um objeto que apresente um caráter empírico, por ter um papel relevante nas coisas do universo, e que seja social, por estar compreendido entre as coisas da humanidade, de forma a apresentar um papel relevante. O que o linguista busca, então, é um objeto de caráter dual. Nesse sentido, destacamos que, no trecho apresentado a seguir, o linguista destaca dois elementos que compõem, simultaneamente, o fenômeno da linguagem: suas manifestações particulares e as leis gerais que a regem.

O fenômeno
da linguagem, ~~em si mesmo~~ ^{em si mesmo}, vale ou não
vale a pena que o estudemos, **seja**
em suas manifestações diversas seja em tudo
que permite nas leis gerais, tal
que não poderão ^{jamais} ser deduzidos senão pelas
~~manifestações~~ pelas formas particulares, - tal
é ^{se devemos indicar} de uma forma completamente clara e categórica
o terreno sobre o qual se encontra atualmente
a ciência da linguagem.

T.HV.P

A linguagem? Mas E a fala? É
Uma coisa que nos esquecemos geralmente
porque A linguagem ou a língua...
porque é a mesma coisa, esta não é nada
além de uma generalização daquela...
T.HV.P (SAUSSURE, 1ª C., 1891, f. 5).⁸¹

dans celles ^{y qui pas avant tt} de où sont compris avant tout les choses de l'humanité ; et le rang qu'occupera cette science ^{de la X} sera proportionné à l'importance de l'objet et dans ~~est ensemble le gd le gd l'en=~~ ^{des idées} semble. ».

⁸¹ Tradução nossa : « Le phénomène du langage, ~~en lui-même~~ ^{en lui-même}, vaut-il ou ne vaut-il pas la peine qu'on l'étudie, soit en ses manifestations diverses soit ~~dans tt qui permet~~ dans les lois générales, telle qui ne pourront ^{jamais} être déduites que des ~~manifestations~~ des formes particulières, - telle est ^{s'il faut indiquer} d'une façon tt à fait claire et catégorique le terrain sur lequel se place actuellement la science du langage.

T.HV.P

No primeiro parágrafo que compõe o trecho acima, Saussure toma o “fenômeno da linguagem” como objeto a ser estudado pela ciência linguística e questiona se vale de fato a pena realizar seu estudo. Para nós, esse questionamento tem como objetivo propor uma reflexão que averigue se esse objeto cumpre com a condição imposta no primeiro trecho do conjunto de manuscritos por nós apresentado: seria, o fenômeno da linguagem, um objeto digno de uma atenção séria?

Além disso, a linguagem é considerada como um **fenômeno** que, de acordo com Saussure, pode ser estudado tanto pelo viés de suas manifestações diversas – ou seja, das línguas particulares – como pelo viés de suas leis gerais, que regem todos os idiomas. Essa dupla possibilidade levantada pelo linguista nos permite relacionar os dois vieses a partir dos quais se pode estudar o fenômeno da linguagem com a distinção entre objeto empírico e objeto formal, delimitada por nós no capítulo de abertura deste trabalho.

Assim, as línguas particulares, enquanto manifestações da linguagem, se aproximam da definição de objeto empírico, por possuírem o estatuto de dado e por serem independentes da análise do pesquisador para que existam. As leis gerais, por sua vez, se aproximam da definição de objeto formal, por necessitarem da intervenção do experimentador para que sejam sistematizadamente conhecidas, pois é a partir da observação do funcionamento dos idiomas que é possível conhecer e estabelecer as leis que os regem.

Ainda acerca do primeiro parágrafo do trecho apresentado, destacamos que parece não haver hesitação em se considerar a **linguagem** como o objeto de estudo da ciência linguística, visto que não há nenhuma rasura concernente ao termo e ele, inclusive, é reafirmado ao final do trecho, quando Saussure denomina a Linguística de “ciência da linguagem”. Essa aparente certeza na denominação do objeto parece cair por terra no segundo parágrafo, que é composto por uma série de questionamentos, e se apresenta de forma completamente rasurada.

Nesses questionamentos, três termos são colocados em questão: linguagem, língua e fala. Em um primeiro momento, Saussure hesita entre linguagem e fala (“A linguagem? Mas E a fala?”), e, após, entre linguagem e língua (“[...] porque A linguagem ou a língua...”); nota-se que o termo linguagem é reincidente, e que ele parece ser mais facilmente confundido com o que o linguista pudesse considerar, nesse momento, como língua ou como fala. O que nos parece visível, em contrapartida, é que, desde já, para Saussure, língua e fala são termos que não podem ser tomados um pelo outro.

~~Le langage ? Mais La parole ? C'est une chose que nous oublions généralement parce que Le langage ou la langue... car c'est la même chose, ceci n'était rien d'autre que la généralisation de cela...~~
T.HV.P ».

Outro aspecto importante que merece nossa atenção nesse parágrafo inteiramente rasurado do conjunto de manuscritos são as afirmações que compõem suas duas últimas linhas. Após titubear a respeito da denominação do objeto que busca delimitar, transitando, por fim, entre língua e linguagem, Saussure afirma: “porque é a mesma coisa, esta [a língua] não é nada além de uma generalização daquela [a linguagem]”. Essa afirmação é retomada uma outra vez, sem rasuras, nesse mesmo conjunto de manuscritos, e a ela são acrescentadas algumas considerações:

Língua e linguagem são
 apenas uma mesma coisa; ~~são~~ uma é a generali-
 =zação da outra. Querer estudar a linguagem
 sem se dar ao trabalho ~~de estudar~~ ^{de estudar as dif. diversas as}
^{manifestações que}
^{evidentemente são}

línguas é uma empreitada absolu=
 =tamente inútil e quimérica; ^{por outro lado} ~~querer~~ estudar as
 línguas ~~sem~~ esquecendo que essas
 línguas são primordialmente regidas por
 certos X princípios ~~humanos~~ ^X, que ~~têm~~ são resumidas
^{na} ~~pela~~ ideia de linguagem, é ~~por outro~~
~~lado uma empreitada desprovida de todo in-~~
~~teresse de X~~ ^{um} trabalho ^{ainda +} desprovido
 de toda significação séria, de toda
^{base} ~~interesse~~ científica verdadeira. (SAUSSURE, 1ª C., 1891, f. 8-9)⁸²

Embora o início do trecho apresentado acima seja bastante semelhante às afirmações que compõem o momento anterior do documento, há uma diferença que consideramos importante destacar. No trecho rasurado, Saussure afirma que a língua é uma generalização da linguagem, enquanto, no segmento acima, o linguista afirma que uma é a generalização da outra, sem especificar o lugar de cada uma. Essa não especificação deixa a entender que se trata de uma via de mão dupla: tanto a língua pode ser considerada como generalização da linguagem, como também a linguagem pode ser considerada como generalização da língua.

O que temos, no momento do conjunto de manuscritos apresentado acima, cujo conteúdo não foi inteiramente abandonado por Saussure, é uma equiparação entre língua e linguagem. No entanto, embora sejam definidas dessa forma, o próprio Saussure estabelece uma diferenciação entre elas, nas linhas que se seguem, separando a linguagem da língua

⁸² Tradução nossa : « Langue et langage ne sont qu'une même chose ; ~~son~~ l'un est la générali=sation de l'autre. Vouloir étudier le langage sans se donner la peine ~~d'étudier~~ ^{d'en étudier les dif. diverses manifestations qu' évidemment sont} les langues est une entreprise absolu=ment vaine et chimérique ; ^{d'un autre côté} vouloir étudier les langues ~~sans~~ en oubliant que ces langues sont primordiallement régies par certains X principes ~~humains~~ ^X, qui ~~ont~~ sont résumés ^{ds} ~~par~~ l'idée de langage, est ~~d'un autre côté une entreprise dénuée de tout in~~ ^{un} ~~terêt de X et~~ ^{travail} ^{encore +} dénué de toute signification sérieuse, de tte ^{base} ~~intérêt~~ scientifique véritable. ».

enquanto formas de manifestações. Do modo como o linguista coloca, notamos que há uma interdependência entre o estabelecimento da linguagem – entendida como um conjunto de princípios – e o estudo das línguas particulares; isso nos leva a crer que a língua parece apresentar, nesse momento, o estatuto de idioma, se aproximando, portanto, de um objeto empírico. Por conseguinte, a linguagem parecia com o objeto de caráter formal, relacionado às leis gerais que regem o funcionamento das línguas.

Apesar de a terminologia utilizada na P.C. diferir significativamente da terminologia do CLG, o conteúdo desse conjunto de manuscritos nos ajuda a reafirmar a nossa hipótese de que, independentemente da forma como é nomeada, a língua (enquanto objeto de estudo da Linguística) pode ser considerada como um objeto que transita entre o teórico e o empírico. A separação entre língua e linguagem, feita por Saussure nesse momento de sua teorização, ocorre como forma de convencer que a análise empírica e o estudo formal devem andar juntos, pois esses dois fazeres têm objetos em comum, uma vez que para se estudar as línguas, enquanto dados, é necessário conhecer seu funcionamento e, para se conhecer seu funcionamento e as leis que o regem, é necessário analisar as línguas.

Esse vínculo entre língua e linguagem (ou língua e línguas), entre empírico e formal, é reafirmada por Saussure nesse conjunto de manuscritos, no trecho a seguir:

O ponto de vista ao qual chegamos,
Senhores, e que é simplesmente o ponto de vista
~~geral~~ no qual se inspira sem exceção o estudo das línguas em todos
os seus ramos, **faz ver muito claramente que não há**
separação entre o estudo da linguagem
e o estudo das línguas, das línguas, de tal ou
ou o estudo de tal família, mas que, de um lado, cada
tal ou tal
língua e família
de línguas
~~su~~ divisão e subdivisão de língua representa um
documento novo, e interessante da mesma
forma que todos os outros, para o fato universal da lin-
=guagem. (SAUSSURE, 1ª C., 1891, f. 12, grifo nosso).⁸³

O estudo e a análise das línguas particulares e de sua genealogia não podem ser tomados como fazeres separados da pesquisa em busca das generalidades, pois, mesmo que seccionado, o estudo dos idiomas contribui para o conhecimento do que há de universal na

⁸³ Tradução nossa: « Le point de vue auquel nous sommes arrivés, Messieurs, et qui est simplement le pont de vue ~~général~~ dont s'inspire ^{sans exception} l'étude des langues en toutes ses branches, fait voir très clairement qu'il n'y a pas de séparation entre l'étude du langage et l'étude ~~des langues, des langues, de telle ou~~ ^{ou l'étude de telle ou telle langue} ~~et famille de langues-~~ ^{telle famille}, mais que d'un autre côté chaque ~~sa~~ division et subdivision de langue représente un document nouveau, et intéressant au même titre que tt autre, pour le fait universel du lan-=gage. ».

linguagem. Além disso, tomar essas diferentes perspectivas de análise linguística como complementares, e não separáveis, ajuda a compreender a relação da língua enquanto sistema com os fenômenos sociais que perpassam as línguas em suas comunidades de fala. Considerando isso, no tópico a seguir procuraremos abordar, ainda no conjunto de manuscritos dedicado à P.C., a relação entre a língua/linguagem e os elementos sociais a elas vinculados.

4.1.1 A língua e o social

A abordagem da relação entre a língua e o social não se restringe apenas aos documentos em que Saussure trata exclusivamente das línguas particulares ou dialetos. Na P.C., em que o linguista busca, sobretudo, estabelecer reflexões acerca da natureza da língua, é possível notar uma forte presença de alguns fenômenos sociais que a perpassam também nesse momento das elaborações. Isso porque há toda uma construção argumentativa de Saussure que busca comprovar que a natureza da língua é histórica. Para tanto, como afirmamos no capítulo anterior, o linguista estabelece uma distinção entre a história da língua e a história dos povos – ou “a língua na história” – distinção esta que pode ser observada no seguinte momento do conjunto de manuscritos supracitado:

É A presença de idiomas célticos na Gália,
e seu desaparecimento lento sob influência da
dominação romana é constituída p. ex. De
grandes atos históricos. É o ponto de
vista da língua na História, mas
não é o ponto de vista da história da língua.
(SAUSSURE, 1ª C., 1891, f. 16, grifo nosso).⁸⁴

Embora essa distinção tenha sido metodologicamente necessária para que Saussure conseguisse delimitar a Linguística como uma ciência autônoma, que independa de outras disciplinas para que exista, cremos que seja possível estabelecer relações entre as perspectivas da história da língua e da língua na história. Desse modo, se a língua é histórica, ela também é social, se estabelece ao longo do tempo, e o acesso a ela se dá, portanto, por meio da história dos povos aos quais ela está vinculada. Por outro lado, o registro da história desses povos só é possível de ser feito por meio da língua falada e de sua relação com a escrita.

⁸⁴ Tradução nossa: « ~~C'est~~ La présence d'idiomes celtiques em Gaule, et leur disparition lente sous l'influence de la domination romaine est constituant pr. ex. De grands faits historiques. C'est le point de vue de la langue dans l'Histoire, mais ce n'est pas le point de vue de l'histoire de la lgue. ».

Isso faz com que a análise da(s) língua(s) dependa, de alguma forma, da compreensão dos aspectos culturais desses povos, pois não há como conhecer uma história sem entender minimamente os contextos – geral e particular – que levaram aos fatos que a compõem. Por conseguinte, não há como conhecer um povo sem conhecer a sua língua. A respeito dessa relação, Saussure ressalta:

É sobre esse assunto
que eu gostaria de solicitar sua atenção, quase
sem outro preâmbulo, porque ele contém tudo: quanto mais
estudamos a língua, mais chegamos a ~~melhor~~ nos
penetrar ~~ainda~~ no fato de que tudo na língua
é história, isto é, que ela é um objeto de consi-
de análise ~~deração~~ **histórica, e não de consideração**
de análise **abstrata, que ela se compõe de fatos**, e não de
leis, que tudo que parece orgânico na linguagem
é, em realidade, contingente e completamente accidental. (SAUSSURE, 1ª C.,
1891, f. 15, grifo em negrito nosso) ⁸⁵

Relacionada à história, a língua é mais facilmente compreendida como um objeto que se afasta de uma concepção abstrata. Nesse sentido, Saussure ressalta que a língua é composta de fatos – ou seja, de acontecimentos que existem independentemente da intervenção do experimentador. Embora o linguista pareça se referir aos **fatos linguísticos**, consideramos que esses fatos estão vinculados aos fatos que compõem a história dos povos. Uma mudança linguística (que é um fato de língua), por exemplo, ocorre contingentemente, porque o sistema da língua permite; contudo, para que se instale em uma língua, tornando-se regra, depende do assentimento da massa falante e, por conseguinte, de fatores externos ao sistema linguístico, que podem propiciar ou não a permanência de determinada alteração⁸⁶.

Considerando esse mesmo trecho da P.C., é igualmente possível que façamos uma aproximação entre a qualidade da língua de ser composta de fatos e sua qualidade de ser empírica, uma vez que ambas estão relacionadas aos fatos, aos dados e são independentes de uma formulação teórica. Além disso, é importante rememorar que, nesse momento de sua

⁸⁵ Tradução nossa : « C'est sur ce sujet que j'aurais voulu solliciter votre attention presque ss autre préambule, car il contient tout : plus on étudie la langue, plus on arrive à ~~mieux~~ se pénétrer ~~encore~~ de ce fait que tout dans la langue est histoire, c.à.d. qu'elle est un objet de ~~consi-~~^{d'analyse} ~~deration~~ **historique**, et non de ~~considération~~^{d'analyse} **abstraite**, qu'elle se compose de faits, et non de lois, que tt ce qui semble organique ds le langage est en réalité contingent et complètement accidental. ».

⁸⁶ Para que entendamos de que forma uma mudança linguística se relaciona aos fenômenos sociais, vale lembrar a diferenciação terminológica entre os termos relacionados à informática no português brasileiro e no português de Portugal. No país europeu, é comum haver a tradução dos termos que provêm da língua inglesa – por exemplo, o acessório “mouse”, em Portugal, é denominado rato. No Brasil, em contrapartida, provavelmente por questões políticas, não há essa tradição. Prova disso é o projeto de lei 156 /2009, que previa a obrigatoriedade da tradução de palavras e expressões em língua estrangeira para a língua portuguesa, que não ocasionou mudanças significativas no uso de estrangeirismos.

teorização, Saussure considera a língua como as manifestações diversas, em complementaridade com a linguagem, que está relacionada aos princípios gerais. Essa consideração também corrobora a caracterização da língua como objeto empírico, deixando, por consequência, à linguagem o estatuto de objeto formal, neste momento das elaborações do linguista.

Acreditamos que seja arriscado tomar como inequívoca a distinção que estabelecemos, no tópico anterior, entre os estatutos da língua e da linguagem nesse conjunto de manuscritos, uma vez que o objetivo das reflexões de Saussure, no documento, não parece ser efetuar uma delimitação terminológica. Apesar disso, cremos ser possível nos aventurarmos em algumas dessas inferências cujas pistas nos são ofertadas pelos documentos analisados.

Retomemos a relação entre língua, história e a cultura, que engloba os fatos sociais, tais como definidos por Durkheim e apresentados por nós em nosso capítulo de abertura. A esse respeito, sublinhamos que, também para Saussure, pensar em história significa pensar justamente na cultura e nos fenômenos sociais. Isso pode ser comprovado pelo inciso que aparece no trecho a seguir, logo após a palavra “história” na quarta linha:

Qual é, portanto, a
 2ª condição ~~frisée~~ implicada pela palavra ciência
 histórica – é que o objeto que faz a matéria da
história ^{p. ex.} representa, em um certo sentido,
 a arte
 a religião
 o costume
 etc.
atos humanos, regidos pela vontade e inteligência
 humana, - e que, além disso, devem ser tais
 que eles não interessam somente ao indivíduo, mas a ~~uma~~
 a coletividade. ~~importante~~ (SAUSSURE, 1ª C., 1891, f. 18, grifo em negrito
 nosso).⁸⁷

A história é composta, de acordo com Saussure, por atos humanos, como a arte, a religião, os costumes etc. Do ponto de vista durkheimiano, esses atos humanos são fatos sociais, pois consistem em instituições e comportamentos dos indivíduos que foram definidos socialmente e passados por meio da educação. Logo, se partirmos do conceito de fato social proposto por Durkheim, temos que, embora a língua tenha a especificidade de não ser uma instituição premeditada, sua relação com a história outorga a ela (a língua) a qualidade de ser

⁸⁷ Tradução nossa : « Quelle est donc la 2^{ème} condition ~~frisée~~ impliquée par le mot de science historiq. – c’est que l’objet qui fait la matière de l’histoire ^{p. ex. l’art la religion le costume etc.} représente, ds un sens quelconque, des actes humains, régis par la volonté et l’intelligence humaine, - et qui d’ailleurs doivent être tels qu’ils ⁿintéressent pas seulement l’individu mais ~~une~~^{la} collectivité. ~~importante~~ ».

social. Isso corrobora para que a língua possa ser considerada, novamente, como um objeto empírico.

Porém, essa não é a única perspectiva do objeto da Linguística que Saussure procura destacar. Junto a ela, o linguista ressalta também a possibilidade de se considerar a língua como um sistema que pode ser compreendido independentemente desses fenômenos da sociedade, muito embora eles estejam intimamente vinculados às línguas, entendidas como as manifestações linguísticas dos povos. Concernente a isso, destacamos o seguinte trecho da P.C.:

Mas todos esses fatos, grandes
ou pequenos,
devidos aos quais **a língua se encontra misturada (^{et}~~de~~ ^{perto}) à**
vida dos povos, ~~do fato tomado~~ ^{à vida política social, literária} **não são, eu o**
repito, ou são apenas de vez em quando o que
podemos chamar a vida da língua ela mesma. (SAUSSURE, 1ª C., 1891,
f. 16-17, grifos nossos).⁸⁸

Neste momento, torna-se notável que a separação, proposta por Saussure, entre história da língua e história dos povos parece não se sustentar de forma tão categórica. Isso porque, como é possível observar, o linguista mesmo afirma que os fatos que fazem com que a língua se encontre misturada à vida dos povos **incidem na língua de vez em quando**. Ora, se houvesse uma separação estrita entre os dois tipos de história propostos pelo linguista, muito provavelmente não haveria uma interferência tão significativa ao ponto de levar o linguista a considerá-la em sua teorização. Assim, entendemos que o uso dessa expressão “apenas de vez em quando” é um modalizador da distinção entre história da língua e história dos povos, e denuncia um titubeio do linguista com relação à separação que ele propõe.

Além disso, a partir desse trecho do conjunto de manuscritos P.C., é possível notar que a dupla possibilidade de compreensão da língua enquanto objeto de estudo parece ser reafirmada. Há, para o linguista, a língua – ou as línguas, que são fatos históricos, objetos diretamente observáveis, de caráter empírico e social; e há “a vida da língua ela mesma” – objeto que, a nosso ver, coincide com o que o linguista designava, há pouco, como linguagem ou como o conjunto de princípios gerais. Sabemos, porém, que o uso da expressão “vida da língua” pode ser confuso, uma vez que Saussure a utiliza sem uma definição clara em muitos de seus documentos (inclusive no CLG), apesar de elaborar uma teorização que se afasta da concepção naturalista da linguagem.

⁸⁸ Tradução nossa: « Mais tous ces faits, grands ou petits, par où la langue se trouve mêlée (^{et}~~de~~ ^{près}) à la vie des peuples, ~~de le fait pris~~ ^{à la vie politiq. sociale, litter.,} ne sont pas je le répète ou ne sont que de temps à autre ce qu'on peut appeler la vie de la langue elle-même. ».

A esse respeito, Bulea (2006) afirma que

[...] a presença do termo “vida” em seus escritos pode parecer paradoxal, ou ao menos intrigante. Saussure, ao que parece, jamais explicitou a acepção desse termo, e ainda menos as razões de mantê-lo; ele se encontra, portanto, explorado, mesmo na elaboração de uma obra em oposição radical a toda tentativa de conceber a linguística como uma ciência natural. (BULEA, 2006, p. 6).⁸⁹

Embora a distinção entre a língua e as línguas não esteja no centro do trabalho de Bulea, podemos perceber que, em seu ponto de vista, a “vida da língua” evoca mais fortemente a noção de fatos languageiros, estando, portanto, mais próxima do que consideramos enquanto línguas particulares – ou da ótica a partir da qual a língua pode ser compreendida como um objeto empírico. Em contrapartida, o trecho da P.C. que destacamos anteriormente, relaciona a expressão “vida da língua” ao objeto considerado fora de suas relações com os fatos sociais – isto é, se aproxima mais facilmente da consideração da língua enquanto conjunto de princípios gerais que regem o funcionamento dos idiomas.

Esse paradoxo coloca em evidência que a expressão é, de fato intrigante, quando utilizada nas elaborações de Saussure, tanto pelo laço que **parece** estabelecer, a priori, com os estudos naturalistas, como pela inconsistência conceitual que a rodeia. De qualquer forma, compreendemos, a partir desse momento da P.C., que Saussure clama por um objeto que possa ser estudado para além do social e daquilo que se coloca disponível para observação, e que seja comum à diversidade de línguas existentes no globo. É por esse motivo que, nesse momento de suas elaborações, o linguista procura sempre mostrar as duas possibilidades de se encarar o objeto da linguística, pendendo a proclamar como verdadeiro objeto a sua consideração enquanto objeto formal.

Não obstante, por mais que Saussure busque mostrar que é possível considerar um dos “dois lados da moeda” de forma independente do outro, o entrelaçamento que há entre o sistema e o fato linguístico é tão íntimo que, vez ou outra, Saussure se mostra preso em sua própria argumentação. É o que o ocorre no trecho a seguir:

É por outro ponto de vista, por conseguinte, que a ciência da linguagem reivindica o título de ciência histórica. É que toda língua ~~tem uma história~~, nela mesma tem uma história que se desenrola ~~perpe-~~
=tuamente, que é feita de uma sucessão de acontecimentos

⁸⁹ Tradução nossa : « [...] la présence du terme de « vie » dans ses écrits peut paraître paradoxale, ou du moins intrigante. Saussure n'a jamais, semble-t-il, explicité l'acception de ce terme, et encore moins les raisons de son maintien; celui-ci se trouve donc exploité lors même de l'élaboration d'une œuvre en opposition radicale à toute tentative de concevoir la linguistique comme une science naturelle. ».

linguísticos, ~~exemplo que~~^{os quais} não tiveram qualquer impac=
 =to no exterior, ~~e que do mesmo modo são~~
~~completamente independentes~~ e jamais foram
 inscritos pelo célebre buril da história; assim
 como, por sua vez, são completamente independentes,
 em geral, do que acontece exteriormente. (SAUSSURE, 1ª C., 1891, f. 17)⁹⁰

Nesse momento, Saussure parece desconsiderar sua própria afirmação (mostrada no trecho anterior) de que a história dos povos interfere, algumas vezes, na história da língua. Vemos que o linguista trata, no trecho acima, da diacronia, isto é, da história da língua. Nessa perspectiva, ele nega que os acontecimentos linguísticos ocasionem qualquer impacto no exterior de seu funcionamento e, por conseguinte, considera que eles não são inscritos na história dos povos e não sofrem qualquer influência dos fatos exteriores à língua. Essas considerações são questionáveis, visto que, o acesso aos acontecimentos linguísticos só pode ser feito por meio das produções culturais dos povos apreciadas ao longo do tempo.

O acesso à literatura (tal como mostramos no capítulo anterior) permite conhecer as mudanças linguísticas – uma forma de acontecimento linguístico – por meio da comparação entre documentos e, a partir disso, chegar às leis que regem essas mudanças. Isso possibilita, por consequência, conhecer o funcionamento do sistema linguístico e as propriedades desse sistema que ocasionam a transformação. Além disso, como já afirmamos e como mostraremos nos tópicos seguintes, é preciso considerar que a história política – que compõe a história dos povos – bem como questões geográficas e questões culturais mais gerais incidem na língua. Assim, consideramos pertinente reafirmar que, por mais que Saussure procure separar a história da língua da história dos povos, há, entre elas, uma íntima relação que impossibilita a distinção absoluta de ambas.

Acerca do trecho mencionado consideramos, ainda, que há outra interpretação possível. Compreendemos que a natureza histórica da ciência da linguagem está relacionada à sua independência do que ocorre no exterior, ou seja, dos fatos sociais em geral. Contudo, dada a sua relação com a história dos povos, a história da língua é dependente desses fatos para que exista, visto que ela só é possibilitada pelo registro linguístico de uma comunidade. Dessa forma, como pode o caráter histórico da língua ser reivindicado por um viés que desconsidera os elementos que a fazem existir?

⁹⁰ Tradução nossa : « C'est à l'autre point de vue par conséq^{ce} que la science du langage revendique le titre de science historique. C'est que tte langue ~~a une histoire~~, en elle-même a une histoire qui se déroule perpé=
 tuellement, qui est faite d'une succession d'événements linguistiques, ~~exemple qui~~^{lesquels} n'ont point eu de reten=
 tissement au-dehors, ~~de même qu'ils sont complètement indépendants~~ et n'ont jamais été inscrits par le célèbre burin de l'histoire ; de même qu'à leur tour ils sont complètement indépendants en général de ce qui se passe au-dehors. ».

Para nós, essa aparente incoerência é causada pela hipotética impossibilidade de se formalizar por completo o objeto da linguística. A língua e as línguas estão entrelaçadas de tal maneira que, mesmo no CLG (edição consagrada pela delimitação da língua enquanto um sistema de signos e, por conseguinte, um objeto teórico), esse entrelaçamento faz perceber que não há como delimitar a língua sem recorrer à noção de línguas particulares; isto é, parece não haver uma formalização completa, pois a teorização sobre a língua só se sustenta inteiramente se se recorrer à concepção de língua enquanto idioma. Sabendo disso, na próxima etapa de nosso trabalho, procuraremos mostrar os momentos do CLG em que isso é possível de ser notado.

4.2 O Curso de Linguística Geral

O caminho percorrido por Saussure para que chegasse à delimitação da língua enquanto um objeto formal passa necessariamente pela análise das línguas. Essa trajetória foi por ele demonstrada em diferentes momentos de sua teorização, alguns dos quais foram apresentados no decorrer deste trabalho. Entretanto, essa trajetória, muitas vezes, passa despercebida ao olhar do leitor ou mesmo de pesquisadores que se dedicam à leitura do CLG.

Charles Bally e Albert Sechehaye, ao organizarem os documentos aos quais tiveram acesso para que pudessem estabelecer o todo coeso que originaria a edição, optaram por dar proeminência ao conteúdo considerado como a grande inovação de Saussure (GAMBARARA, 2005). Assim, os capítulos iniciais do CLG são responsáveis por apresentar, desde já, o objeto da Linguística, a natureza do signo linguístico, o funcionamento e os princípios da língua enquanto sistema. Aos capítulos finais do livro ficaram reservados os conteúdos referentes à Linguística Geográfica, às reconstruções das línguas e os assuntos que se relacionam mais diretamente aos caracteres específicos das línguas particulares.

Para os leitores que se dedicam à análise única do CLG, ou que o têm como fonte principal de pesquisa, seria mais pertinente compreender a trajetória feita por Saussure das línguas para a língua, se a edição se apresentasse seguindo essa mesma lógica. No entanto, como seu destaque consiste na delimitação do conceito de língua, bem como de seus princípios – arbitrariedade, relações de valor e de significação – e do modo de funcionamento de seu sistema, a língua acaba sendo compreendida majoritariamente – ou unicamente – como um objeto estritamente formal, que até mesmo exclui o lugar dos elementos empíricos ou

observáveis em sua delimitação. Essas compreensões são materializadas em críticas acerca do objeto “língua”, pensado por Saussure.

A partir disso podemos questionar se a ordem de apresentação dos conteúdos na edição do CLG dificulta a visualização da relação estreita que há entre a língua e as línguas – isto é, entre objeto formal e objetos empíricos – no pensamento de Saussure. Porém, acreditamos que a estreiteza dessa relação é tal que, mesmo na teorização sobre a língua apresentada no próprio CLG, Saussure reclama as línguas para que seu objeto teórico seja estabelecido de forma lógica. Esse reclame faz-nos questionar se o objeto de estudo da Linguística é, de fato, passível de uma formalização completa. Tendo isso em mente, a seguir, procuraremos apresentar alguns momentos da edição em que é possível perceber esse entrelaçamento existente entre a delimitação da língua e a noção de línguas particulares, juntamente com os fenômenos sociais a elas relacionados.

4.2.1 A delimitação de língua no(s) Curso(s) de Linguística Geral

A tendência de compreender o conceito saussuriano de língua de forma restrita ao seu modo de funcionamento parece ser consagrada entre a comunidade acadêmica. Essa compreensão, parece-nos, pode ser motivada pelo fato de, no conteúdo do CLG, já nas páginas iniciais, a língua ser apresentada como o objeto “ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 15); ou como um “sistema de signos” (p. 23 e 24) e como um “produto social da faculdade da linguagem”, (p.17), que “não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão” (p. 120).

Para nós, é fascinante ler o CLG e acompanhar a lógica argumentativa que vai, aos poucos, distinguindo os conceitos de “língua”, “linguagem” e “fala”, de modo a conceber, **quase** que completamente, o primeiro como um objeto de estudos autônomo para a ciência linguística. Essa concepção se dá, no livro, a partir da busca por uma formalização desse objeto, que o coloca como generalização daquilo que há de comum em todas as línguas. Assim, a língua constitui-se como um sistema de signos que se estabelece a partir das relações de valor, oposição e de diferenciação tanto entre os componentes do signo linguístico – isto é, significante e significado – como também entre os próprios signos já estabelecidos. Dessa forma, é possível compreender que o conceito de língua diz respeito a um modo de funcionamento, a um sistema que vale para todos os idiomas, mas que visa a não carregar características que possam configurar, específica e exclusivamente, uma ou outra língua.

No entanto, como já afirmamos, esse é apenas um dos entendimentos possíveis que se tem do conceito de língua a partir do CLG. Há, em toda a extensão da edição, construções textuais que permitem compreender que a distância conceitual entre a língua – objeto formal – e as línguas particulares – objetos empíricos, que se colocam disponíveis à observação – não é tão grande quanto se possa pensar.

Essa atenuação da distância entre o teórico e o empírico pode ser evidenciada pela incidência da noção de línguas particulares na formalização de Saussure que resulta em seu conceito de língua. Assim, com o intuito de mostrar essa incidência, bem como o entrelaçamento entre esses dois objetos – e também alguns exemplos do modo como essas incidências ocorrem – utilizaremos a seguir, além do CLG, alguns momentos do conjunto de manuscritos intitulado *Notas para o curso III*, que agrupa as anotações feitas pelo linguista na ocasião de seu terceiro curso de Linguística Geral, ministrado na Universidade de Genebra, entre 1910 e 1911.

O uso desse conjunto de manuscritos se justifica, tendo em vista que seu conteúdo está alinhado ao conteúdo do CLG e pode nos ajudar a refletir sobre os momentos em que Saussure se dedica a tratar da distinção entre a língua e as línguas. O linguista inicia essas notas explicando de que forma se dará a divisão de seu curso. Inicialmente, afirma que haverá três partes, entretanto, apresenta apenas duas:

Como foi indicado ~~as duas primeiras~~
~~seções~~, dividimos nosso curso em 3 partes,
 e os títulos das 2 primeiras partes diferem apenas
 por um singular e um plural: 1ª parte: As
línguas, 2ª parte: A língua. Essa diferença basta
 em realidade ^{vez} para marcar ~~quase~~ ^{infallivelmente} ~~rigorosamente~~ ^{sem equívoco} o que
 deve ser a diferença de conteúdo entre as 2 partes; (SAUSSURE, *Notes*
pour le cours III, 1910-1911, f. 3).⁹¹

A diferenciação entre as línguas e a língua consistiu no primeiro conteúdo a ser tratado no terceiro curso de Saussure. Na trajetória de suas aulas, que pode ser, de certo modo, recuperada por suas próprias notas e também pelas anotações de seus alunos (apresentadas, por Harris, Komatsu, Wolf e Engler, em suas edições), nota-se que o linguista parte da diversidade de línguas existentes para, dela, retirar a conceitualização de língua. A convicção com que ele afirma, no trecho anteriormente citado, que a diferença de número do substantivo “língua” é suficiente para distinguir as duas partes nos leva a crer que, nesse momento, sua

⁹¹ Tradução nossa: « Comme il a été indiqué, ~~les deux premières sections~~ nous divisons notre cours en 3 parties, et les titres de 2 premières parties ne diffèrent que par un singulier ou un pluriel: 1e partie, Les langues, 2e partie La langue. Cette différence suffit en ^{fois} réalité à marquer ~~presque~~ ^{indéfectiblement} ~~rigoureusement~~ ^{sans équivoque} ce que doit être la différence du contenu entre les deux parties. ».

teorização busca sustentar uma distinção suficiente entre o conceito de língua e a noção de línguas.

Entretanto, tal convicção parece secretar certa insegurança, no que diz respeito a uma possível confusão entre os termos. Isso pode ser notado no trecho imediatamente seguinte ao fragmento anterior:

Não é útil, como se acredite talvez ^{nem prudente}
querer ~~de~~ melhor explicar a oposição [entre línguas e língua] ~~por X~~
imediatamente, por ex. opondo¹ As Línguas, e ² a
vida da língua. ^{Com efeito} Nós seríamos ~~com efeito~~ ^{entretanto} ~~foi~~ ^{realmente} teme-
~~rários ao afirmar que~~ pelo menos na minha
~~opinião~~ ^{avaliação} ~~avaliação~~ deixar ~~em~~ subentendido por um título que as
coisas que têm um valor geral para caracterizar
língua fazem todas parte de uma vida, de uma biologia
^{ou de uma história a ser escrita sobre} ~~há muitas que permitem ser biológicas, de esse~~
organismo: há muitas que ~~afetam~~ oferecem esse aspecto. (SAUSSURE,
Notes pour le cours III, 1910-1911, f. 3).⁹²

O aparente receio de aproximar as generalidades teóricas a respeito do objeto de estudo que propunha de uma concepção naturalista, tal como se fazia nos estudos comparatistas, faz com que Saussure opte pelo termo língua, unicamente, mesmo que este esteja bastante próximo da palavra e da noção de “línguas”. Ademais, nesse mesmo trecho, vemos que, ao falar de “língua” e ao opô-la à ideia de “vida da língua” ou de organismo, caracteriza-a como aquilo que apresenta um “valor geral”; ou seja, diferente do que faz no conjunto de manuscritos P.C., refere-se, por meio do termo, à generalização que se pode encontrar no modo como as línguas funcionam, a partir de sua observação.

Ao que parece, todo o foco de Saussure no início desse conjunto de manuscritos se direciona à explicação da escolha dos termos e, ao contrário de estabelecer uma distância entre a caracterização empírica e a caracterização formal do objeto, procura relacioná-las, embora não negue que haja diferenças entre elas. Dessa forma, ao final da folha que contém a apresentação inicial de seu curso, estabelece, de maneira deslumbrante, que é somente a partir da observação das línguas particulares que um linguista pode chegar a qualquer generalização teórico-conceitual:

As línguas, é
o objeto concreto que se oferece na superfície do globo

⁹² Tradução nossa: « Il n'est pas utile, comme on le croirait pt être ^{ni prudent} de vouloir ~~de~~ mieux expliquer l'opposition ~~par X~~ d'emblée, par ex. em opposant ¹ Les langues – et ² la vie de la langue. ^{En effet} Nous serions ~~en~~ ^{réellement} ~~font~~ ^{toute fois} ~~témé-~~ ^{raires} ~~en affirmant que~~ au moins à mon ^{avis} ~~estimation~~, en ~~dans~~ sous-entendant par un titre que les choses qui ont une valeur générale pour caractériser la langue fassent toutes partie d'une vie, d'une biologie, ^{ou d'l hist. à écrire sur} ~~il y en a beaucoup qui permet être biologiques, de cet organisme: il y~~ em a beaucoup qui ~~affectent~~ ^{offrent} cet aspect ».

ao linguista. A língua é esse o título que se pode dar ao que o linguista souber tirar de suas observações sobre o conjunto das línguas, através do tempo e do espaço. (SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 3).⁹³

Considerando essa delimitação de Saussure acerca da noção de língua e do conceito de língua, nota-se que não é possível, ao linguista, determinar o objeto “língua” sem se submeter à análise dos objetos que se oferecem empiricamente. Há, portanto, uma relação necessária entre os dois. Apesar disso, como já foi mostrado, a língua se difere do objeto empírico pelo fato de que é determinada teoricamente, a partir da apreciação⁹⁴ do linguista acerca daquilo que se apresenta como geral, como comum ao funcionamento de todas as línguas observadas. Aqui, consideramos pertinente colocar uma questão que pode orientar nossa hipótese de pesquisa: embora haja uma diferenciação entre a língua e as línguas, é possível conceber a língua enquanto um objeto completamente formalizado, cuja teorização parta dos idiomas, mas que se sustente de forma genérica, sem recorrer a eles para se firmar?

A relação de aproximação e de diferenciação entre a língua e as línguas também pode ser notada no próprio CLG. Nele, Saussure afirma: “O linguista será obrigado a conhecer o maior número possível delas [das línguas] para tirar, por observação e comparação, o que nelas exista de universal” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 33). Embora, nesse momento, esteja clara a existência de uma diferenciação entre o objeto que é dado empiricamente e o objeto determinado pelo linguista, em outras ocasiões, Saussure parece titubear ao buscar estabelecer uma diferenciação entre este e as línguas:

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 27).

Da forma como está definida, comparada a um dicionário, a língua não se difere consideravelmente daquilo que se entende por um idioma ou por uma língua particular. A língua portuguesa, por exemplo, é conhecida por todos que a falam, mas nenhum deles a conhece completamente. Para se ter uma visão do todo, dever-se-ia observar e analisar o conhecimento de todos os seus falantes, os registros que dela existem etc.

⁹³ Tradução nossa: « Les langues, c’est l’objet concret qui s’offre à la surface du globe au linguiste. La langue c’est le titre qu’on peut donner à ce que le linguiste aura su tirer de ses observations sur l’ensemble des langues, à travers le temps, et à travers l’espace ».

⁹⁴ Nota-se, novamente, uma aproximação da língua com as características que determinam um objeto formalizado, expostas no primeiro capítulo de nosso trabalho.

Ora, se, como vimos no início deste tópico, a língua é definida por Saussure como um sistema que “não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão”, que é geral, de forma a não depender dos dados para que se sustente, como pode que ela seja comparada a um dicionário de uma língua particular? Para nós, isso não se configura como uma contradição. Trata-se de um indício de um outro entendimento de língua, em Saussure, que se aproxima bastante da noção de línguas particulares e que pode indicar uma impossibilidade de formalização completa do objeto de estudo da Linguística.

Esse outro entendimento pode ser observado em outros momentos do CLG. Por exemplo:

O objeto concreto de nosso estudo é, pois, o produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua. Mas tal produto difere de acordo com os grupos linguísticos: o que nos é dado são as línguas. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 33).

Nesse fragmento, a concepção de língua enquanto sistema de signos, ou seja, funcionamento geral a todas as línguas, se confunde com a concepção que a estabelece de forma bastante aproximada da noção de línguas particulares. O “objeto concreto de estudo” que, como mostramos anteriormente, consiste no sistema que se baseia em relações, é definido, no trecho acima, como o produto social depositado no cérebro de cada falante. Ora, os falantes têm conhecimento apenas dos signos e dos sintagmas possíveis em seu idioma, desconhecendo o modo de funcionamento do sistema linguístico que permite o estabelecimento desses elementos. O produto social que o falante conhece não é, portanto, a língua, entendida enquanto esse objeto formalizado, mas sim uma língua particular.

Esse trecho do CLG apresenta, para nós, um indício da incidência da noção de línguas na delimitação do conceito de língua; incidência, esta, que borra a distinção categórica que muitas vezes parece existir entre objeto formal e objeto empírico em Saussure. Ao contrário de uma distinção categórica, o que nos é apresentado, no conteúdo do CLG, é um entrelaçamento entre a formalização e os dados empíricos. Para nós, esse entrelaçamento pode indicar um caminho para refletir sobre a nossa hipótese de que a língua, enquanto objeto de estudo da Linguística, não é passível de uma formalização completa. Por mais que Saussure tenha alcançado, de fato, a delimitação da língua enquanto um sistema geral, é possível questionar se todos os seus princípios poderiam ser replicados de forma generalizada, sem a necessidade de se recorrer ao uso de dados linguísticos.

Uma análise atenta do CLG nos faz refletir, por exemplo, sobre os princípios da mutabilidade e da mutabilidade do signo. Ao longo do segundo capítulo da primeira parte do

CLG, intitulado *Mutabilidade e imutabilidade do signo*, notamos que o conceito de língua parece designar não o sistema de signos geral que se apresenta já na introdução da edição, mas um sistema particular, vinculado à noção de línguas particulares. Isso pode ser notado na própria definição de língua apresentada no capítulo: “o único objeto real da Linguística é a vida normal e regular de um idioma já constituído” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 86).

Se o objeto de estudo da Linguística é a língua e, para tratar de sua mutabilidade e imutabilidade, Saussure a define como um “idioma já constituído”, podemos considerar que o sistema geral, completamente formalizado não parece ser a única concepção de língua que embasa esse momento de sua teorização. A consideração da língua enquanto vida de um idioma particular aproxima esse objeto de estudo dos dados empíricos, tais como delimitados no início deste trabalho.

Ademais, nesse mesmo capítulo da edição, é possível notar que a concepção de língua que o embasa se apoia, também, nos aspectos sociais:

Mas dizer que a língua é uma herança não explica nada, se não se for mais longe. Não se podem modificar, de um momento para outro, leis existentes e herdadas?

Essa objeção nos leva a **situar a língua em seu quadro social** e formular a questão como a formularíamos para **as outras instituições sociais**. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 86, grifos nossos).

Nota-se que, para tratar dos princípios da mutabilidade e da imutabilidade do signo, Saussure recorre à concepção do objeto enquanto instituição social, muito embora dê a ela um lugar específico, diferente daquele que ocupam as instituições sociais consideradas comuns. Além disso, como já afirmamos, a concepção de língua que embasa esse momento das reflexões do linguista é fundamentada pelo que pode ser entendido como a noção de línguas particulares. Ao que parece, essa concepção de língua reitera a aproximação entre objeto empírico (AUROUX, 1998; MILNER 1989) e fenômenos sociais (DURKHEIM, 2011 [1893]), relativizando o caráter estritamente formal que é atribuído ao conceito saussuriano.

Destacamos que essa aproximação da língua com os dados, colocada em evidência nesse momento de nosso trabalho, foi possibilitada tendo como base o conteúdo do próprio CLG. Nesse mesmo sentido, reiteramos que esse movimento pode ser percebido, ainda quando Saussure trata de outros componentes do sistema linguístico, como as relações sintagmáticas e associativas. Da forma como entendemos, essas relações necessitam do falante e dos caracteres de uma língua particular – dois aspectos sociais, externos ao sistema em si – para que sua teorização se sustente.

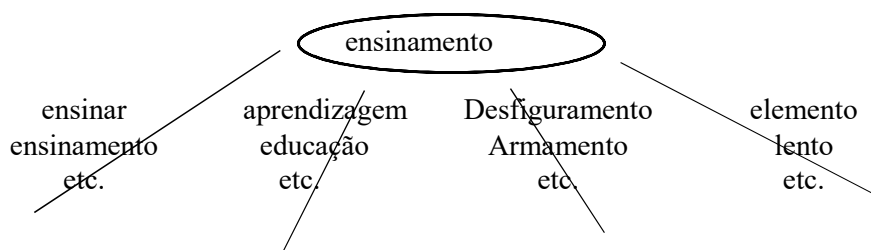
Começemos pelas relações sintagmáticas. Para explicá-las, Saussure afirma:

De um lado, **no discurso, os termos estabelecem entre si**, em virtude do seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de **pronunciar** dois elementos ao mesmo tempo [...]. Estes se alinham um após o outro **na cadeia da fala**. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas*. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 142, grifo em *italico original*, grifos em **negrito nossos**).

As relações sintagmáticas se estabelecem na cadeia da fala. Na concepção saussuriana apresentada no CLG, a fala é caracterizada como as “combinações individuais, dependentes da vontade dos que falam” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 28). Portanto, para além do sistema linguístico, as relações sintagmáticas são dependentes do falante, para que ocorram, e todo falante, para que execute a fala, precisa se dispor de uma língua particular. Considerar as relações sintagmáticas, sem levar em conta o falante e os caracteres das línguas particulares, restringe esse princípio saussuriano às relações gerais de valor entre os signos. Dito de outro modo, se esses dois aspectos externos ao sistema não fossem considerados na teorização de Saussure sobre as relações sintagmáticas, elas não apresentariam diferença significativa daquilo que o linguista define como relações gerais de valor.

Com as relações associativas ocorre algo de semelhante. Para nós, esse tipo de relação também é dependente do falante para que ocorra, visto que se estabelece virtualmente, por meio do fator mnemônico: “[...] a relação associativa une termos *in absentia* uma série mnemônica virtual” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 143). Desse modo, as relações associativas têm o caráter de se apresentarem diferentemente para cada indivíduo, visto que cada um pode associar termos a partir de critérios virtuais individuais – não necessariamente conscientes. Além disso, a quantidade de exemplos de línguas particulares que Saussure utiliza para teorizar esse tipo de relação nos faz pensar que as associações também são dependentes do vínculo com os idiomas para que sejam especificadas, diferindo-se do princípio geral do valor linguístico:

Se associarmos *desej-oso, calor-oso, medr-oso*, etc., ser-nos-á impossível dizer antecipadamente qual será o número de palavras sugeridas pela memória ou a ordem em que aparecerão. Um termo é dado como centro da constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida (ver a figura a seguir).



etc.

etc.

etc.

etc.

(SAUSSURE, 2006 [1916], p. 146)

No início do capítulo do CLG dedicado a tratar das relações sintagmáticas e associativas⁹⁵, Saussure afirma que elas “correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a **vida da língua**” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 142, grifo nosso). Ao retomarmos a perspectiva de Bulea (2006, p. 6), lembramos que a autora argumenta que a utilização do termo “vida da língua”, na teorização de Saussure, parece indicar, muitas vezes, os fatos languageiros, ou aquilo que consideramos estar relacionado à noção de línguas particulares. Como expusemos anteriormente, ao dissertar sobre os princípios da mutabilidade e da imutabilidade do signo, Saussure também delimita a **vida** de um idioma como objeto de estudo da Linguística (SAUSSURE, 2006 [1916], p.86).

Esses componentes da teorização de Saussure (relações sintagmáticas, associativas, mutabilidade e imutabilidade do signo) parecem não se sustentar a partir de uma concepção de língua enquanto objeto completamente formalizado. Ao que parece, esses princípios partem de uma concepção de língua que está vinculada ao sistema geral, mas que apresenta um entrelaçamento com elementos exteriores a ele, os quais temos considerado como fenômenos sociais e objetos empíricos.

A possibilidade de se pensar essa hipótese da não formalização completa do objeto de estudo da Linguística é reforçada quando procuramos, no CLG, por diversos momentos em que há uma construção argumentativa que se configura como uma definição de língua. Listamos alguns desses momentos abaixo:

Tabela 1 – Algumas definições de língua apresentadas no CLG

De que maneira se deve representar esse produto social para que a língua apareça perfeitamente desembaraçada do restante? Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. **Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.** (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 21, grifo nosso).

A língua não constitui, pois, uma função do falante: **é o produto que o indivíduo registra passivamente**; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação⁹⁶ [...]. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 23, grifo nosso).

⁹⁵ Trata-se do capítulo quinto da segunda parte do livro, intitulado *Relações sintagmáticas e relações associativas*.

⁹⁶ Essa classificação se refere à distinção entre relações sintagmáticas e associativas, tal como indicada na edição.

1º Ela é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associar-se a um conceito. Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 22, grifo nosso).
2º A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente. Não falamos mais as línguas mortas, mas podemos muito bem assimilar-lhes o organismo linguístico. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 22-23, grifo nosso).
Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro. Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis; a escrita pode fixá-los em imagens convencionais, ao passo que seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos de fala. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 23, grifo nosso).
É essa possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 23, grifo nosso).

Fonte: autora.

Não há um momento, entre os que escolhemos destacar acima, em que Saussure não recorra às línguas particulares para definir a língua, seja evocando-a enquanto contrato estabelecido entre os falantes de uma comunidade, seja por meio de sua consideração como um tesouro com sede no cérebro ou mesmo pela utilização das línguas em específico (como o caso das “línguas mortas”). Destacamos, também, que todas as citações apresentadas na tabela acima compõem os capítulos iniciais do CLG; ou seja, é possível notar que a língua não é definida pelo linguista unicamente como um objeto formal, mesmo nas partes dedicadas a apresentar a chamada contribuição original do linguista.

A partir dessas considerações, a seguir buscaremos mostrar que, no próprio CLG, é possível observar a presença de alguns dos elementos externos ao sistema, ressaltados por Saussure em seus manuscritos a respeito da língua francesa e dos patoás da região franco-suíça. Esses fenômenos se apresentam na edição de forma relacionada à conceituação sobre a língua, aparecendo tanto em momentos em que ela é considerada sob a ótica sincrônica, como nas partes em que é analisada a partir da ótica diacrônica. Sabendo disso, nos tópicos à frente, seguiremos o mesmo rastro dos fenômenos sociais destacados no capítulo anterior, a fim de encontrá-los e analisá-los no seio da edição.

4.3 Os elementos externos da língua: sua importância para o sistema

No CLG, Saussure afirma que sua busca pela definição da língua deve ser orientada pela delimitação de um sistema que funcione a partir de relações de valor e cujos elementos não são estabelecidos de antemão (SAUSSURE, 2006 [1916]). Para tanto, o linguista procura diferenciar os elementos internos a esse sistema dos elementos que são externos a ele:

Nossa definição de língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo “Linguística externa”. Essa Linguística se ocupa, todavia, de coisas importantes, e é sobretudo nelas que se pensa quando se aborda o estudo da linguagem. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 29).

Há, na edição, um capítulo⁹⁷ inteiro dedicado a estabelecer essa diferenciação. Entre os **elementos externos** ao sistema, apontados por Saussure, estão as histórias das línguas e das civilizações, os acontecimentos políticos, as diferentes instituições sociais (como a Igreja, a escola etc.), a língua literária, a extensão geográfica das línguas, o fracionamento dialetal e outros (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 30).

Em princípio, Saussure propõe que esses elementos sejam eliminados do estudo do sistema – o que permite compreender que eles sejam eliminados do estudo da língua enquanto um sistema geral, e não específico a um ou outro idioma. Entretanto, na medida em que o linguista discorre sobre essa eliminação, passamos a compreender que, na verdade, a concepção de sistema que embasa sua argumentação parece estar relacionada ao sistema de uma língua, ou ao “desenvolvimento natural” e “orgânico” de um idioma (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 30). A partir do esclarecimento dessa concepção, Saussure questiona:

Será possível distinguir o desenvolvimento natural, orgânico, dum idioma, de suas forças artificiais, como a língua literária, que são devidas a fatores externos, por conseguinte inorgânicos? Não se vê constantemente desenvolver-se uma língua comum a par dos dialetos locais? (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 30-31).

Esses questionamentos nos levam a perceber que a língua, nesse momento, não consiste em um sistema generalizado, proveniente dos dados, mas que se afasta deles como um objeto formal. Nota-se que o sistema diz respeito a uma língua comum que se estabelece no seio de uma civilização; é um sistema que está sustentado por dados de línguas particulares. Tal fato nos faz crer que a concepção que embasa também este capítulo da edição não nos permite compreender a língua como um objeto completamente formalizado;

⁹⁷ Referimo-nos ao capítulo quinto da Introdução: *Elementos internos e elementos externos da língua*.

em vista disso reiteramos nossa hipótese de que parece haver a impossibilidade de uma formalização completa do objeto de estudos da Linguística.

Para que possamos buscar ainda outros caminhos de reflexão sobre essa hipótese, procuraremos mostrar, a seguir, a importância dos elementos externos ao sistema de língua para a teorização de Saussure. Consideramos possível estabelecer uma aproximação entre esses elementos e os fenômenos empírico-sociais tratados no capítulo anterior. Desse modo, o primeiro elemento sobre o qual trataremos é a história.

A **história** aparece em alguns momentos das elaborações de Saussure sobre a língua apresentadas no CLG; entre eles, ressaltamos dois, que consistem em pontos cruciais da teorização do linguista: i) a abordagem diacrônica da língua e ii) a delimitação dos elementos que compõem a Linguística externa. A respeito deste último, reiteramos que história e os costumes da sociedade estão entre os elementos que são exteriores ao sistema linguístico, mas cuja relevância é elucidada pelo linguista. Segundo ele:

Incluem elas [as coisas importantes das quais a Linguística Externa se ocupa], primeiramente, todos os pontos em que a Linguística confina com a Etnologia, **todas as relações que podem existir entre a história duma língua e duma raça ou civilização. Essas duas histórias se associam e mantêm relações recíprocas.** Isso faz recordar um pouco as correspondências verificadas entre os fenômenos linguísticos propriamente ditos. Os costumes duma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação. (SAUSSURE 2006 [1916], p. 29, grifo nosso).

Tal como afirmamos no capítulo anterior, é por meio da língua que a história de um povo é construída e registrada; fora da sociedade, uma língua cessa de existir, pois deixa de haver falantes que possam continuá-la. Em contrapartida, a trajetória de uma sociedade incide diretamente na língua de seu povo, ocasionando modificações lexicais, fonéticas e de outras ordens. Estabelece-se, dessa forma, uma via de mão dupla.

A respeito da influência da história da sociedade e dos povos em uma língua particular, Saussure destaca, nomeadamente, a questão da história política. Trata-se do segundo elemento determinado pelo linguista como componente da Linguística externa:

Em segundo lugar, cumpre mencionar as relações existentes entre a língua e a história política. **Grandes acontecimentos históricos, como a conquista romana, tiveram importância incalculável no tocante a inúmeros fatos linguísticos.** A colonização, que não é senão uma forma de conquista, transporta um idioma para meios diferentes, o que acarreta transformações nesse idioma. (SAUSSURE 2006 [1916], p. 29, grifo nosso).

Vemos que a língua que é falada em uma sociedade não está completa e acabada; ela não é imune às interferências e influências de outras línguas e de outras culturas ocasionadas por eventos histórico-políticos. Por isso, Saussure defende que esses elementos não devem ser desconsiderados na análise das línguas, muito embora os coloque no patamar de elementos externos ao sistema linguístico.

É claro que há um grande engajamento de Saussure em busca de separar esses elementos e fenômenos sociais da Linguística que propõe. Contudo, não acreditamos que seja possível cumprir essa tarefa com sucesso em todo o percurso de delimitação da língua. Como temos mostrado, a todo instante, os fenômenos sociais incidem na delimitação saussuriana de um objeto formal para a Linguística de caráter interno; isto é, a própria teorização do linguista, embora busque desvincular os fenômenos sociais do sistema de língua, frequentemente recorre a eles para que consiga defini-lo.

Como dissemos, a história também compõe as elaborações de Saussure, na distinção estabelecida por ele entre diacrônico e sincrônico. O linguista afirma que “de modo geral, é muito mais fácil fazer a Linguística estática [sincrônica] que a histórica [diacrônica]” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 117). A diacronia, por ser histórica, consiste no estudo da(s) língua(s) através do tempo. Por conseguinte, não há como abordar a história da língua sem considerar sua relação com este elemento.

Assim, de forma semelhante ao que ocorre na abordagem de Saussure acerca da versificação francesa e dos dialetos da região franco-suíça, a história e o tempo se apresentam, no CLG, de forma relacionada às tradições linguísticas e aos costumes de determinado período. Isso pode ser notado no seguinte momento da edição:

Não basta, todavia, dizer que a língua é um produto de forças sociais para que se veja claramente que não é livre; **a par de lembrar que constitui sempre herança de uma época precedente, deve-se acrescentar que essas forças sociais atuam em função do tempo.** Se a língua tem caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 88, grifo nosso)

Analizada estaticamente, a língua pode aparentar ser fixa e completa. Contudo, considerada no tempo, percebe-se que ela está em constante transformação; as mudanças, entretanto, só podem ser percebidas porque a língua, talvez paradoxalmente, continua, é “sempre herança da época precedente”⁹⁸. Para nós, a relação das **mudanças linguísticas** com

⁹⁸ Sobre o trecho citado, vale ressaltar, ainda, a afirmação de Saussure de que a língua é “um produto das forças sociais”; essa é uma afirmação que compõe o segundo capítulo da primeira parte, intitulado *Princípios Gerais*. Ela está presente, portanto, na parte da edição que é considerada por muitos como a responsável por apresentar a

a tradição as coloca como outro aspecto da teorização de Saussure que permite que notemos o entrelaçamento entre o sistema e os elementos considerados como externos a ele.

Em nosso segundo capítulo, apresentamos as críticas que se estabeleceram à concepção saussuriana de língua após a publicação do CLG. A crítica de Meillet, por exemplo, se estabeleceu pelo viés das mudanças linguísticas; tal como vimos, o que ele depreendem do conteúdo da edição é uma proposta de análise das mudanças que não leva em consideração o contexto e os fenômenos sociais. Contudo, as modificações da língua, da forma como são apresentadas por Saussure, possuem uma relação estreita e indispensável com os elementos da sociedade.

Isso pode ser notado, se considerarmos que o conceito saussuriano de língua não consiste exclusivamente em um sistema sem laços com o exterior; ele também pode e deve ser compreendido como um objeto de natureza empírica, transpassado a todo instante pelos fenômenos sociais. A mudança, embora seja um fenômeno permitido pela estrutura da língua, só ocorre porque as línguas particulares são faladas em uma comunidade. O sistema sozinho, isolado da circulação da língua e da fala, não sofre nenhuma alteração. Isso é reafirmado no próprio CLG:

A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica.

Como as alterações jamais são feitas no bloco do sistema e sim num ou outro de seus elementos, só podem ser estudadas fora do sistema.
(SAUSSURE, 2006 [1969], p. 102, grifo nosso).

Os elementos que sofrem alteração são elementos pertencentes a línguas particulares; portanto, eles só podem ser vislumbrados a partir da análise dos dados dessas línguas. Contudo, não podemos ignorar que é o sistema linguístico, em conjunto com o tempo e a massa falante – por meio da fala – que permitem que as mudanças linguísticas ocorram. Mesmo assim, o modo como a teorização saussuriana se estabelece não permite que os princípios e elementos da língua (sejam eles internos ou externos) sejam hierarquizados, sendo impossível afirmar que as mudanças linguísticas ocorrem somente ou principalmente devido ao sistema interno da língua.

Outro fator que consideramos relevante destacar diz respeito à relação entre as modificações da língua, a fala e a coletividade. Ainda que a fala seja definida no CLG como o uso individual da língua, no que concerne às modificações linguísticas, observamos que esse

contribuição original de Saussure, ou seja, a busca pela definição de língua enquanto objeto formal e um sistema de signos. A partir dessa afirmação, é possível notar a importância dos fenômenos sociais na delimitação da língua, bem como a incidência das línguas particulares nessa delimitação, uma vez que a língua, pensada em relação a uma sociedade, constitui sempre um idioma particular.

uso individual não diz respeito à atividade de fala por parte de um único indivíduo; trata-se, na verdade, da ação de poucos indivíduos que, aos poucos, alcança um número maior de adeptos até atingir a maior parte da massa falante, se estabelecendo coletivamente:

É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos antes de entrar em uso. O alemão moderno diz: *ich war, wir waren* (o inglês diz ainda: *I was, we were*). Como se efetuou essa substituição de *war* por *was*? (SAUSSURE 2006 [1916], p. 115).

Ademais, as línguas particulares são reiteradas enquanto lugar de efetivação das mudanças linguísticas, uma vez que Saussure lança mão de exemplificações de alterações ocorridas em duas línguas de mesma origem (alemão e inglês), para que a sua explicação seja mais eficiente e para que ele possa levantar questões. Esse modo de abordagem se assemelha à forma como as mudanças linguísticas aparecem nas análises de Saussure dos dialetos e do sistema de versificação do francês.

No trecho citado, é possível notar, ainda, que as mudanças se estabelecem ao longo do tempo; sendo assim, apresentam uma relação íntima com a história. Outrossim, como vimos anteriormente, elas também estão relacionadas à fala e à massa falante; considerando isso, no a seguir, nos dedicaremos a mostrar de que forma o **falante e a massa** – enquanto fenômeno social – contribuem para a delimitação de língua apresentada no CLG.

A relação da massa falante com o tempo e com o fenômeno da mudança na língua é mais explicitamente abordada no capítulo do CLG responsável por apresentar as questões da mutabilidade e da imutabilidade do signo. Esses dois princípios, aparentemente contraditórios, só existem um em função do outro; isto é, “os dois fatos são solidários: o signo está em condições de alterar-se porque continua” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 89). Embora a continuidade seja de extrema importância para a possibilidade de alterações dos signos de uma língua, ela só ocorre devido ao fato de que a massa falante recebe a língua de seus antecessores como uma herança e a passa como tal a seus sucessores.

Por sua vez, a massa falante, além de ser um dos responsáveis pela continuidade dos signos da língua, também é imprescindível para sua renovação. Sobre isso, Saussure destaca:

Se se tomasse a língua no tempo, sem a massa falante – suponha-se o indivíduo isolado que vivesse durante vários séculos – não se registraria talvez nenhuma alteração; o tempo não agiria sobre ela. Inversamente, se se considerasse a massa falante sem o tempo, não se veria o efeito das forças sociais agindo sobre a língua. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 92-93).

Mesmo que a massa seja uma condição para que os princípios da mutabilidade e da imutabilidade do signo ajam sobre a língua, de nada adiantaria que ela existisse se não houvesse o tempo. O tempo é, de fato, uma condição para os fenômenos sociais em geral, uma vez que é nele que uma sociedade se estabelece historicamente, determinando seus costumes, sua cultura, suas construções.

Nesse sentido, nossa percepção da massa falante enquanto um dos fenômenos sociais, externos, que apresenta uma íntima relação com a língua pode ser reforçada por meio do seguinte momento da edição:

Mas essa definição [a língua é a linguagem menos a fala] deixa ainda a língua fora de sua realidade social; faz dela uma coisa irreal, pois não abrange mais que um dos aspectos da realidade: o individual; **é mister uma massa falante para que exista uma língua. Em nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social, visto ser um fenômeno semiológico. Sua natureza social é um dos seus caracteres internos;** (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 92, grifo nosso).

A massa falante é determinada como o próprio fato social que hospeda e, ao mesmo tempo, determina a língua. Fora dela, a língua não existe em nenhum momento e sob nenhuma perspectiva, seja considerando-a enquanto uma língua particular – um objeto de caráter empírico – ou mesmo tomando-a como um sistema – um objeto formal – uma vez que “sua natureza social é um dos seus caracteres **internos**”. Dito de outro modo, ainda que os fenômenos sejam tomados como elementos externos à língua, o caráter social é próprio ao sistema linguístico e configura-se como um de seus elementos internos. No nosso ponto de vista, esse trecho do CLG nos leva a uma reflexão mais intensa sobre a impossibilidade de se considerar a língua como um objeto completamente formal; mesmo que seja construída como tal, essa formalização está entrelaçada aos fenômenos sociais.

A massa falante se configura enquanto um fato social, segundo Saussure, por consistir em uma espécie de média dos atos individuais, estabelecendo um todo comum que é composto aproximadamente pelas mesmas associações entre significantes e significados. Saussure explica:

Para bem compreender tal papel, no entanto, impõe-se sair do ato individual, que não é senão o embrião da linguagem, e abordar o fato social. Entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, **estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos.** (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 21).

Desse modo, compreendemos a massa falante como o todo da língua que é compartilhado socialmente, estabelecendo-se, nesse sentido, como um fenômeno social, de acordo com os moldes definidos em nosso capítulo de apresentação. Esse todo permite que outros fenômenos sejam estabelecidos, como as produções culturais que são criadas por meio do uso da língua. Essas produções permitem que haja troca entre o que é proposto e o que é apreendido, justamente por existir um meio termo entre os signos de um idioma, que é reproduzido mais ou menos da mesma forma por todos os membros de uma sociedade.

Esse meio termo, contudo, não exclui a possibilidade individual de combinações dos elementos da língua, de heterogeneidade. Como mostramos no capítulo anterior, é fundamental que a língua se estabeleça enquanto esse todo compartilhado, para que os demais fenômenos sociais cumpram com seu ofício na comunidade, e também para que, dele, se desdobrem as possibilidades individuais de uso do idioma.

Assim, considerando a possibilidade que a massa proporciona tanto de produção cultural quanto de uso dos idiomas, a seguir faremos uma breve análise do modo como esses fenômenos compõem a delimitação de língua apresentada no CLG.

Em suas análises do sistema de versificação francesa e dos dialetos falados nas regiões franco-suíças, Saussure utiliza poemas e canções de diferentes épocas, a fim de cumprir com os objetivos por ele determinados em cada um dos documentos. Neles, **a produção cultural** da comunidade falante das línguas analisadas se constitui como fenômenos sociais de bastante relevância para a descrição e para a compreensão do patoá valdense e do sistema de versificação do francês.

No CLG, em contrapartida, não são usados textos poéticos ou canções propriamente ditas, mas as reflexões, frutos das análises de Saussure a respeito desse tipo de produção, são retomadas. Com isso, o linguista busca mostrar de que modo os poemas, enquanto produtos da cultura – entendida como um elemento da Linguística externa e como um fenômeno social – podem auxiliar na compreensão do funcionamento das línguas. Essa compreensão, tal como Saussure mesmo estabelece em seu terceiro curso, faz parte do caminho do linguista em busca do conhecimento do sistema e do funcionamento da língua. A esse respeito, o genebrino afirma:

Os textos poéticos são documentos preciosos para o conhecimento da pronúncia: conforme o sistema de versificação se baseie no número de sílabas, na quantidade, ou na conformidade dos sons (aliteração, assonância, rima), tais monumentos nos fornecem informações sobre esses diversos pontos. (SAUSSURE 2006 [1916], p. 46).

Apesar de Saussure não mencionar o sistema de versificação francesa em específico, é possível supor que seu trabalho apresentado nos conjuntos de manuscritos V.F. e C.P. (e mesmo no NENL, onde trabalha com algumas canções) tenha contribuído para as considerações apresentadas no CLG a respeito da versificação e dos elementos a ela relacionados. Tanto que essas produções culturais são utilizadas, na edição, também como forma de remontar estados anteriores de línguas específicas, por meio do reestabelecimento das pronúncias; esse processo é permitido pela análise dos elementos que compõem os sistemas de rimas dos poemas:

No antigo francês, a rima permite conhecer, por exemplo, até que época eram diferentes as consoantes finais de *gras* e *faz* (latim *faciō*, “eu faço”) e a partir do momento se aproximaram e se confundiram. A rima e a assonância nos ensinam ainda que no francês antigo os *ee* provenientes dum *a* latino (por ex.: *père de patrem*, *tel de talem*, *mer de marem*) tinham um som totalmente diverso dos outros *ee*. Jamais esses termos rimam ou fazem assonância com *ele* (de *illa*), *vert* (de *viridem*), *belle* (de *belle*) etc. (SAUSSURE 2006 [1916], p. 46).

O acesso aos poemas franceses de épocas precedentes nos faz rememorar, também, a importância da escrita, enquanto um elemento externo e fenômeno social que se constitui como uma forma de dado linguístico ao pesquisador. Em conjunto com a fala, ambas compõem as fontes de acesso direto e indireto às línguas de uma comunidade; é sobre esses dois elementos que dissertaremos em seguida: **a escrita e a fala**.

Nos documentos analisados em nosso capítulo anterior a escrita provou ser uma importante fonte de dados das línguas faladas numa sociedade, principalmente por consistir, algumas vezes, na única fonte de acesso que se tem a respeito de determinados idiomas. Nesse mesmo sentido, no CLG, Saussure destaca que, geralmente,

nós a conhecemos [a língua] somente através da escrita. Mesmo no caso da língua materna, o documento intervém a todo instante. Quando se trata de um idioma falado a alguma distância, ainda mais necessário se torna recorrer ao testemunho escrito; e com mais forte razão no caso de idiomas que não existem mais. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 33).

Sabemos que a análise dos idiomas foi extremamente relevante para que Saussure chegasse à sua definição do conceito de língua, e temos visto que a noção de línguas incide recorrentemente nesse conceito, o que evidencia um entrelaçamento entre esses dois objetos. Considerando isso, destacamos que, na edição do CLG, além de se prestar à função de dado, a escrita também funciona como uma possibilidade de se pensar o sistema de língua, por meio

de uma analogia. É exatamente isso que Saussure estabelece no capítulo *O valor linguístico* ao teorizar sobre o valor considerado em seu aspecto material:

Como se comprova existir idêntico estado de coisas nesse outro sistema de signos que é a escrita, nós o tomaremos como termo de comparação para esclarecer toda a questão. De fato:

1º os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe entre a letra *t* e o som que ela designa;

2º o valor das letras é puramente negativo e diferencial; (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 138).

Desse modo, a importância da escrita, enquanto dado, jaz na possibilidade, que ela proporciona, de se conhecerem os idiomas, bem como na possibilidade de se vislumbrar o modo de funcionamento geral das línguas.

De forma semelhante, a fala consiste em uma espécie de dado de extrema importância para o conhecimento e para a análise dos idiomas. Trata-se de uma fonte de acesso direto às línguas particulares, ao contrário da escrita, que se configura enquanto um sistema que representa as línguas faladas. Ademais, é por meio da fala que uma língua é mantida, passada e renovada, dada a relação de intimidade que há entre as duas. Sobre isso, destacamos a afirmação de Saussure de que “nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala, e todos os fenômenos evolutivos têm sua raiz na esfera do indivíduo.” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 196).

A fala nada mais é do que o uso individual da língua; entretanto, esta é uma instituição social, o que faz com que a fala se configure, por conseguinte, como o uso individual de um fato social. Além disso, é o conjunto dos usos individuais de um idioma que origina a massa falante. Portanto, embora a fala seja, para Saussure, de natureza individual, ela depende do social para que exista e, ao mesmo tempo, é a sua existência que origina o fenômeno coletivo da massa falante.

Podemos notar mais diretamente essa relação estreita entre língua e fala no seguinte momento do CLG:

De que maneira a fala está presente nessa mesma coletividade [da língua]? É a soma do que as pessoas dizem, e compreende: a) combinações individuais, dependentes da vontade dos que falam; b) atos de fonação igualmente voluntários, necessários para a execução dessas combinações. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 27-28).

Vemos que, para além da língua, a fala é constituída pela vontade individual e pelos atos de fonação. Entretanto, o que mais nos chama a atenção, em alguns momentos em que Saussure se propõe a teorizar sobre a fala, é que, por mais que a estabeleça enquanto

fenômeno individual, ele sempre a relaciona a uma coletividade (que é ora a língua, ora a massa falante) e, por consequência, também à questão da perpetuação da língua através da história. Nomeadamente, esse último aspecto pode ser notado no seguinte trecho:

[...] língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; **mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes.** (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 27, grifo nosso).

Como já mostramos anteriormente, são os atos individuais de fala, quando unidos, que constituem a massa falante; e é essa massa, composta pelo que é comum nesses atos, que perpetua a língua ao longo do tempo. Notamos, também, que Saussure indica uma espécie de anterioridade da fala, nesse trecho. A nosso ver, a relação da fala com a língua é de caráter mútuo, uma vez que não é possível haver língua sem fala e nem é possível que haja o contrário, pois a fala, sem o suporte da língua, consiste apenas em sons sem conceitos compartilhados. Mesmo assim, consideramos essa indicação de Saussure como um meio de ressaltar a importância da fala e da massa falante, enquanto fenômenos sociais, para a compreensão da língua e de seu modo de funcionamento.

4.4 Os elementos externos e fenômenos sociais: uma incidência

Neste capítulo, procuramos mostrar que a noção de línguas incide na busca de Saussure por uma delimitação do conceito de língua, tanto em seu manuscrito P.C., anterior aos cursos que originaram o CLG, como na própria edição. Ainda, orientados pela análise do tratamento dispensado por Saussure às línguas particulares (apresentada no capítulo anterior), buscamos averiguar se, no CLG, os fenômenos sociais e elementos externos que se mostraram relevantes para as reflexões do linguista acerca do sistema de versificação francesa e sobre o dialeto valdense também apresentam relevância para a trajetória de definição da língua que é recuperada por meio da edição.

Assim, verificamos que os cinco elementos que se sobressaíram no capítulo anterior – a saber: a história, as mudanças linguísticas, a massa e o sujeito falante, a produção cultural e os dados da escrita e da fala – também apresentam profunda relevância para o conteúdo do CLG, principalmente para as partes da edição dedicadas à delimitação do objeto de estudo da Linguística e de seus princípios e elementos componentes.

A importância desses fenômenos para a definição do conceito de língua nos ajuda a colocar em evidência a existência de um entrelaçamento entre esse conceito e a noção de línguas particulares. Sabendo disso, e considerando todas as análises dos documentos saussurianos por nós apresentadas, no capítulo seguinte procuraremos estabelecer de forma mais clara a nossa intenção ao propor essas noções de incidência e de entrelaçamento entre a língua e as línguas na teorização saussuriana.

CAPÍTULO 5 – As línguas na língua: uma (im)possibilidade

Em nossa trajetória até o presente capítulo, procuramos mostrar o caminho que nos levou à hipótese que orienta as investigações apresentadas nesta tese, a saber: a língua, enquanto objeto de estudo da Linguística, não é passível de uma formalização completa. Mesmo no CLG, sua conceituação transita entre o empírico e o teórico, por meio do entrelaçamento da noção de línguas particulares no conceito saussuriano de língua.

A delimitação do que compreendemos como objetos empírico e formal e do que entendemos como conceito e noção, a apresentação das críticas ao conceito saussuriano de língua, bem como as análises dos documentos de Saussure são mais do que temas que lideraram a escrita de nossos capítulos. Esses tópicos consistem em questões que surgiram ao longo de nosso caminho de pesquisa a respeito da teorização saussuriana e, juntos, nos auxiliaram a compreender e a refletir sobre um impasse que ronda o conceito de língua apresentado no CLG.

Esse impasse pôde ser percebido a partir da seguinte trajetória: i) uma leitura inicial do CLG nos ofereceu a percepção de que, ao longo da edição, o conceito de língua que fundamenta cada capítulo parece transitar entre duas concepções: a concepção que se eterniza na máxima “a língua é um sistema de signos”, a qual indica um objeto, a priori, de caráter unicamente formal (mesmo que tenha sido elaborado a partir dos dados empíricos); e a concepção que é diretamente correspondente à noção de língua particular, traduzida em sentenças como “a vida de um idioma constituído” e “a língua é a soma dos sinais depositados em cada cérebro” (SAUSSURE, 2006 [1916]).

Após essa leitura inicial, foi necessário estabelecermos um percurso entre alguns autores que se dedicam a tratar da epistemologia linguística – Milner (1989) e Aurox (1998) – perpassando, ainda, o trabalho de Durkheim (2011 [1893]) a respeito da delimitação dos fatos e fenômenos sociais. Esse percurso nos mostrou que a ciência moderna lida com objetos formais – frutos de um processo de intervenção do experimentador que resulta em uma formalização – e com objetos empíricos – os dados que independem da intervenção do experimentador para que existam e que estabelecem relação com os fenômenos sociais.

A compreensão dessas duas categorias de objetos nos fez retornar nosso olhar à teorização de Saussure; desbravamos alguns dos documentos que atestam suas reflexões a respeito de línguas particulares e, em seguida, nos detivemos nos manuscritos em que há uma teorização sobre a língua para, por fim, voltarmos ao CLG. A edição é, portanto, o nosso ponto de partida e também o nosso ponto de chegada.

Ao retornarmos a ela, verificamos que a língua, quando é concebida como um sistema de signos, permite ser classificada como um objeto formal, se enquadrando na caracterização delimitada pelos autores aos quais recorremos, em nosso capítulo inicial. No entanto, esse objeto formal não é capaz de sustentar toda a teorização de Saussure e tampouco todos os princípios que dele emanam – como mostramos, a mutabilidade, a imutabilidade e as relações associativas e sintagmáticas são princípios que partem da concepção de língua enquanto um idioma particular.

Claro que essa última concepção não ignora o sistema, mesmo porque o axioma saussuriano diz respeito a um modo de funcionamento que é válido para todas as línguas. Contudo, o sistema geral, que não é vinculado necessariamente a uma ou outra língua, parece não ser uma concepção suficiente para sustentar alguns dos princípios propostos por Saussure. Para esses princípios, é necessária uma concepção de língua que esteja entrelaçada aos dados de uma língua particular.

De forma resumida, temos que a **incidência** da noção de línguas no conceito saussuriano de língua nos levou a identificar um **entrelaçamento** entre objeto formal e objeto empírico. Esse entrelaçamento revela o impasse que salta de nosso percurso e que nos fez propor e investigar a **hipótese da impossibilidade de uma formalização completa do objeto de estudos da Linguística**.

Contudo, cremos que seja necessário delimitar com mais clareza em que consistem as noções de incidência e de entrelaçamento que buscamos propor. É isso que procuraremos fazer no tópico seguinte. Em seguida, buscaremos relacionar o conceito saussuriano de língua e a noção de línguas particulares à discussão levantada por De Mauro (1967) a respeito da matéria e da tarefa da Linguística. Por fim, nos dedicaremos à discussão da seguinte questão: o entrelaçamento língua/línguas pode ser considerado como mais uma das chamadas “dicotomias saussurianas”?

5.1 A incidência das línguas na língua: um entrelaçamento

A análise do CLG e dos outros documentos saussurianos nos fez perceber que, efetivamente, há a incidência da noção de línguas no conceito saussuriano de língua. Para nós, uma incidência ocorre quando o fio argumentativo do texto parece levar para uma delimitação da língua enquanto sistema de signos, mas, em vez disso, o que é apresentada é uma concepção de língua infestada da noção de línguas particulares. Por incidência entendemos

também: i) o entrelaçamento da noção de línguas no conceito de língua; ii) a evocação de línguas particulares para a explicação da língua propriamente dita ou de um de seus princípios ou elementos; iii) qualquer evidência de um entrecruzamento entre as duas perspectivas supracitadas.

Essa noção de incidência que propomos coloca em destaque a existência de um entrelaçamento que existe entre as línguas e a língua; um objeto incide no outro, provocando, muitas vezes uma co-incidência, justamente por compartilharem dos mesmos princípios e fontes de dados. É fato que, para nós, não há língua sem as línguas, pois sua conceituação só é possível a partir da observação dos objetos do mundo; e não há línguas sem a língua, pois o funcionamento delas se dá pelo sistema de relações do qual emanam os signos e seus valores.

Nesse sentido, podemos pensar que a incidência da noção de línguas na delimitação do objeto língua ocorra não porque haja uma inconsistência na teorização de Saussure, mas porque o objeto de estudo da Linguística parece não permitir uma formalização completa. A esse respeito, julgamos relevante considerar o que Sériot destaca:

Parece-me que a história atormentada do estruturalismo europeu (ou “continental”, como diria Jakobson em 1963) esconde um mal-entendido que repousa sobre as duas formas de considerar a noção chave de estrutura: enquanto uma totalidade ontológica ou enquanto um sistema de relações; **enquanto um objeto real ou enquanto um objeto de conhecimento.** (SÉRIOT, 1999, p. 32).⁹⁹

Tendo em mente a estreita relação entre a noção de estrutura e o conceito de língua estabelecido por Saussure, podemos considerar que essa dualidade de compreensão também se aplica, analogamente, aos entendimentos concernentes ao objeto da Linguística. Como vimos, as principais críticas que se colocam ao conceito de língua são pautadas no julgamento de que, ao estabelecê-la, Saussure deixa de lado os fenômenos observáveis e sociais. Nesse ponto, concordamos com Sériot, quando ele afirma que há um “mal-entendido” sobre a existência de duas formas de se considerar a estrutura – ou, no nosso caso, o conceito de língua.

A nosso ver, esse mal-entendido se dá, pois, na verdade, essas duas compreensões têm sido metodologicamente distinguidas, mas não estabelecem uma oposição entre si. Desse modo, percebemos o caráter sistêmico da língua e seu estatuto social não como compreensões diferentes de um mesmo objeto, mas como propriedades que se complementam, de forma a

⁹⁹ Tradução nossa: « Il me semble que l’histoire tourmentée du structuralisme européen (ou « continental », comme disait Jakobson en 1963) recèle un malentendu qui repose sur deux façons d’envisager la notion clé de structure : en tant que totalité ontologique ou en tant que système de relations, en tant qu’objet réel ou en tant qu’objet de connaissance. ».

sustentar os princípios da teorização de Saussure sobre a língua. Com base nessa multiplicidade de caracterizações, esse objeto pode, naturalmente, ser considerado de diferentes pontos de vista, o que, contudo, não exclui suas características comuns.

O estabelecimento da língua enquanto um objeto formal, para nós, consiste nisso: na delimitação teórica de um elemento, que não exclui, contudo, as características que o vinculam ao objeto real do mundo, do qual o conceito provém. Nessa perspectiva, destacamos que é necessário dar o devido lugar à teorização que permitiu que o conceito de língua se estabelecesse de forma a sustentar toda uma elaboração considerada, por muitos, como um divisor de águas nos estudos linguísticos. Apesar disso, não podemos desprezar o lugar das línguas, enquanto elementos cuja análise permitiu a edificação desse constructo teórico e que não se coloca como elemento desvinculado dele.

Notamos que, na Linguística, há uma relação intrínseca entre teoria e dados observáveis, o que nos fez perceber que o objeto formal consiste em uma elaboração que emana da tessitura dos fatos empíricos, estando, portanto, embaraçada com eles.

5.2 Matéria e objeto da linguística

A diferenciação entre matéria e objeto da Linguística é uma questão que talvez possa dar luz e complementar a nossa forma de compreender a língua como um objeto que não é passível de ser completamente formalizado. Afirmamos isso, não porque a língua ou as línguas possam coincidir exatamente com o entendimento que se tem de matéria a partir da teorização de Saussure, mas porque pensar sobre o que é a matéria nos ajuda a perceber ainda mais o entrelaçamento que propomos.

Ao discorrer sobre a busca de Saussure pela delimitação dos termos, conceitos e tarefas que a Linguística deveria ter, De Mauro afirma que “o fato é que somente a **matéria** de suas reflexões [de Saussure] lhe foram fornecidas por sua época; mas a forma primordial de sua concepção é originalmente dele” (DE MAURO, 1967, p. IV-V)¹⁰⁰. Sabemos que os objetos de análise dos estudos comparatistas, nos quais Saussure se inseria, eram as línguas particulares – o maior número possível delas, para que pudessem ser comprovados os parentescos, bem como para que pudessem ser estabelecidas as leis de mudanças.

¹⁰⁰ Tradução nossa: « Le fait est que seule la matière de ses réflexions lui a été fournie par son époque ; mais la forme ultime de la conception est originellement à lui. ».

Ao afirmar que a matéria das reflexões de Saussure fora fornecida a ele em meio a esses estudos do século XIX, cremos que De Mauro se refere ao conhecimento que os linguistas estabeleciam acerca das línguas, a partir da observação dos fatos de linguagem. Há uma aproximação entre a pluralidade de línguas existentes no mundo e a matéria da Linguística, e essa nossa interpretação pode ser reiterada tanto pelo pensamento de Saussure, como pelo ponto de vista apresentado pelo próprio De Mauro, em uma das notas de sua edição crítica do CLG. Iniciemos, então, pela reflexão saussuriana que nos incita a pensar sobre a relação entre a noção de línguas particulares, o conceito de língua e a matéria da Linguística.

No segundo capítulo da Introdução do CLG, intitulado *Matéria e tarefa da Linguística; suas relações com as ciências conexas*, Saussure busca definir em que consistiriam esses dois elementos. Especificamente a respeito da matéria, o linguista afirma o seguinte:

A **matéria** da Linguística é constituída inicialmente por **todas as manifestações da linguagem humana**, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão. Isso não é tudo: como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes [...]. (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 13).

Essa afirmação de que a matéria da Linguística consiste em “todas as manifestações da linguagem humana” ocorre em um momento da teorização em que não parece haver uma preocupação explícita em distinguir os conceitos de “língua”, “linguagem” e “fala”; entretanto, se considerarmos que, na edição, a linguagem engloba a língua e a fala, talvez não seja um equívoco considerar o termo, nesse momento, como próximo da delimitação saussuriana de linguagem. Assim, a partir da observação e da análise dessas manifestações, que englobam necessariamente um lado individual (pois depende do falante) e um lado social (pois depende da existência de uma língua partilhada em sociedade e de uma massa), é que se pode construir não só o conceito de língua, mas também algumas características dos conceitos de fala e da própria linguagem, identificadas de forma relacional e opositiva à delimitação da língua nos documentos saussurianos (cf. COELHO; HENRIQUES, 2014).

É importante notar que, ao definir a matéria, Saussure não exclui nenhuma forma de manifestação de linguagem. Amplia, desse modo, a gama dos elementos que devem ser colocados à disposição do linguista, abrangendo todas as línguas existentes no globo, bem

como todos os seus registros, independentemente de serem prescritos ou não nas gramáticas e nos dicionários. Dessa forma, temos que a matéria da Linguística pode ser entendida como os dados empíricos, provenientes das línguas particulares, não excluindo os fenômenos sociais a elas relacionados, que foram apresentados nos capítulos anteriores.

Para nós, os fatos de linguagem se constituem como empíricos por serem elementos que existem independentemente da análise do pesquisador, e que podem ser captados pela escuta e pela visão, ou seja, pelos sentidos, não se limitando forçosamente ao uso restrito de um sistema específico. As línguas, por sua vez, também apresentam o caráter empírico por estarem necessariamente vinculadas a uma determinada sociedade, por serem uma espécie de acordo tácito, que dependem da convivência entre os membros de uma comunidade para que sejam transmitidas, sempre por vias dos sentidos (seja pelo sistema de fala e escuta, seja pelo esquema de gestos e visão); ainda, têm a característica de não dependerem de uma análise para que existam. Por exemplo, se o conceito de língua não tivesse sido cunhado por Saussure ou por qualquer outro pesquisador, ainda assim as línguas continuariam a existir.

Ademais, assim como as línguas são perpassadas por fenômenos sociais diversos, é possível haver, na linguagem, elementos que vão além do uso compartilhado do sistema de uma língua, como os gestos, expressões, sons que não apresentem necessariamente o estatuto de imagem acústica e podem envolver, também, as características que dizem respeito à fala, à escolha (consciente ou não) dos falantes. É por isso que a linguagem é vista, por Saussure, como um conjunto heteróclito, “o cavaleiro de diferentes domínios” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 17).

Ao observar os fatos do mundo, o linguista lida com esses elementos heterogêneos e que se relacionam intimamente com o sistema linguístico, mesmo que se diferencie dele. Tendo isso em vista, consideramos importante destacar a reflexão de De Mauro (1967) apresentada abaixo:

Para Saussure, **matéria** é o conjunto de todos os fatos que, no nível da linguagem corrente, podem ser considerados como “linguísticos”. Uma tal massa é heteróclita [...] e, assim sendo, ela pode ser estudada por múltiplas disciplinas; é por relação a elas que a Linguística se qualifica, uma vez que seu **objeto** é a **língua**. (DE MAURO, 1967, p. 414-415).¹⁰¹

Especificamente nesse ponto, nossa ótica se difere ligeiramente da visão do autor, uma vez que, para ele, a matéria, na perspectiva saussuriana, consiste nos fatos de linguagem que

¹⁰¹ Tradução nossa: « Pour Saussure, **matière** est l'ensemble de tous les faits qui, au niveau du langage courant, peuvent être considérés comme « linguistiques ». Une telle masse est hétéroclite [...] et, en tant que telle, elle peut être étudiée par de multiples disciplines : par rapport auxquelles la linguistique se qualifie parce que son **objet** est la **langue**. ».

podem ser considerados como linguísticos. Ora, para que haja, dentre os dados disponíveis, fatos que sejam estritamente linguísticos, é preciso haver, primeiramente, uma delimitação, uma triagem do pesquisador, de forma a retirar dos fatos heterogêneos da linguagem aquilo que está única e diretamente relacionado ao sistema de uma língua. A matéria, para De Mauro, é a linguagem passada pelo crivo do linguista e livre da incidência dos fenômenos sociais.

Nossas análises dos documentos de Saussure têm mostrado, contudo, que é impossível isolar completamente a língua dos fenômenos que a sustentam e que a perpassam. Uma vez que as características empíricas são concernentes a ambas (à noção de línguas e à matéria), nossa interpretação da definição desta última, tal como é apresentada no CLG, nos leva a crer que a matéria consiste nos elementos que compõem a linguagem entrelaçados aos fenômenos que nela incidem.

Por sua vez, a delimitação do linguístico, dentre os dados observáveis, consiste naquilo que Saussure denomina de tarefa da Linguística. Retomemos, então, o que o linguista pontua no CLG:

A tarefa da Linguística será:

- a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstruir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- c) delimitar-se e definir-se a si própria; (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 13).

É fato que os diferentes fenômenos sociais estejam diretamente vinculados à língua e sejam necessários para que ela continue no tempo; contudo, paradoxalmente, as línguas não podem ser reduzidas a esses fenômenos, mesmo que, aparentemente, seja impossível estabelecer uma separação completa entre seu conceito e os elementos de caráter social. Por esses motivos, ou seja, para que a língua possa ser metodologicamente compreendida em meio aos tantos fenômenos e aspectos sociais emaranhados a ela, reiteramos a importância da tarefa da Linguística proposta por Saussure.

É preciso considerar também que, embora a língua apresente um vínculo com determinada sociedade e seus fatos sociais, ela também possui, como diz Saussure, uma ordem própria, o que faz com que não possa ser mudada unicamente pela vontade do homem; isto é: não se pode ter total controle sobre a língua:

Os elementos da língua, assim como as peças do jogo [de xadrez], **possuem realidade concreta somente em seu uso social**. Destacar esse ponto comum entre uma língua natural e um sistema formal é decisivo, mas não é preciso se deixar fascinar pela força persuasiva dessa comparação, pois, diferentemente do jogo, cujas regras são fixadas por uma convenção, que os jogadores aceitam, mas poderiam eventualmente modificar, **a língua, para seus locutores, é uma “herança” imposta pela coletividade, que eles somente podem aprender em seu uso social sem modificá-la deliberadamente**. (NORMAND, 2011, p. 25, grifos nossos).

Apesar de ser necessário delimitar, dentre os dados observáveis, os lugares dos fatos de linguagem, ou seja, aqueles concernentes às línguas, em nossa concepção, elas não perdem seu caráter empírico. Esse paradoxo que parece se colocar como contradição reitera nossa visão de que há um entrelaçamento entre o empírico e o formal no conceito saussuriano de língua. Esse entrelaçamento entre o trabalho do linguista, de cunho teórico, e os fatos empíricos é também discutido por Béguelin. Ela afirma que:

A primeira tarefa que se apresenta ao linguista é de **assegurar que as entidades que ele postula têm uma existência na realidade**, dito de outro modo, que elas merecem o nome de entidades linguísticas [...]; o problema se coloca de maneira acentuada na diacronia [...], mas também na temporalidade do discurso. (BÉGUELIN, 2016, p. 8, grifo nosso)¹⁰²

A autora estabelece a relação entre matéria e tarefa da linguística, de forma a retomar as questões que são tratadas no segundo capítulo da Introdução do CLG. Ao afirmar que a tarefa do linguista – e, portanto, da Linguística – consiste em provar a existência real das entidades linguísticas, Béguelin ratifica a existência de um entrelaçamento entre o objeto do mundo e o objeto que emana de uma teorização, reiterando, desse modo, a necessidade de se considerar o teórico e o empírico na concepção do objeto de estudo da Linguística.

O entrelaçamento entre esses dois tipos de objetos e a incidência de um sobre o outro na teorização de Saussure nos fazem retomar a nossa hipótese da impossibilidade de formalização completado objeto de estudo da Linguística. Além disso, pensar esse entrelaçamento permite que fuçamos das descrições e interpretações fechadas do conceito de língua, tal como se fez por muito tempo e ainda se faz; faz-nos deixar de prescrever o inventário dos itens lexicais para, a partir do próprio movimento da língua, estabelecermos os fatos. Como afirma Martinet:

A Linguística é o estudo científico da linguagem humana. Um estudo é dito científico quando ele se funda sobre a observação dos fatos e se abstém de

¹⁰² Tradução nossa: « La première tâche qui se présente au linguiste est de s’assurer que les entités qu’il postule ont une existence dans la réalité, autrement dit qu’elles méritent le nom d’entités linguistiques [...] ; le problème se pose de manière aiguë en diachronie [...], mais aussi [...] dans la temporalité du discours. ».

propor uma escolha entre esses fatos, em nome de certos princípios estéticos e morais. “Científico” se opõe, portanto, a “prescritivo”. (MARTINET, 1967, p. 6)¹⁰³

5.3 Língua e línguas: mais uma dicotomia?

Nossa busca por pensar a língua enquanto um objeto não passível de uma formalização completa é fundamentada pela existência da incidência da noção de línguas particulares no conceito de língua e, por conseguinte, pelo entrelaçamento entre os caracteres empírico e formal do objeto de estudo da Linguística. Dado que se trata de uma hipótese pautada, a princípio, na existência de uma dualidade, e tendo em vista que há uma tradição de se considerar os conceitos saussurianos, pensados em pares, de forma dicotômica, neste último tópico nos dedicaremos a explicar por que nossa proposta de incidência da noção de línguas no conceito de língua **não consiste em mais uma dicotomização dos conceitos saussurianos**.

Abordemos, primeiramente, a tradição de tratamento dos conceitos do linguista como dicotômicos, tendo como base textos introdutórios de algumas edições e traduções do CLG. A versão brasileira, publicada em 1970, apresenta um prefácio escrito por Isaac Nicolau Salum, que, já no início do texto, denomina de “grandes antinomias” os conceitos saussurianos. Segundo o autor, o objetivo de seu prefácio é

[...] fornecer informações sobre o famoso linguista suíço e sobre a sua obra e indicar algumas fontes para estudo das grandes antinomias saussurianas, ainda na ordem do dia, meio século depois da 1ª edição do *Cours*, embora provocando ainda hoje diálogos mais ou menos calorosos. (SALUM, 2006 [1970], p. XIII).

Apesar de não estabelecer considerações mais profundas a esse respeito, pode-se inferir que o uso do termo “antinomias” em conjunto com o adjetivo “grandes”, indica que a concepção dos conceitos saussurianos como antinômicas consiste em algo consagrado no âmbito dos estudos da linguagem. Nesse sentido, é importante destacar que, embora haja discussões acerca da diferenciação entre antinomia¹⁰⁴ e dicotomia, neste trabalho tomaremos as duas como termos que indicam a existência de uma oposição entre dois conceitos, que consiste no aspecto que ambos os termos compartilham.

¹⁰³ Tradução nossa: « La linguistique est l'étude scientifique du langage humain. Une étude est dite scientifique lorsqu'elle se fonde sur l'observation des faits et s'abstient de proposer un choix parmi ces faits au nom des certains principes esthétiques ou moraux. « Scientifique » s'oppose donc à « prescriptif » ».

¹⁰⁴ Sobre a questão das antinomias, pode-se consultar, por exemplo, o trabalho de Immanuel Kant.

Uma vez que o prefácio de um livro apresenta uma importância primordial para as compreensões possíveis que se possa ter do conteúdo por ele apresentado, é preciso considerar em que medida essa denominação pode direcionar o entendimento desses conceitos unicamente como pares opostos, reforçando a ideia de dicotomização. Acreditamos que tratar as dualidades das reflexões saussurianas como antinomias contribui para a consagração da visão dicotômica dos conceitos do linguista. Essa consagração é reafirmada ao voltarmos nosso olhar para o prólogo da versão espanhola do CLG, escrito por Amado Alonso, em 1945. Para ele,

Não há algum aspecto da Linguística, daqueles estudados no Curso, ao qual Saussure não tenha dado clareza e profundidade de conhecimento, algumas vezes, chegando já à interpretação satisfatória, em outras, fazendo, por meio de suas proposições, com que os linguistas posteriores tivessem que superá-lo: [...] na diacronia, as distinções entre mudança fonética e analogia, entre analogia e aglutinação, linguística externa e linguística interna, linguística prospectiva e retrospectiva; na sincronia, o discernimento entre língua oral e língua literária, entre oposição e diferença, entre relações sintagmáticas ou *in praesentia* e associativas ou *in absentia*; [...]. **Com razão, chama-se Saussure de o grande demarcador de antinomias.** (ALONSO, 1945, p. 8-9, grifo nosso).¹⁰⁵

Alonso destaca alguns pares de conceitos, possíveis de serem depreendidos a partir da leitura do CLG, tanto na perspectiva sincrônica da língua, como na visão diacrônica. Tal como Salum, denomina esses pares de antinomias. Embora Alonso indique, em nota de rodapé, que “como conjunto e estilo mental, as antinomias de Saussure procedem de Hegel, por meio do linguista hegeliano Victor Henry” (ALONSO, 1945, p. 9), não há em seu texto um lugar reservado à explicitação do que se deve entender por antinomias. Se voltarmos ao texto de Salum mencionado anteriormente, constataremos que há essa mesma falta no *Prefácio à Edição Brasileira*.

Considerando esse vão que se coloca no uso do termo “antinomia” como caracterizador das dualidades que podem ser depreendidas da teorização de Saussure, e tendo como base o significado comum, de “oposição entre dois elementos”, que geralmente rodeia esse termo, em nosso trabalho, procuramos nos afastar da perspectiva dicotômica e antinômica dos conceitos de Saussure. Nosso objetivo não é propor uma nova dicotomia para

¹⁰⁵ Tradução nossa: “No hay aspecto de la lingüística, de los estudiados en el Curso, al que Saussure no haya aportado claridad y profundidad de conocimiento, unas veces llegando ya a la interpretación satisfactoria, otras obligando con sus proposiciones a los lingüistas posteriores a superarlo: [...] en la diacronía, las distinciones entre cambio fonético y analogía, entre analogía y aglutinación, lingüística externa e lingüística interna, lingüística prospectiva e retrospectiva; en la sincronía, el discernimiento entre lengua oral y lengua literaria, entre oposición y diferencia, entre relaciones sintagmáticas o *in praesentia* y asociativas o *in absentia*; [...] Con razón se ha llamado a Saussure el gran deslindador de antinomias.”

a teorização do linguista, até porque nosso posicionamento se afasta de uma compreensão dos conceitos saussurianos de forma binária.

A esse respeito, destacamos a posição de Normand (2011) que, ao abordar o signo linguístico, apresenta a língua como um terceiro elemento que coloca significante e significado em relação:

A definição do signo linguístico, como entidade dupla, é desenvolvida no esquema em que figuram as relações das duas “nebulosas” do pensamento e da massa sonora. A língua é representada aí como “intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades. (NORMAND, 2011, p. 24).

A nosso ver, essa ótica de que há um elemento intermediário que coloca em relação os conceitos apresentados em pares pode se estender à compreensão de várias dualidades que são vistas, por muitos, como dicotomias. Barbisan e Flores destacam outras possibilidades de percepção das dualidades saussurianas como elementos perpassados por um terceiro mediador. De acordo com os autores:

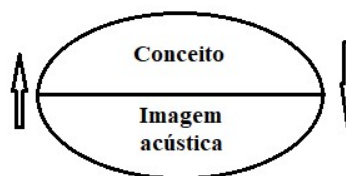
[...] o pensamento de Ferdinand de Saussure é normalmente associado a uma série de dicotomias: significante, significado, paradigma, sintagma, diacronia, sincronia; e a mais famosa: língua e fala. Sobre esse ponto vale nos determos um pouco mais. **A leitura do CLG permite dizer que Saussure parece não ter tomado essas dicotomias stricto sensu. Ao contrário, tudo indica que Saussure insiste num terceiro elemento, mediador da relação binária.** Desse ponto de vista, podemos considerar que Saussure explica as relações que facilmente seriam aprovadas aos olhos dos dialéticos. Vejamos: para a dicotomia significante/significado, há o signo; para relações sintagmáticas/relações associativas, há o sistema; para diacronia/sincronia, há pancronia; para língua/fala, há a linguagem. Tudo orquestrado por um grande terceiro, o valor: o conceito que sustenta a arquitetura teórica de Saussure. (BARBASIAN; FLORES, 2009, p. 8, grifo nosso)

Nessa mesma linha de pensamento, em um trabalho anterior (cf. COELHO, 2016), ressaltamos que a visão dicotômica dos princípios e conceitos saussurianos consiste, na verdade, em um posicionamento reducionista. Isso ocorre, pois considerar um par de conceitos como uma dicotomia significa pensá-los como elementos que se caracterizam unicamente em função da oposição que estabelecem um com o outro. Para nós, mesmo que haja oposição entre dois conceitos pares, o que importa, de fato, para a delimitação proposta por Saussure, é a ideia de complementaridade que os conceitos estabelecem entre si.

Consideremos a composição do signo linguístico pelo significante e significado. Se pensarmos na representação gráfica que compõe o CLG, notaremos que o significado se opõe

ao significante, tanto por ocuparem partes opostas do signo, como também por representarem coisas distintas: a imagem acústica é a parte mais material, devido ao fato de que tem o som como suporte, e o conceito é a parte menos material. Segundo Saussure:

O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura:



(SAUSSURE, 20116 [1916], p. 80).

Entretanto, essas oposições não têm valor para a teorização do linguista se não forem estabelecidas, tal como ressaltam Barbisan e Flores (2009), em função de um terceiro elemento que engloba ambos: o signo linguístico. Por conseguinte, o signo também não teria valor se não fosse considerado a partir do sistema de relações, que é a língua. É por essa razão que, mais do que oposições, as dualidades de Saussure são válidas pelo carácter complementar que apresentam entre si. Se retomarmos a reflexão do próprio Saussure a respeito da composição do signo linguístico no CLG, teremos que:

Esses dois elementos [significado e significante] estão intimamente unidos e um reclama o outro. Quer busquemos o sentido da palavra latina *arbor*, ou a palavra com que o latim designa o conceito “árvore”, está claro que somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conforme à realidade, e abandonamos toda e qualquer outra que se possa imaginar. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 80).

Como é possível notar no trecho acima, tanto o conceito como a imagem acústica têm valor apenas pela relação que estabelecem, de modo a constituírem o signo; este, por sua vez, só tem valor, porque é legitimado pela língua. É nesse sentido que buscamos considerar também o ponto de vista dual que acreditamos haver a respeito do objeto língua na teorização de Saussure. As línguas e a língua são vistas, a princípio, como coisas distintas, como objetos empíricos e objeto formal, que devem ser separados, em função de uma formalização do objeto de estudos da Linguística. Essa compreensão é reforçada principalmente devido às interpretações e comentários estabelecidos a partir da leitura do CLG.

O nosso objetivo, neste trabalho, consiste em mostrar que, na verdade, esses dois objetos se entrelaçam, revelando um terceiro elemento: a língua como um objeto não passível de uma formalização completa. A dualidade que se estabelece ao percebermos a incidência das línguas na delimitação do conceito saussuriano de língua consiste justamente numa

compreensão geral de língua enquanto objeto, a qual é possível depreender a partir da leitura e da análise do próprio CLG, e também de outros documentos saussurianos. Dito de outro modo, trata-se de perspectivas complementares, e não excludentes. A respeito desse entrelaçamento entre os objetos, conceitos e princípios de uma ciência, julgamos relevante mencionar Milner, que destaca que o ordenamento científico desses elementos ocasiona, necessariamente, um cruzamento. O autor ressalta que:

Ao erigir os princípios por meio dos quais a linguística vai se ver legitimada, Saussure entende realizar apenas o seguinte: ordenar cientificamente toda proposição que, enquanto linguista, ele irá articular. **A ciência, então, é o ponto ideal no qual todas as proposições se cruzam, instância simbólica através da qual o discurso se organiza.** (MILNER, 2012 [1978], p. 52, grifo nosso).

Paradoxalmente, a organização, a ordenação dos princípios e conceitos que fundamentam uma ciência leva necessariamente ao entrelaçamento desses mesmos elementos. É por esse motivo que não há como desvincular o conceito de língua do lugar de onde ele emana, ou seja, das línguas, do elemento a priori empírico; e tampouco é possível estudar as línguas sem considerar o sistema que rege seu funcionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos documentos utilizados como fontes deste trabalho – tanto o CLG como os conjuntos de manuscritos de Saussure – nos mostrou que, embora o conceito saussuriano de língua seja recorrentemente tomado como um objeto estritamente formal, é possível depreender a incidência da noção de línguas particulares em sua delimitação. Essa incidência, que pode ser vislumbrada mesmo partindo unicamente do CLG, indica a existência de um entrelaçamento entre a língua, enquanto um objeto formal, e as línguas particulares – ou idiomas – enquanto objetos empíricos.

Esse entrelaçamento é percebido pela frequência com que Saussure recorre – deliberadamente ou não – à noção de línguas particulares ou aos próprios idiomas para a conceituação daquilo que almejava que fosse um sistema geral. A partir dessa percepção, hipotetizamos que a língua, enquanto objeto de estudo da Linguística, não parece ser passível de uma formalização completa. Encontramos caminhos para refletir sobre essa hipótese tanto no CLG, como também em outros documentos em que Saussure se dedica à procura pela natureza da língua, e também em escritos em que o linguista estabelece reflexões sobre algumas línguas particulares e dialetos.

Embora seja uma hipótese que possa e mereça ser investigada a partir de outros pontos de vista e considerando diferentes corpora de pesquisa, acreditamos que seja plausível pensar no conceito saussuriano de língua como um objeto que transita entre o empírico e o teórico, não se permitindo formalizar por completo. Com essa compreensão, é possível tirar esse conceito de Saussure do lugar estigmatizado, em que muitas vezes é colocado, de objeto estritamente teórico e que não estabelece alguma relação com a realidade.

REFERÊNCIAS

ALONSO, A; Prólogo a la edición española. In: SAUSSURE, F. *Curso de linguística general*. Trad. de A. Alonso. 24. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1945. p. 7-22.

AUROUX, S. **La raison, le langage et les normes**. Paris : Presses Universitaires de France, 1998. <https://doi.org/10.3917/puf.auro.1998.01>

BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, F. **Curso De Linguística Geral**. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BARBISAN, B. L.; FLORES, V. N. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da Linguística. In: NORMAND, C.; BARBISAN, L. B. (org.); FLORES, V. N. (org.); **Convite à Linguística**. Trad. de C. C. V. Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009.

BÉGUELIN, M. J. Des coefficients sonantiques à la théorie des laryngales. In : AUROUX, S. (dir.). **Histoire des idées linguistiques** : hégémonie du comparatisme (Tome 3). Liège : Pierre Mardaga Editeur, 2000.

_____. Le rôle des exemples en français dans la réflexion linguistique de Ferdinand de Saussure. In : **SHS Web of Conferences**. n. 17, 2016.

BENVENISTE, E. Lettre de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. In : **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 21, p. 93-130. Genève : Droz, 1964 [1894].

_____. **Problèmes de Linguistique Générale**. Paris : Éditions Gallimard, 1966.

_____. **Problèmes de Linguistique Générale II**. Paris : Éditions Gallimard, 1974.

_____. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005.

Bibliothèque de Genève. Archives Ferdinand de Saussure 1867-1920. Disponível em : [http://w3public.ville-ge.ch/bge/odysee.nsf/Attachments/saussure_ferdinand_de_frameset.htm/\\$file/saussure_ferdinand_de.htm#4](http://w3public.ville-ge.ch/bge/odysee.nsf/Attachments/saussure_ferdinand_de_frameset.htm/$file/saussure_ferdinand_de.htm#4). Acesso em 14 jan. 2019.

BULEA, E. La nature dynamique des faits langagiers, ou de la “vie” chez Ferdinand de Saussure. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 59, p. 5-19. Genève : Droz, 2006.

CASTRO, M. F. C. P. Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (orgs). **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. Sobre a analogia na reflexão saussuriana. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**. São Paulo, v. 34, n. 3, p. 815-834, 2018.
<https://doi.org/10.1590/0102-44501063796130857>

CHIDICHIMO, A. Les premières leçons de Saussure a Genève, 1891: textes, temoins, manuscrits. **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Revue suisse de linguistique générale. Genève: Librairie Droz S.A, n. 62. p. 257-277. Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, 2009.

CHOI, Y. H., **Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure**. Paris, L'Harmattan, 2002, col. : Sémantiques, 146 p.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1965.
<https://doi.org/10.21236/AD0616323>

_____. **Novos Horizontes no Estudo da Linguagem**. DELTA [online]. Vol. 13, 1997, p.51-74. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 set. 2018.
<https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000300002>

COELHO, M. P. ; HENRIQUES, S. M. A fala em Ferdinand de Saussure: um conceito relacional, opositivo e negativo. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v.8, n. 1, p. 646-663, 2014. <https://doi.org/10.14393/DL15-v8n1a2014-36>

COELHO, M. P. **A noção de sistema na fundação da Linguística Moderna**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.

_____.; O “Prefácio à edição brasileira” do Curso de Linguística Geral. **Revista Leitura**. Uberlândia, v. 2, n. 14, p. 1-19, 2016.

_____. A trajetória de elaboração da noção saussuriana de sistema. **Domínios de Linguagem**, v. 12, n. 1, p. 396-434, 2018. <https://doi.org/10.14393/DL33-v12n1a2018-14>

_____. Caminhos e retornos: estratégias de abordagem de documentos saussurianos. **Revista Leitura: Novo retorno a Saussure**, Maceió, v. 1, nº 62, p. 394-414, 2019.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J. M.; PUECH, C. **Uma história das ideias linguísticas**. Trad. de J. Léon; M. Q Leite. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2017 [2010].

DE LEMOS, C. et al. Le saussurisme en Amérique latine. In : **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 56, p. 165-176. Genève : Droz, 2003.

DE MAURO, T. Introduction. In: SAUSSURE, F.; DE MAURO, T. **Cours de Linguistique Générale** - Édition critique préparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967.

_____. Notes. In: SAUSSURE, F.; DE MAURO, T. **Cours de Linguistique Générale** - Édition critique préparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967.

DUPLESSIS, P. **Concept, notion, savoir scolaire mise au point terminologique**. In DUPLESSIS, P. et BALLARINI-SANTONOCITO, I. (Dir.). Cartographie conceptuelle et didactique de l'information : dix cartes de concepts info-documentaires et étude préliminaire. Site de l'Académie de Nantes, 2007. Disponível em: http://www.pedagogie.ac-nantes.fr/1177924054937/0/fiche_ressourcepedagogique/&RH=DOC . Acesso em 12 jun. 2019.

DURKHEIM, E.; **Fato social e divisão do trabalho**. Comentário de R. Musse. São Paulo: Editora Ática, [1893] 2011.

ENCREVÉ, P. Labov, Linguistique, Sociolinguistique. In : LABOV, W. **Sociolinguistique**. Trad. De A. Khim. Paris : Les Édition de Minuit, 1976 [1972].

FLORES, V. N. O linguista e a Linguística no Curso de Linguística Geral. **Nonada** (Porto Alegre), v. 12, p. 28-41, 2009

FLORES, V. N.; AVILA, P. N.. Linguística da enunciação: uma herança saussuriana? **Organon** (UFRGS), v. 21, p. 199-209, 2007. <https://doi.org/10.22456/2238-8915.39592>

GAMBARARA, D. Un texte original: Présentation des textes de F. de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 58, p. 29-42. Droz, 2005a [2006].

GANDON, F. Présentation du dossier. In : SAUSSURE, F ; GANDON, F. (Org.). **Choquant d'harmonie** : Dossier du cours de versification française, BGE Ms. Fr. 3970/f donné à l'Université de Genève de 1900 à 1909 et Archives de Saussure, « Cahier Parny », 379/9. Textes établis et commentés par Francis Gandon. Limoges : Lambert-Lucas, 2017

GODEL, R. Inventaire des manuscrites de F. de Saussure remis a la Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, vol. 17, n. 17, p. 5-11. Droz, 1960.

_____. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure**. 2^e tirage. Genève : Librairie Droz, [1957] 1969.

HENRIQUES, S. M. **Relações entre a lenda e a língua**: em que a Mitografia esclarece à Linguística? 2018. Texto de qualificação (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

_____. **Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas**: uma relação entre a fala e a história. 2019. Tese de doutorado (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

JOSEPH, J. E. **Saussure**. Oxford : Oxford University Press, 2012.

LABOV, W. **Sociolinguistique**. Trad. De A. Khim. Paris : Les Édition de Minuit, 1976 [1972].

MARTINET, A. **Éléments de linguistique générale**. Rennes : Armand Colin, 1967.

MATSUZAWA, K. Le « décousu » du troisième cours de linguistique générale et le cercle herméneutique. In : BRONCKART, J. P. ; BULEA, E. ; BOTA, C. (Orgs). **Le projet de Ferdinand de Saussure**. Genève, Librairie Droz, 2012. p. 61-78.

MATTOSO CÂMARA JR. ; Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis : Editora Vozes, [1970] 2004.

MEJÍA QUIJANO, C. Sous les signe de doute – Présentation des textes de E. Constantin. **Cahier Ferdinand de Saussure**. Genève, n. 58, p. 43-67. Librairie Droz S.A, 2005.

_____. **Le cours d'une vie**. Portrait diachronique de Ferdinand de Saussure. Editions Cecile Default, 2008.

MEILLET, A. **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris : Librairie Honoré Champion, [1921] 1958.

_____. **Développements linguistiques. Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris : Librairie Honoré Champion, [1918] 1958.

MILNER, J. C. **O amor da língua**. Trad. de Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Editora da UNICAMP, [1978] 2012.

_____. Introduction à une science du langage. Paris : Seuil, 1989.

_____. Le périple structural : Figures et paradigmes. Paris : Seuil, 2002.

NORMAND, C. **Saussure**. Paris: Les Belles Lettres. 2000.

_____. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, [2000] 2009. 184 p. (Coleção Figuras do Saber).

_____. Saussure: uma epistemologia da Linguística. In: SILVEIRA, E. M. (Org.). **As bordas da linguagem**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

PARRET, H. **Le son et l'oreille** : six essais sur les manuscrits saussuriens de Harvard. Limoges : Lambert-Lucas, 2014.

PUECH, C.; RADZYNSKI, A. Fait social et fait linguistique: A. Meillet et F. de Saussure. **Histoire Épistémologie Langage**: Antoine Meillet et la linguistique de son temps. tome 10, fascicule 2, 1988. <https://doi.org/10.3406/hel.1988.2262>

RÉDARD, G. Deux Saussure? **Cahiers Ferdinand de Saussure** : revue de linguistique générale. Genève, v. 1, n. 32, p. 27-41, 1978.

SALUM, I. N. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, F. *Curso De Linguística Geral*. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1970].

SAUSSURE, F.; Première conférence à l'Université (cours d'ouverture, novembre 1891). In : **Papiers Ferdinand de Saussure, 3951/1**. Bibliothèque de Genève, 1891. 30 f.

_____. Notes sur l'étymologie des noms de lieux de la Suisse romande et sur les patois romands et chablaisiens. In : **Papiers Ferdinand de Saussure, 3956 – 18**. Bibliothèque de Genève, 1901-1904. 18 f.

_____. Cahier Parny (1900-1909). GANDON, F. (Org.). **Choquant d'harmonie** : Dossier du cours de versification française, BGE Ms. Fr. 3970/f donné à l'Université de Genève de 1900 à 1909 et Archives de Saussure, « Cahier Parny », 379/9. Textes établis et commentés par Francis Gandon. Limoges : Lambert-Lucas, 2017.

_____. Versification française (1900-1909). GANDON, F. (Org.). **Choquant d'harmonie** : Dossier du cours de versification française, BGE Ms. Fr. 3970/f donné à l'Université de Genève de 1900 à 1909 et Archives de Saussure, « Cahier Parny », 379/9. Textes établis et commentés par Francis Gandon. Limoges : Lambert-Lucas, 2017.

_____. Notes pour le cours III. In: **Papiers Ferdinand de Saussure, 3951 – 22**. Bibliothèque de Genève, 1910-1911. 56 f.

_____. **Curso de linguística geral**. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. *Cours de linguistique general*. Charles Bally e Albert Sechehaye (org.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

_____. **Cours de Linguistique Générale** - Édition critique préparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967.

_____. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

_____. Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes, Leipzig : B. G. Teubner, [1879] 1879. In : C. BALLY ; L. GAUTIER (Orgs.). **Recueil des**

publications scientifiques de Ferdinand de Saussure. Genève : Librairie Payot & Cie, 1969.

_____. ; BALLY, C. GAUTIER, L. **Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure.** Genève : Librairie Payot & Cie, 1969.

_____. **Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911):** d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

_____. **Première Cours de Linguistique Générale (1907):** d'après les cahiers d'Albert Riedlinger / Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907): from the notebooks of Albert Riedlinger. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Pergamon Press, 1996.

_____. **Deuxième Cours de Linguistique Générale (1908-1909):** d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois/ Saussure's second course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Pergamon Press, 1997.

_____.; **Escritos de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 2002.

_____.; AMACKER, R. (Org). **Science du langage** – De la double essence du langage. Genève : Librairie Droz, 2011.

_____. ; GANDON, F. (Org.). **Choquant d'harmonie** : Dossier du cours de versification française, BGE Ms. Fr. 3970/f donné à l'Université de Genève de 1900 à 1909 et Archives de Saussure, « Cahier Parny », 379/9. Textes établis et commentés par Francis Gandon. Limoges : Lambert-Lucas, 2017.

SECHEHAYE, A. C. Phonétique du grec et du latin: cours de M. Ferdinand de Saussure – Université de Genève 1891-1892. Texte établi par Alessandro Chidichimo. **Cahiers Ferdinand de Saussure.** Revue suisse de linguistique générale. Genève: Librairie Droz S.A, n. 62. p. 279-288. Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, 2009.

SÉRIOT, P. **Structure et totalité** : les origines intellectuelles du structuralisme en Europe centrale et orientale. Paris : Presses Universitaires de France, 1999.

SILVA, K. A. Breve estudo sobre os anagramas e sua relação com a teoria do valor de Saussure. In: SILVEIRA, E. M. (Org.). **Letras & Letras: Um século com a teoria do valor de Saussure.** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, 2009, p. 145-160.

SILVEIRA, E. M. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

_____. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

_____. **Manuscritos saussurianos**: histórico das abordagens existentes e proposta de uma nova abordagem. Relatório técnico de pesquisa. 2011.

_____. Uma leitura preliminar de dois manuscritos de Ferdinand de Saussure: “Conférences à l’Université” e “L’essence Double du langage”. In: XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA. 2011. Uberlândia. **Anais do SILEL**. v. 2, n. 2, Uberlândia, 2011.

SOFIA, E.; SWIGGERS, P. Le CLG à travers ses (premières) réceptions. **Cahiers Ferdinand de Saussure** : revue de linguistique générale. Genève, v. 1, n. 69, p. 9-16, 2016.

SOUZA, M. O. **Os anagramas de Saussure**: entre a poesia e a teoria. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia -MG.

_____. **Os anagramas de Saussure**: um percurso pelo lado pitoresco das línguas. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia -MG.

_____. **Os anagramas de Saussure**: entre a poesia e a teoria. Uberlândia: EDUFU, 2018.

TESTENOIRE, P. Y. A sombra do Curso (1960-1980). **Revista Leitura**: Novo retorno a Saussure, Maceió, v. 1, n° 62, p. 394-414, 2019. <https://doi.org/10.28998/2317-9945.2019v1n62p394-414>

TOUTAIN, A. G. **La rupture saussurienne**. Collection « Sciences du langage : carrefours et points de vue ». n 10. Paris : Academia L’Harmattan, 2013.

TURRA, B. M. **Ferdinand de Saussure e seu saber fazer com a escrita** – ou do que se circunscreve de um enigma. 2018. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

WHEWELL, W. **History of the inductive sciences**: from the earliest to the present times. Vol. 1. Londres: John w. Parker, West Strand; Cambridge: J. and J. J. Deighton, 1837. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511734342.002>

ANEXOS

- Excertos dos documentos manuscritos utilizados em nossas análises do capítulo terceiro:

Figura 1 – Primeiro excerto do item 3.2.1

~~les destins de~~ les censeurs n'ont ^{depuis le comen} ^{ou 16^e s.} ~~pas~~
~~la science de~~ d'ici
 les destins de Aucune époque du reste n'a manqué
 de censeurs qui réclamaient contre
 l'insuffisance des rimes chez leurs contemporains,
 et ~~c'est~~ l'école romantique, en réagissant
 avec Victor Hugo, n'a fait que reprendre
 une très vieille tradition, datant de Marot.
 Presque tous les poèmes de Clément Marot sont
 Aucune époque du reste n'a été ~~plus~~ ^{propre} ~~aussi~~ ^à ~~per-~~
~~suadée~~ plus éloignée de la rime pauvre que
 le XVII^e siècle à sa naissance : c'est postérieurement,
 et par un phénomène absolument curieux
 que ^{un} relâchement s'est produit ^{quant à la}
~~sur~~ ^{juste au} ~~le~~ ^{au} ~~moment~~ ^{moment} où les lois devenaient
 draconiennes pour l'hiatus et d'autres ^{autres} ~~pechés~~
 plus ou ~~moins~~ ^{des} plus pardonnables que ^{tolérait} ~~le~~ ^{le} vers traditionnel.
 C'est ainsi arrivait-il que le XVII^e siècle débute avec un ^{vers}

Fonte: (SAUSSURE, CP, 1900-1909, f.5).

Figura 2 – Segundo excerto do item 3.2.1

ne lui découvre ~~cette~~ vertu harmonique. La
 rime ~~altérée~~ non alternée est une suite de
 l'assonance, qui fut une manière ennuyeuse
 de terminer les vers entre le XI^e et le XIV^e
 et à laquelle on s'est tenu par servilité. Au
 contraire la rime alternée provient d'un
 principe totalement indépendant des racines his-
 toriques de l'assonance, et esthétiquement approu-
 vable.

Fonte: (SAUSSURE, VF., 1900-1909, f. 7).

Figura 3 – Primeiro excerto do item 3.2.2

Comme tout le monde sait que la période classique a commencé au XVII^e Siècle, avec Molière et Corneille, on se fait généralement une sorte d'épouvantail de tout ce qui existe auparavant, et on est trop porté à se figurer que les auteurs du XVI^e Siècle (en particulier) sont excessivement difficiles à comprendre. C'est là une idée fautive. J'affirme que quiconque comprend Corneille peut aussi comprendre Ronsard et même Marot dans ses plus anciennes pièces, remontant jusqu'à 1512.

Il n'y a presque pas d'autre différence capitale pour la compréhension de la langue que de se rappeler que la négation ne...pas, est chez les auteurs du XVI^e Siècle simplement ne. C'est peut-être ce détail qui crée la plus grande difficulté à ceux qui jettent les yeux sur un texte

Fonte: (SAUSSURE, VF, 1900-1909, f. 9).

Figura 4 – Segundo excerto do item 3.2.2

Des textes ci-après

Les archaïsmes inutiles de l'orthographe ~~ne~~ ^{ont été} ~~sont pas observés~~ dans les textes du 16^e Siècle à dessein éliminés. Nous appelons archaïsmes inutiles ceux qui ne correspondent à aucune différence particulière de la prononciation ^{du XVI^e Siècle} ~~antérieure~~ ^{par rapport} à la nôtre. Il est par exemple légitime d'écrire Si l'on écrit ~~par exemple~~ fête pour fete dans Corneille, il n'y a pas de raison pour ne pas le faire également dans Marot, car la prononciation feste ^{même} avait cessé d'exister aussi bien avant Marot qu'avant Corneille; maintenir spécialement cette orthographe ^{qui ne sert à rien} est un parti pris ~~qui est de nature à induire en erreur sur le~~ son véritable de ses formes poétiques (laine ou partiaidiv).

margin notes:
ceux qui ne correspondent pas à une différence particulière de la prononciation du XVI^e Siècle
qui n'est pas légitime
même en même

Fonte: (SAUSSURE, CP, 1900-1909, f.7 verso).

Figura 5 – Terceiro excerto do item 3.2.2

Je vais mentionner à présent une modification vocalique
qui est liée aussi à un changement dans les consonnes:

Le groupe st a donné régulièrement θ . En regard
de tsatá chanter, de sotá sauter, mutá mouton, etc. on a :

tsadi castellum, paduriá ^{marc} parc pour le bétail,
báto bâton.

Fonte: (SAUSSURE, NENL, s., pasta 18, f. 8 verso).

Figura 6 – Excerto único do item 3.2.3

Il n'y a aucun intérêt p^r la théorie
du rythme français à étudier les bons
vers, ni les médiocres. L'intérêt est de
découvrir des vers décidément mauvais
et à se demander pourquoi ces vers sont
Contraires à notre sentiment du rythme.
La 1^{re} étude ne peut rien donner, parce
que la qualité du vers fr. est précisément
son élasticité pour le rythme, ce qui fait
qu'il y a cent manières aussi bonnes les uns
que les autres d'arranger le rythme. Mais quand
on découvre un cas où malgré cette latitude
un poète réussit à contraindre la langue
et la forme poétique ^{suffisante}
pour que cela se sente à l'oreille,
on a alors une base d'autant plus
remarquable pour juger de ce qui
constitue en dernière analyse le

Lequel il
est presque
impossible
en fr. de faire
un vers
= vers vers
de pour
de vers
rythme
Donc on a observé
les lois exté-
rieures

Fonte: (SAUSSURE, CP, 1900-1909, f. 9 verso).

Figura 7 – Primeiro excerto do item 3.2.4

Il me semble
qu'on peut considérer
ce dialecte français comme
parfaitement autochtone
et original, car toute
la contrée où il régnait
a dû être
latinisée profon-
dément. Elle
s'étend précisément
entre les 2 colonies
romaines importantes
d'Arvernes Aventicum
et de Nyon Novio-
durum en passant
par Orléans, autre
centre romain
très considérable.

C'est dans ce patois que sont composées deux
chansons fort connues, ~~et~~ et qui symbolisent
les deux aspects de la vie populaire et des travaux
journaliers dans le pays de Vaud et dans celui
de Fribourg. L'une, la chanson des bords du
Léman, est la Chanson des Végrolans (vignerons).
L'autre, la chanson fribourgeoise, a acquis une
certaine célébrité même à l'étranger pour avoir
été interdite dans les régiments suisses au ser-
vice de France. C'est le Ranz des Vaches ou
Chanson des Armaillis (pâtres). Il était défendu
d'en jouer l'air, parce qu'il inspirait, paraît-il,
à la troupe une nostalgie invincible qui amenait
des désertions en masse.

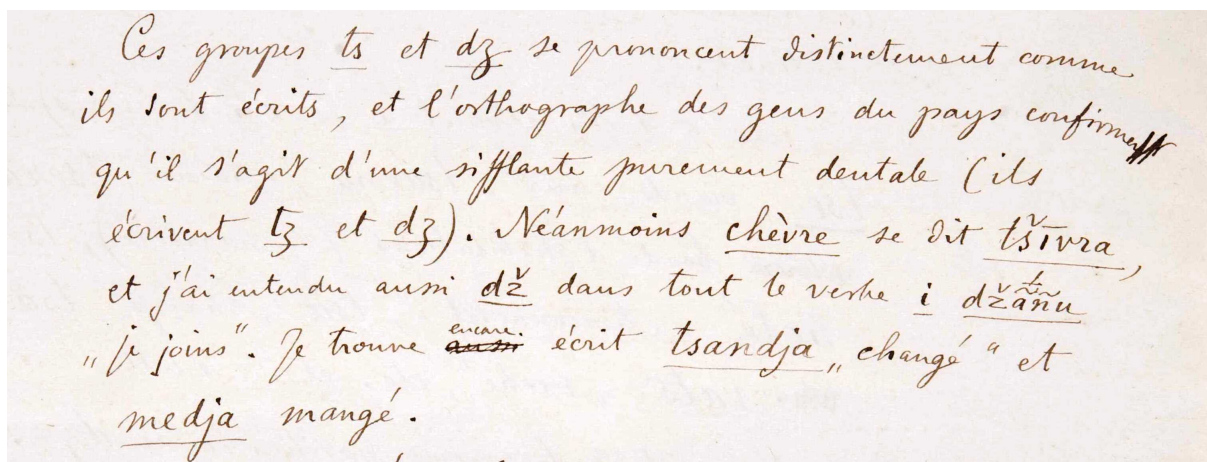
Fonte: (SAUSSURE, NENL, 1901-1904, pasta 18, f. 2 verso).

Figura 8 – Segundo excerto do item 3.2.4

La voyelle finale ~~antérieure~~ des mots de la première
et de la 2^e déclinaison latine est encore dans l'état
représenté par l'italien, avec cette différence que l'o
final s'est changé en u. Du reste cet u, avec la
consonne sur laquelle il s'appuie, n'apparaît, à
peu d'exceptions près (p. ex. vévu viduus en
regard de veuf), que dans les masculins où le
français garde encore un e muet. Exemples:
lu tsānu le chêne.
la fēna la femme.

Fonte: (SAUSSURE, NENL, 1901-1904, pasta 18, f.3).

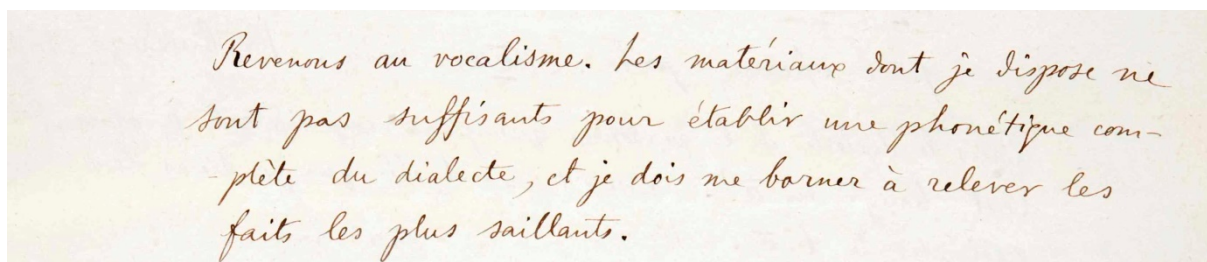
Figura 9 – Primeiro excerto do item 3.2.5



Ces groupes ts et dz se prononcent distinctement comme ils sont écrits, et l'orthographe des gens du pays confirme qu'il s'agit d'une sifflante purement dentale (ils écrivent tz et dz). Néanmoins chèvre se dit tšivra, et j'ai entendu aussi dž dans tout le verbe i džānu "je joins". Je trouve ~~aussi~~ écrit tsandja "changé" et medja mangé.

Fonte: (SAUSSURE, NENL, 1901-1904, pasta 18, f. 4 verso).

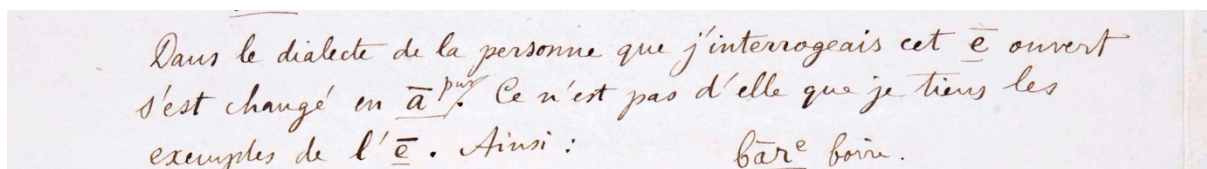
Figura 10 – Segundo excerto do item 3.2.5



Revenons au vocalisme. Les matériaux dont je dispose ne sont pas suffisants pour établir une phonétique complète du dialecte, et je dois me borner à relever les faits les plus saillants.

Fonte: (SAUSSURE, NENL, 1901-1904, pasta 18, f. 6).

Figura 11 – Terceiro excerto do item 3.2.5



Dans le dialecte de la personne que j'interrogeais cet e ouvert s'est changé en a^{pur}. Ce n'est pas d'elle que je tiens les exemples de l'e. Ainsi : bare bon.

Fonte: (SAUSSURE, NENL, 1901-1904, pasta 18, f. 6 verso).

- Excertos dos documentos manuscritos utilizados em nossas análises do capítulo quarto:

Figura 12 – Primeiro excerto do item 4.1

L'objet d'une
 philosophie
 générale
 légitime
 d'autres sciences d'occu-
 per d'un objet propre
 On peut seulement demander à chaque
 science d'avoir un objet digne d'at-
 tention sérieuse, c. à d. un objet qui
 joue un rôle ~~incontestable~~ ^{incontestable} dans les
 choses de l'univers ~~et dans celles de~~
 l'humanité; et le rang qu'occupera cette
 science sera proportionné à l'importance
 de l'objet dans ~~ce ensemble~~ ^{le monde}.
 Maintenant, estime-t-on
 si...

On s'occupe
 art tout
 les choses de
 L'objet d'une
 philosophie
 générale
 légitime

Fonte: (SAUSSURE, 1ª C, 1891, f. 4).

Figura 13 – Segundo excerto do item 4.1

le but vers lequel elle marche : de phénomène
 du langage, ^{en lui-même} ~~la lui-même~~, tant- il ou ne
 tant- il pas la peine qu'on l'étudie, soit
 en ses manifestations d'ours soit ~~aussi~~
~~parfois~~ de sa loi générale, telle
 qu'elle pourraient être déduites par des
~~manifestations~~ ^{deux} des formes particulières, - telle
 est d'une façon très claire et catégorique.
 le terrain sur lequel se place actuellement
 la science du langage.

T.H.V.P. ~~Le langage? Mais la parole? C'est~~
~~une chose que nous oublions généraliser~~
~~passer de~~ ~~le langage ou la langue~~ -
 car c'est la même chose, ce n'est rien

T.H.V.P. D'autre sur la généralisation de cela,

Fonte: (SAUSSURE, 1ª C, 1891, f. 5).

Figura 14 – Terceiro excerto do item 4.1

des langues. Langue et langage ne sont
 qu'une même chose; ~~donc~~ l'un est la gé'nérali-
 -sation de l'autre. Vouloir étudier le langage

⑨ Sans se donner la peine ^{d'en étudier les ~~différences~~ ^{manifestations}} les
 langues est une entreprise absolu-
 ment vaine. ^{D'un autre côté} vouloir étudier les
 langues sans en oubliant que ces
 langues sont primordiallement régies par
 certains principes ^{historiques} ~~historiques~~ qui ^{sont} ~~ont~~ résumé
 dans ~~par~~ l'idée de langage, est d'un autre
 côté ~~une entreprise dénuée de tout in-~~
~~terêt scientifique et~~ ^{un} travail dénué
 de toute signification scientifique, de la
 base ~~intelligible~~ scientifique véritable.

Fonte: (SAUSSURE, 1^a C, 1891, f. 8-9).

Figura 15 – Quarto excerto do item 4.1

11
 Le point de vue auquel nous sommes arrivés,
 d'ailleurs, et qui est simplement le point de vue
~~scientifique~~ ^{scientifique} sur s'inspire l'étude de la langue, en font les
 les branches, fait voir très clairement qu'il n'y a
 pas de séparation entre l'étude du langage
 et l'étude ~~des langues~~ ^{des langues}, de telle ou
 telle famille, mais que d'un autre côté chaque
 division et subdivision de la langue représente un
 document nouveau, et intéressant au même
 titre que tout autre, pour le fait universel du lan-
 -gage. L'Université de Genève ^à ~~à~~ tenu les ~~ses~~
^{bon droit}

Fonte: (SAUSSURE, 1^a C, 1891, f. 12).

Figura 16 – Primeiro excerto do item 4.1.1

~~C'est~~ La présence d'idiomes celtiques en gaule,
et leur disparition lente sous l'influence de la
domination romaine ~~et~~ constituent gr. ex. De
grands faits historiques. C'est là le point de
vue de la langue dans l'Histoire, mais ce
n'est pas le point de vue de l'histoire de la langue.

Fonte: (SAUSSURE, 1ª C, 1891, f. 16).

Figura 17 – Segundo excerto do item 4.1.1

~~mes~~ ~~av~~ ~~un~~ ~~mot~~ ~~historique~~ ~~pr~~ ~~celtique~~ ~~iste~~. c'est sur ce sujet
suj'aurais voulu solliciter votre attention presque
d'anté ~~pré~~ambule, car il contient tout: plus
on étudie la langue, plus on arrive à mieux se
pénétrer ~~encore~~ de ce fait que tout dans la langue
est histoire, c.à.d. qu'elle est un objet de ~~de~~ ~~caus~~
d'analyse ~~de~~ ~~action~~ historique, et non de ~~de~~ ~~considération~~
d'analyse abstraite, qu'elle se compose de faits, et non de
lois, que tt ce qui semble organique de la langue
est en réalité contingent et complètement accidentel.

Fonte: (SAUSSURE, 1ª C, 1891, f. 15).

Figura 18 – Terceiro excerto do item 4.1.1

p. ex.
 l'art,
 la religion,
 le costume
 et

que nous donnons à ce terme. Quelle est donc la
 2^e condition ~~posée~~ impliquée par le mot de science
 d'histoire. - c'est que l'objet qui fait la matière de
 l'histoire [représente], d'un sens quelconque, des
actes humains, régis par la volonté et l'intelligence
 humaine, - et qui d'ailleurs doivent être tels
 qu'ils ^{ne} intéressent pas seulement l'individu mais ~~une~~
 la collectivité. ~~impersonnelle~~

Fonte: (SAUSSURE, 1^a C, 1891, f. 18).

Figura 19 – Quarto excerto do item 4.1.1

~~ne sont pas~~ ne sont pas
 ne s'pas saxons ou scandinaves sont claires gothiques. Mais tous ces faits, grands
 ou petits,

17 par où la langue se trouve mêlée ^(à la vie politique, sociale, etc.) à la
 vie des peuples, ~~et de fait pas~~ ne sont pas je le
 répète ou ne sont que de temps à autre ce qu'on
 peut appeler la vie de la langue elle-même.

Fonte: (SAUSSURE 1^a C, 1891, f. 16-17).

Figura 20 – Quinto excerto do item 4.1.1

C'est à l'autre point de vue par conséquent que la science du langage revendique le titre de science historique. - C'est que la langue ~~a une histoire~~, en elle-même a une histoire qui se déroule perpétuellement, qui est faite d'une succession d'événements linguistiques, ~~complets~~ ^{lesquels} ~~qui~~ n'ont point eu de retentissement au-dehors, ~~de même qu'ils sont~~ ~~complètement indépendants~~ et n'ont jamais été inscrits par le célèbre burin de l'histoire; de même qu'à leur tour ils sont complètement indépendants en général de ce qui se passe au-dehors. La langue est donc une chose charriée

Fonte: (SAUSSURE, 1^a C, 1891, f. 17).

Figura 21 – Primeiro excerto do item 4.2.1

Comme il a été indiqué, ~~les deux premières~~ sections nous divisons notre cours en 3 parties, et les titres des 2 premières parties ne diffèrent que par un singulier ou un pluriel: 1^e partie, Les langues, 2^e partie la langue. Cette différence suffit en ~~réalité~~ ^{impliquant sans équivoque} à marquer ~~parque~~ ^{la différence} ce que doit être la différence de contenu entre les 2 parties.

Fonte: (SAUSSURE, Notes pour le cours III, 1910-1911, f. 3)

Figura 22 – Segundo excerto do item 4.2.1

^{d'effacement}
^{centralisation}
^{de la}
 Il n'est pas utile, comme on le croirait ^{pr. être} ^{prudent}
 de vouloir ~~de~~ mieux expliquer l'opposition ~~par~~
 d'emblée, par ex. en opposant ¹ les langues – ² la
 Vie de la langue. Nous serions en effet ~~face~~ ^{redoublés} ^{le même}
^{au même}
 = raires ~~en affirmant que~~, à mon
^{certitude}
~~avis~~ Estimation, en ~~dit~~ sous-entendant par un titre que les
 choses qui ont une valeur générale pour caractériser
 la langue font toute partie d'une vie, d'une biologie
^{ou d'histoire}
 à écrire ~~sur~~ il y en a beaucoup qui ~~paraissent être~~ ^{biologiques} de cet
 organisme : il y en a beaucoup qui ~~affectent~~ ^{offrent} cet aspect

Fonte: (SAUSSURE, Notes pour le cours III, 1910-1911, f. 3)

Figura 23 – Terceiro excerto do item 4.2.1

Serait-ce une opinion, en tout cas, ^{sur}
 rien vouloir trancher par le titre? Les langues, c'est
 l'objet concret qui s'offre à la surface du globe
 au linguiste. La langue c'est le titre qu'on
^{phénomène, comme}
^{très vague.}
 peut donner à ce que le linguiste aura su tirer de ses
 observations sur l'ensemble des langues, à travers le temps, et à tout moment

Fonte: (SAUSSURE, Notes pour le cours III, 1910-1911, f. 3)